Ministério da Indústria e do Comércio
Instituto do Açúcar e do Álcool
ANO XXXVIII — VOL. LXXVI — AGÔSTO DE 1970 — Nº 2

Ministério da Indústria e do Comércio
Instituto do Açúcar e do Álcool

CRIADO PELO DECRETO N.º 22-789, DE 1.º DE JUNHO DE 1933

Sede: Praça 15 de Novembro, 42 — Rio de Janeiro — C.P. 420 End. Teleg. «Comdecar»

TELEFONES:

Presidência

Presidente	231-2741
Chefe de Gabinete *Cel. Carlos Max de Andrade*	231-2583
Assessoria de Imprensa	231-2689
Assessor Econômico	231-3055
Portaria da Presidência	231-2853

Conselho Deliberativo

Secretária *Marina de Abreu e Lima*	231-2653

Divisão Administrativa

Vicente de Paula Martins Mendes

Gabinete do Diretor	231-2679
Secretaria	231-1702
Serviço de Comunicações	231-2543
Serviço de Documentação	231-2469
Serviço de Mecanização	231-2571
Serviço Multigráfico	231-2842
Serviço do Material	231-2657
Serviço do Pessoal	231-2542
(Chamada Médica)	231-3058
Seção de Assistência Social	231-2696
Portaria Geral	231-2733
Restaurante	231-3080
Zeladoria	231_3080
Armazém de Açúcar, Garagem, Arquivo Geral — Av. Brasil	234-0919

Divisão de Arrecadação e Fiscalização

Elson Braga

Gabinete do Diretor	231-2775
Serviço de Fiscalização	231-3084
Serviço de Arrecadação	231-3084
Iisp. Regional GB	231-1772

Divisão de Assistência à Produção

Ronaldo de Souza Vale

Gabinete do Diretor	231-3091
Serviço Social e Financeiro	231-2758
Serviço Técnico Agronômico	231-2769
Serviço Técnico Industrial	231-3041
Setor de Engenharia	231-3098

Divisão de Contrôle e Finanças

Normando de Moraes Cerqueira

Gabinete do Diretor	231-3690 / 231-3046
Subcontador	231-3054
Serviço de Aplicação Financeira	231-2737
Serviço de Contabilidade	231-2577
Tesouraria	231-2733
Serviço de Contrôle Geral	231-2527

Divisão de Estudo e Planejamento

Antônio Rodrigues da Costa e Silva

Gabinete do Diretor	231-2582
Serviço de Estudos Econômicos	231-3720
Serviço de Estatística e Cadastro	231-0503

Divisão Jurídica

Rodrigo Queiroz Lima — em exercício.

Gabinete Procurador Geral	231-3097 / 231-2732
Subprocurador	231-3223
Seção Administrativa	231-3223
Serviço Forense	231-3223
Revista Jurídica	231-2538

Divisão de Exportação

Francisco Watson

Gabinete do Diretor	231-3370
Serviço de Operações e Contrôle	231-2839
Serviço de Contrôle de Armazéns e Embarques	231-2839

Serviço do Álcool (SEAAI)

Yêda Simões Almeida - em exercício.

Superintendente	231-3082
Seção Administrativa	231-2656

Escritório do I.A.A. em Brasília:

Edifício JK Conjunto 701-704	2-3761

BRASIL AÇUCAREIRO

Órgão Oficial do Instituto do Açúcar e do Álcool

(Registrado sob o n.º 7.626 em 17-10-34, no 3.º Ofício do Registro de Títulos e Documentos).

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

Rua 1º de Março, nº 6 - 1º Andar
Fone 231-2469 — Caixa Postal 420

ASSINATURA ANUAL:

Brasil	Cr$ 12,00
Exterior	US$ 5,00
Via aérea	US$ 6,00
N.º avulso	Cr$ 2,00

Diretor
Claribalte Passos

Editor
Sylvio Pélico Filho

Circulação
Nício de Lima Barbosa

Agente de Publicidade
Durval de Azevedo Silva

Expediente
Darcyra de Azevedo Lima

Revisão
Neline Rodrigues Mochel
José Silveira Machado
J. Coracy Fontelles

COLABORADORES: *Wilson Carneiro, Gilberto Freyre, Octávio Valsechi, Mauro Mota, Pietro Guagliumi, Mário Souto Maior, Omer Mont'Alegre, Hugo Paulo de Oliveira, J. Motta Maia, Fernando da Cruz Gouvêa, J. P. Stupiello, Tobias Pinheiro, G.M. Azzi, Vicente Salles, M. Coutinho dos Santos, Elmo Barros, Bento Dantas, Nelson Coutinho, Paulo de Oliveira Lima, Herval Dias de Souza, Dalmiro Almeida, Frederico Veiga, Lycurgo Vellosso e H. Estolano.*

Pede-se permuta.
On dêmande l'échange.
We ask for exchange.
Pidese permuta.
Si richiede lo scambio.
Man bittet um Austausch.
Intershangho dezirata.

sumário

EDIÇÃO CULTURAL

AGÔSTO — 1970

NOTAS E COMENTÁRIOS:

CAPA: *H. Estolano*

notas e comentários

APRESENTAÇÃO

NÃO é tarefa muito fácil apresentar uma revista como esta. Diante de tantos nomes de projeção em nosso meio intelectual, ficamos quase tolhidos nesta apreciação sintética sôbre o que representa, a nosso ver, a presente edição, que a partir de agora tomamos a liberdade de denominar de EDIÇÃO CULTURAL, a sexta de uma série iniciada em 1965.

Um ano exatamente, de agôsto de 1969 a agôsto de 1970, levamos reunindo material para êste número. Um ano, repetimos, a equipe de BRASIL AÇUCAREIRO a fazer contatos em várias áreas culturais, a fim de ter condições para oferecer aos leitores as matérias aqui publicadas.

Foi compreendendo a importância do Folclore, da História, da Sociologia e da Antropologia na formação de um povo, no desenvolvimento de um país, que fomos buscar nos motivos populares, especialmente na área canavieira, material para editar uma revista cultural, não fôsse o açúcar, como assinalou o Professor Rodolfo Coutinho, um produto que "representa a história de uma boa parte do gênero humano", ou, como asseverou Fernando da Cruz Gouvêa, no caso do Brasil, "como o formador de uma sociedade cheia de características próprias e chega aos nossos dias sem esgotar sua influência em nossa economia e em nossa existência".

Tradicionalmente técnica, representante única na divulgação de trabalhos científicos no setor agrocanavieiro, BRASIL AÇUCAREIRO foge em agôsto à sua apresentação habitual. Dedicamos, pois, êste número à Cultura, na certeza de estarmos contribuindo, embora modestamente, para a maior grandeza de nosso País neste aspecto.

Finalizando, registramos aqui o nosso agradecimento ao Pesquisador Evandro Rabello, por ter autorizado a ilustração dêste número com xilogravuras de José Costa Leite, reunidas em excelente álbum por Evandro, edição da Companhia Editôra Pernambuco, apresentação de Ariano Suassuna, intitulado "20 Xilogravuras do Nordeste".

O EDITOR

AGÔSTO, MÊS DO FOLCLORE

O "Dia do Folclore", comemorado em 22 de agôsto em todo o mundo, recorda a data em que foi lançada a palavra *Folk-lore,* em 1846, através da revista londrina *The Atheneum* pelo arqueólogo inglês William John Thomas.

No Brasil, oficializada pelo decreto n.º 56.747, de 1965, as comemorações se estendem a todo o território nacional e em alguns Estados se realizam programações mais extensas, abrangendo uma "Semana de Folclore" ou mesmo um "Mês de Folclore", como ocorre em São Paulo. Festivais, palestras, exposições, trabalhos escolares e muitas outras atividades são realizadas durante o mês de agôsto, especialmente no dia 22, a data nacional do Folclore.

Transcrevemos abaixo o texto do Decreto n.º 56.747, de 17 de agôsto de 1965, que instituiu o "Dia do Folclore":

— O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, inciso 1, da Constituição e:

Considerando a importância crescente dos estudos e das pesquisas do Folclore em seus aspectos antropológico, social e artístico, inclusive como fator legítimo para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira;

Considerando que a data de 22 de agôsto, recordando o lançamento pela primeira vez, em 1846, da palavra Folk-Lore, é consagrada a celebrar êste evento;

Considerando que o Govêrno deseja assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira, decreta:

Art. 1.º Será celebrado, anualmente, a 22 de agôsto, em todo o território nacional, o Dia do Folclore.

Art. 2.º A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional de Folclore do Instituto Brasileiro de Educação e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem-se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do folclore na formação cultural do país.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 17 de agôsto de 1965; 144.º da Independência e 77.º da República. (ass.) H. CASTELLO BRANCO, Flávio Suplicy de Lacerda".

COMISSÃO PERNAMBUCANA DE FOLCLORE

Em ofício dirigido ao Prefeito de Recife, o Prof. Waldemar Valente, Secretário-Geral da Comissão Pernambucana de Folclore, solicitou uma sede onde possa instalar Museu, Discoteca, Biblioteca e Arquivo Sonoro, que reflitam em sua plenitude e autenticidade, os vários aspectos da cultura popular pernambucana.

MÃE PRETA TERÁ SEU DIA

Foi apresentado no Congresso Nacional o projeto de Lei n.º 1 100-A/63 que institui o "Dia da Mãe Preta" sôbre o qual a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro deu o seguinte parecer:

"Considerando que o negro representa um dos elementos constitutivos da etnia brasileira e considerando ainda que a formação cultural do país se fêz isenta de preconceitos raciais explosivos e que, ao contrário, a interação social se processou, entre nós, de forma equilibrada e contínua, possibilitando a fusão dos elementos primários básicos, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro é de parecer que a instituição do "Dia da Mãe Preta", conforme o projeto de Lei n./ 1 100-A/63, se traduz numa homenagem do povo brasileiro àquela mulher que nutriu sucessivas gerações de brasileiros, alguns dos mais ilustres homens de nossa Pátria, nas letras, nas artes, nas atividades liberais em geral, no sacerdócio, nas armas, enfim em todos os momentos, inclusive no labor cotidiano, em que o Brasil se faz presente na História.

A "Mãe Preta" não é apenas uma figura do folclore nacional, carinhosamente evocada em nossas canções e em nossos contos populares. É, sobretudo, a mulher que ajudou a construir o nosso país, dando-lhe seu sangue, a vitalidade de suas energias, a fidelidade e dedicação à terra que a recebeu sob o estigma

do cativeiro e ao povo, desta mesma terra, que lutou por sua libertação. É assim figura importante em nossa história social.

Em São Paulo, num logradouro público, já existe um monumento em seu louvor. O "Dia da Mãe Preta", no nosso parecer, é uma consagração a essa mulher que admiramos e cujo sangue corre nas nossas veias em larga escala, merecendo pois ser aprovado, como ensejo, para que lhe sejam sempre tributados os testemunhos de gratidão nacional. — as.) *Renato Almeida*".

FOLCLORE BAIANO NO MUNICIPAL/RIO

Com uma exposição de objetos típicos, publicações e discos e com a apresentação, nos dias 14 e 15 de julho último, — que faz projeção do folclore no teatro — no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Grupo "Vivabahia" exibiu-se pela primeira vez para o público carioca. O espetáculo intitula-se "Aluandê" e 35 figurantes apresentaram números de candomblé de Keto, capoeira, puxada de rêde, samba de roda, samba de faca, maculelê e vários outros motivos do folclore baiano.

A projeção dêsse folclore, feita com arte e sentido de reprodução da autenticidade, resulta de pesquisas realizadas pela professôra Emília Biancardi Ferreira nas fontes da cultura africana na Bahia. O conjunto já gravou três discos LPs e conta com a assistência de alguns mestres em capoeira, maculelê e candomblés da velha Bahia, o que contribui para autenticar a projeção folclórica no sentido artístico, plástico, musical e coreográfico.

FOLCLORE NO PLANO NACIONAL DE CULTURA

O Conselho Federal de Cultura enviou ao ministro Jarbas Passarinho, titular da pasta da Educação e Cultura, anteprojeto para o "Plano Nacional de Cultura" que visa situar a cultura como todo produto de criação humana, para defesa, preservação e em benefício do desenvolvimento do País.

O anteprojeto foi elaborado em decorrência do Decreto-lei n.º 74, de 21 de novembro de 1966, que atribuiu ao Conselho Federal de Cultura o encargo de promover atividades que visem o desenvolvimento cultural do Brasil nos campos científico, artístico, literário e histórico.

O documento do Conselho Federal de Cultura considera que uma cultura nacional deve ser entendida em seu sentido antropológico ou sociológico, isto é, tudo aquilo que é criação do homem, em suas concepções, seus hábitos, suas idéias, suas invenções. Cultura nacional é portanto também produto das técnicas, das criações populares, das concepções criadas, das superstições acumuladas, tipos de habitação, vestuários, hábitos alimentares, religiosidade popular, em suma, todo espírito de que a população é portadora.

No anteprojeto, consideram-se meios adequados para a realização do Plano Nacional de Cultura (Art. 11), entre outras disposições, a preservação das tradições e do folclore regional.

DIA DA INDEPENDÊNCIA COM CELEBRAÇÕES FOLCLÓRICAS

A fim de atender as disposições da Lei n.º 5.571, de 28 de novembro de 1969, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro programou várias atividades para a celebração do "Dia da Independência". O programa geral, organizado pelo Ministério da Educação e Cultura, em coordenação com as Secretarias de Educação dos Estados e com as Prefeituras Municipais, inclui solenidades e atos civis comemorativos, com a finalidade de explicar o significado político do acontecimento, exaltar a idéia da Pátria, as tradições nacionais, inclusive com festas e espetáculos públicos, preferentemente de cunho folclórico, palestras e conferências, exposições e outras atividades alusivas à data.

EUCLIDES DA CUNHA

O Conselho Estadual de Cultura, Rio de Janeiro, Guanabara, vai sugerir ao Ministério dos Transportes que dê o nome de Rodovia EUCLIDES DA CUNHA à Estrada Transamazônica. A proposta partiu do professor Eraldo Lopes, considerando o fato de ter sido Euclides da Cunha, o consagrado autor da obra *Os Sertões*, o pioneiro da idéia da construção de uma estrada transamazônica.

AÇÚCAR EM ALAGOAS

Em edição do MUSEU DO AÇÚCAR, do Recife, órgão do Instituto do Açúcar e do Álcool, vem de ser lançado o livro CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO AÇÚCAR EM ALAGOAS, de autoria do historiador *Moacir Medeiros de Sant'Ana,* Diretor do Arquivo Público do Estado de Alagoas, prefaciado pelo Prof. *Manuel Diégues Júnior.*

Sôbre essa obra, que está despertando assinalado interêsse no campo da agroindústria açucareira nacional, lê-se na orelha o texto que se segue:

Assegura Manuel Diégues Júnior, em Prefácio, que êste livro traz "não apenas uma contribuição para a história do açúcar nas Alagoas; traz, isto sim, tôda uma soma de revelações e de dados ou elementos que até hoje não haviam sido explorados," afirmando que seu autor havia se tornado "o maior conhecedor da história das Alagoas, não por ouvir dizer ou por repetir o que os antigos já disseram, mas por pesquisar, investigar, estudar, comparar", ajuntando que na modéstia de uma *contribuição* Moacir Medeiros de Sant'Ana oferece "muita coisa nova, ainda não dita, inexplorada pelos que o antecederam (...), indispensável para quem quer conhecer a história das Alagoas naquilo que ainda hoje lhe é — para interpretação de seu passado — indispensável e inalienável de sua formação econômica ou social: o açúcar ou a cana-de-açúcar."

No capítulo *Variedades e doenças* pela primeira vez se conta, e com riqueza de pormenores, a história da introdução de variedades de canas no Brasil, particularmente em Alagoas, bem assim das doenças e pragas que atacaram a gramínea. Da introdução dos instrumentos aratórios em Alagoas, bem como da irrigação, trata pormenorizadamente *O trato da terra,* que igualmente narra, pela primeira vez em trabalho no gênero, a história das experiências de adubação química ali procedidas na década inicial do século.

Braços livres e escravos discorre sôbre a mão-de-obra utilizada na agroindústria do açúcar onde, no passado, a presença do negro escravo era uma constante. Também historia a introdução do braço livre na lavoura canavieira, que em Alagoas ocorreu muito antes do que no Sul do país, inclusive forçada pela escassez de fôrça de trabalho, decorrente da exportação de escravos, principalmente para atender à demanda de mão-de-obra de São Paulo e Rio de Janeiro, que a partir dos meados do século XIX haviam começado a substituir a lavoura da cana-de-açúcar pela do café.

Em *A monocultura da cana-de-açúcar* vem focalizado êste problema, que se acha vinculado a um outro, o do latifúndio. Êste teve, como se sabe, maior incremento com as usinas, mas o capítulo se refere a documentos, da fase dos engenhos, referentes ao assunto, inclusive um de 1826, que trata dos "meios mais possíveis para aumento da agricultura", que vivia então enfraquecida, em face de "não terem os povos que a freqüentam terras próprias para lavrar (...) por se acharem as terras do têrmo (Maceió) repartidas em sesmarias" improdutivas. Nêle também são passadas em revista as várias tentativas de policultura realizadas em Alagoas, velha tecla calcada tôdas as vêzes que a agroindústria do açúcar entrava num dos seus costumeiros períodos de crise, períodos que igualmente são objeto de estudos.

Depois de um histórico dos primórdios da indústria açucareira em Alagoas, o capítulo *Engenhos* lhe estuda a evolução. Igualmente é rico em informes estatísticos acêrca de nossos engenhos e engenhocas de rapadura, sua produção, fôrça motriz empregada, seus trabalhadores livres e escravos, animais utilizados e extensão da propriedade rural, inculta e cultivada.

Vamos encontrar em *Progresso tecnológico* a narrativa da evolução tecnológica da indústria do açúcar, no Brasil e em Alagoas. Aí somos informados das circunstâncias em que foram introduzidos os mais variados melhoramentos: moendas horizontais, em lugar das verticais; máquina centrífuga de clarificar açúcar; engenhos movidos a vapor; substituição das tachas quadrilongas, de fundo arredondado, pelas de fundo chato; fôrmas de madeira ou de zinco, no lugar das de barro; moendas com o maior número de rolos; uso do fôgo indireto substituindo o cozimento a fôgo nu; tachas a vácuo para cozimento de açúcar, etc..

O declínio dos velhos *bangüês*, que tivera início antes mesmo da abolição da escravatura, em grande parte devido ao baixo rendimento industrial, conseqüente dos processos rotineiros adotados no campo e na fábrica, vem tratado com riqueza de pormenores em *A decadência do engenho*. Documentadamente vêm estudadas as demais causas dêsse declínio, como o desinterêsse dos filhos dos proprietários pela vida campesina: desregramentos de gastos, com fins de ostentação, superprodução do açúcar de beterraba, falta de crédito e de estradas, entre outras.

Em *Engenhos centrais e usinas* narra-se as tentativas de substituição dos velhos e obsoletos bangüês, mesmo dos engenhos que já utilizavam o sistema de aquecimento indireto, pelo engenho central. Tentativas, porque na verdade em Alagoas não se chegou a concretizar o objetivo do Govêrno Imperial de "aumentar e aperfeiçoar a fabricação do açúcar, separando êste trabalho do que constitui pròpriamente a lavoura da cana". A revolução industrial da economia açucareira alagoana — esclarece o capítulo — surgiu com a usina *Brasileiro*, e sem o bafejo oficial, em 1892."

A edição do livro CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO AÇÚCAR EM ALAGOAS, de Moacir Medeiros de Sant'Ana, feita pelo Museu do Açúcar, Recife, 1970, apresenta belo clichê, na capa, extraído de um quadro colorido de autoria de *Zaluar de Sant'Ana.*

MOACIR MEDEIROS DE SANT'ANA

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO AÇÚCAR EM ALAGOAS

MUSEU DO AÇÚCAR

RECIFE 1970

O clichê acima respeitou as dimensões exatas do original (que é composto de 514 páginas), cuja chapada foi impressa na côr laca verde azulada (o antigo engenho que ilustra a capa é reprodução de um quadro colorido do pintor alagoano Zaluar de Sant'Ana).

SOCIOLOGIA DO AÇÚCAR

Es que lo caracteristico de la Historia reside em lo social que fue, no en lo personal que va siendo aún.

SILVIO JÚLIO

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

UMA Sociologia do Açúcar será o comentário das conseqüências de sua produção no plano social.

Evitando a Economia que lhe dá importância na circulação do Crédito, e a motivação supersticiosa, permitindo-lhe a dimensão mágica, evoco as figuras humanas na paisagem canavieira e que seriam, psicològicamente, outras sem o realce dessa moldura tropical.

Economia é uma razão a um tempo imponderável e concreta, vaga e complexa, provocando em cada intérprete a lógica da versão pessoal. Alegando observação realística, roncam os motores da Inspiração no rumo das simpatias. Consagra-a os títulos de prática, real, exata, e é a mais convencional, aleatória e sedutora das metafísicas. O economista é o astrólogo das estatísticas, diagramas e gráficos da Produção e Consumo. Também o astrólogo argumentava partindo de realidades positivas, matemáticas, constatáveis. Uma Sociologia tendo o único combustível na Economia voa num círculo intransponível. Deduzir de dados positivos, julgando Ver-

dade imutável, é uma das Mil e Uma Noites da Ilusão "científica" do Homem.

Os cinco cegos examinando o mesmo e único elefante, atingem resultados reais, diversos e negativos. Os observadores: — o que puxou a cauda, o que apalpou a perna, o que tateou a tromba, o que deslizou a mão pelo imenso dorso. A sugestão somática do volume "deduzido pela verificação imediata" decorria de seqüência formal, relacionando o todo pela proporção e feitio das partes. Entretanto o elefante visto, desmentiria a constatação dos cinco cegos analizadores. Estavam racionais e enganados.

Êsse ensaio respeita a Economia nos limites da decência e não da devoção. Não seria possível citar o açúcar independente do critério de Utilidade, uma Utilidade cujo interêsse vital não decorre da Oferta e Procura, pêndulo do Preço. Uma legítima *oikos-nomos*. Indispensabilidade no consumo humano.

A Economia do Açúcar predispõe mas não obriga a criação de nova mentalidade. Sugere clima para a expansão dos temperamentos preexistentes. O senhor de Engenho, faustoso e pródigo, quase sempre herdara a Casa-Grande e os canaviais. Não a construíra nem os plantara, inicialmente. Dêsse ambiente houve alta quota à Política do Império e primeiras décadas republicanas. Foram os "Barões do Bagaço" na zombaria dos que não pertenciam ao bando mas aspiravam a inclusão. Tiveram vocação de comando financiador e não das precauções financeiras. Alguns, criados na Casa-Grande, possuíram a decisão clara, a energia consciente, as reservas obscuras de obstinação no comportamento, julgado louvável e digno. Irmanavam-se na identidade mental como dedos da mão guardam diferenciações na visível unidade do gesto.

Nos sertões do Nordeste brasileiro, nos cinco primeiros anos ao redor da maioridade, centenas e centenas de almanjarras e engenhocas produziam aguardente e rapadura, desaparecendo sem rastos ou persistindo na pista da ascendente industrialização. Não *faziam* açúcar. O açúcar viajava em comboios de burros, desde as faixas produtoras, Recôncavo baiano, brejo da Paraíba, rica Zona da Mata pernambucana. Êsses moínhos primários e teimosos prepararam a estrada para a instalação dos Engenhos porque a presença do banguê denunciava os breves canaviais suficientes. Os proprietários, modestos anônimos falecidos sem testamento, iniciaram a decoração, entendimento e louvor ao senhor de Engenho, cujo distante clarão prestigioso anoitecia a fama local dos fazendeiros, herdeiros prioritários das sesmarias no ímpeto da penetração geográfica. Essa teoria de círculos concêntricos, do sertão para os vales úmidos, fundamentou a compreensão lisongeira consagrando o senhor de Engenho como um Chefe natural, imperioso e necessário.

Não possuiu o senhor de Engenho oportunidade ou astúcia para constituir-se Conselheiro no plano financeiro, porque uma idéia

de Economia, previsão harmoniosa da produção, jamais ocorreu entre os Estadistas do Império. Os do período republicano foram meteorologistas bem intencionados, com prognósticos negados pela evidência atmosférica.

Desde Olinda e o Recôncavo da Bahia, admirados pelo padre Fernão Cardim (1582-1585), os senhores de Engenho tiveram incidência social e também conservaram o exercício de *une vie sucrée*, sugestiva e brilhante nos encantos festivos das Casas-Grandes. E, acentuadamente os pernambucanos, dramatizaram agitações que se tornaram históricas, desde a "Nobreza" de Olinda, com Bernardo Vieira de Melo, senhor do engenho Pindoba em Ipojuca, ao morgado do Cabo, "Conspiração dos Suassunas", os Albuquerques Maranhões em 1817, a saliência inquieta dos Cavalcantis, armando tropas com seus trabalhadores, os "fidalgos da Praia", e a onda rolando incessante sôbre os quadros da continuidade hierárquica. Inevitàvelmente, a Casa-Grande financia, colabora, reforça a movimentação partidária, desde a luta contra o holandês, em 1645, tramada à sombra de seus varandins, às batalhas eleitorais de *Saquaremas* conservadores e *Luzias* liberais no Império.

Wanderley Pinho *(CALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO,* 1942) ressaltou a participação da aristocracia do açúcar na vida elegante do Império. E ainda será a visão sentimental do engenho "Massangana" a fonte lírica da eloqüência de Joaquim Nabuco, esmaecendo o lampadário diplomático de 32, Grosvenor Gardens em Londres. "Nunca se me retira da vista êsse pano de fundo que representa os últimos longes de minha vida", pensava o Embaixador, dez anos antes de encerrá-la. O enfraquecimento constante e gradual do senhor de Engenho mostra-o uma peça inarredável do sistema de vasos comunicantes, na dispersão financeira entre as *utilidades e deveres* de manutenção para êle imperiosa e sagrada, embora dispensável ou supérflua na apreciação comum. Semeou prestígio, sangue, fortuna, numa incontida prodigalidade, tornada distributiva e contagiante, como água corrente que se divide na exaustão fecundante.

A multiplicação dos mercados pelo crescimento populacional e distribuição mais intensa do açúcar em tôdas as áreas nacionais pela mecanização dos transportes evidenciaram a impossibilidade do senhor de Engenho, da antiga forma, atender aos apelos do consumo desmedido e voraz. Nem a indústria privada, mesmo com assistência estatal, corresponderia às necessidades vivas da absorção interna. As finanças pessoais limitar-se-iam a aparelhagem no nível do artesanato, tentando manter os resultados da tenacidade individual e doméstica. A união dos homens d'armas, trazidos pelos Barões, não elidia a urgência de criar-se o Exército do Rei, amplo e único no plano orgânico e disciplinar. Nem a precária aliança entre senhores de Engenho enfrentaria o complexo da produção avolumada, acima das reservas do prévio financiamento das safras. A Usina foi a fórmula de somar a dispersão das paralelas num ângulo de

coesão unitária. Reunir em batalhão os destacamentos inoperantes na precariedade do armamento. Surgiu depois o recurso ao anonimato do colaborador acionista. A quota significava uma confiança no aumento de produção. Não seria necessário entender do açúcar para ser "açucareiro". A técnica da captação das fontes, constantes e mínimas, garantiria a regularidade do abastecimento.

Era o aparecimento do motor de ignição, volante imperioso, substituindo aguilhadas e excitação dos carreiros. Capacidade de carga na rapidez das estradas, *feitas* e não abertas pelo trânsito das alimárias. A roda caldáica de Ur, que Leonardo Wooley revê depois de quarenta séculos antes de Cristo, credora da gratidão universal, égide guerreira, econômica, social, que oporá, em sua contemporaneidade útil, aos aviões de jato, erguendo do solo na impulsão irresistível 164 toneladas, "com o gesto mais leve que o de colher uma flor", dizia Saint-Exupery? Fechava-se o ciclo do senhor de Engenho, fundador do açúcar, patrono da aristocracia rural, castelão da Casa-Grande, áspero, sádico, generoso, imprevidente, triunfal! Resistem, projetados pela velocidade adquirida, alguns sobreviventes de si mesmos, heróicos na recusa de aceitar a proteção da Arca de Noé, quando desabam as chuvas provocadas do dilúvio técnico.

Nenhum fenômeno social repousa em causa única. Qualquer reação psicológica possuirá um confuso raizame de obscuras provocações acumuladas, aguardando o momento da descarga detonante. Um gesto mínimo é motorização de músculos incontáveis obedientes à mecânica dos nervos, fiéis ao comando mental. O *pretexto*, "responsável" pela atitude, é apenas o vértice do ângulo, partindo de bases imprevisíveis, indimensionais, macróbias e recém-nascidas.

Não me aventurei às análises psicológicas quase sempre fixando a mentalidade do observador e não as deduções temperamentais do observado. Haverá no sociológo aprendiz, notadamente tendo sido professor de Etnografia Geral, o fermento negaceante da Psicanálise". O psicanalista não pode deixar de ver o mundo sob determinada incidência, descobrindo, naturalmente, no indivíduo que se submete ao seu tratamento, os complexos que norteiam a sua atividade", adverte mestre Silva Mello.

Descrever, com emoção e verdade, não será, evidentemente, explicar, cisma que adoece a intenção desejada no mergulho em profundidade. Velha Casa-Grande de Engenho, boa-noite!...

— Prefácio de ensaio em elaboração.
NATAL, julho de 1970.

PALAVRAS DÔCES

Algumas aparições da Cana e do Açúcar na literatura e no cancioneiro

DAVY RISSIN

"É louvada também (a terra do Brasil) por encher as mesas de manjares de açúcar e, com seus acepipes ambrosíacos, deleitar dois mundos". (1)

DESDE os albores da literatura, tem-se recorrido ao reino vegetal em busca de imagens lisonjeiras.

Começando pela Bíblia e passando pelos escritos de tôdas as civilizações, vemos os autores porfiando por atribuir à criatura ou à paisagem amada os encantos que a natureza lhes põe diante dos olhos.

Durante os três ou quatro milênios que nos separam do primeiro ditirambo — desenhado em papiro ou gravado numa placa de argila — temos nos fartado de "cabelos de trigo ou de ébano"; olhos "de per-

(1) *Prudêncio do Amaral,* "Geórgicas Brasileiras". Citado por M. Diégues Júnior *in*: "O Engenho de Açúcar no Nordeste", Rio, 1952.

vinca, violeta ou miosótis"; "têz de lírio ou de camélia"; "bôca de romã"; "faces de rosa"; "seios como pomos"; "talhes de palmeira" ou "flexíveis como o junco" .

Encontram-se, todavia, relativamente poucos exemplos de imagens utilizando a cana e o açúcar.

No caso da cana, isso é mais difícil de explicar pois a planta é tão bela quanto o trigo e, como êste, permanece exposta à nossa admiração por bastante tempo antes que o beneficiamento vá transformá-la em produtos industrializados.

Já o mesmo não se dá com o açúcar e pensamos que dois fatos possam talvez ser responsabilizados pelo desdém que sofre às mãos dos literatos.

O primeiro é que *não tem pràticamente rima* o que, para fins poéticos, é um precalso sério.

O segundo é que, como não acontece com o mel — bastante usado em prosa e verso — o açúcar não é um produto original na natureza e sim fruto de beneficiamento. Tem assim um caráter fictício, artificial, anti-poético.

Na América do Norte e, sobretudo, nos Estados do sul onde foi grande a influência do negro sôbre a cultura, os usos e costumes, perdurou até hoje o tratamento carinhoso de "sugar", o que absolutamente não se verifica entre nós. A expressão "meu torrãozinho de açúcar" é bem pouco empregada e, em geral, para com crianças.

Assim mesmo, respingando aqui e ali e, graças à importância capital que tiveram o açúcar e a cana na economia lusitana e, depois, na brasileira, sempre encontramos um punhado de referências — na sua maioria em autores nortistas — e que variam de um para outro temperamento poético.

Êsses exemplos provêm de dois campos bem distintos.

Encontramos, em um dêles, as expressões da chamada "poesia popular", geralmente anônima. São inspiradas seja pela recordação de paisagens canavieiras ou de usina (manifestação estática), seja por alguma atividade jovial ou laboriosa (festas ou fâinas). Quer musicados quer não, êsses arroubos são sempre legítimos *cantos,* extravazamentos de saudade ou de carinho.

No outro setor, encontramos as manifestações de uma poesia mais erudita. Esta então, já assinada e, quando posta em música, também por compositores de nome firmado.

Vai da simples menção, por assim dizer "en passant", do tema Cana/Açúcar fixado como imagem, até os paralelismos que o poeta estabelece com situações mais íntimas, mais herméticas, por vêzes difíceis de identificar.

Dada a evolução sofrida pela poesia — como pelas outras artes — do "representacionismo" ao "abstracionismo", é evidente que essas manifestações mais elaboradas encontram-se nos autores mais modernos.

INSPIRAÇÃO DE EVENTOS — Entre nós, como entre muitos outros povos, os acontecimentos marcantes têm fertilizado a imaginação do anônimo autor popular. É bem conhecida a alusão à essa tendência, com relação aos francêses: "En France tout finit par des chansons".

Na sua qualidade de fator vital na economia de determinadas regiões, o açúcar e a cana aparecem ligados a manifestações poéticas tanto de caráter lírico/descritivo como ainda político/social. No que

se refere a Pernambuco, por exemplo, seria difícil imaginar um evento notável que, a um dado momento, não tivesse por cenário o canavial ou a indústria açucareira.

Com evidente carinho e labor beneditino, Lemos Filho[2] realizou uma interessantíssima compilação de centenas de cantigas populares glozando acontecimentos pernambucanos, como essas quadrinhas irônicas surgidas em 1927, por ocasião do Convênio Açucareiro:

"Será uma boa medida
O Convênio Açucareiro?
Vai nos faltar o dinheiro
Se o açúcar não tem saída.

Mas só o comprará barato
Quem reside no estrangeiro
E é o povo brasileiro
Afinal quem paga o pato."

Os longos poemas populares cantando a saga de heróis mais ou menos facinorosos, são de tôdas as culturas, e. g.: Robin Hood na Inglaterra; Vidocq em França. José do Telhado, português; Billy the Kid e Jesse James, americanos e, entre nós, Antônio Silvino, Lampião e "O Cabelleira". É a respeito dêste último que encontramos, tanto em Lemos Filho como em Pereira da Costa[3], a seguinte referência ao nosso tema:

"Vem cá, Cabelleira, anda me contar
como te prenderam no cannavial...

com sua variante mais íntima, mais personalizada:

"Meu pai me chamou: Zé Gomes, vem cá
Como tens passado no cannavial?
Mortinho de fome, sequinho de sêde
Só me sustentava em canninha verde...
....
Eu me vi cercado de cabos, tenentes.
Cada um pé de canna era um pé de gente.

Êste último verso, aliás, tornado legítima propriedade do folclore, aparece na obra de Manuel Bandeira[4], assim:

"Quando me prendero no canaviá,
cada pé de cana era um oficiá..."

CANTOS DE FESTA E DE TRABALHO — É difícil traçar uma separação muito nítida entre os dois tipos de produção poética (canto com ou sem dança). Se, às vêzes, ela nasce realmente da necessidade de ritmar uma fâina agrícola ou fabril, essa mesma produção é utilizada nos dias de folga ou em festejos *ligados às atividades do engenho*.

---

(2) *Lemos Filho*, "Clã do Açúcar".
(3) *F. A. Pereira da Costa*, "Mosaico Pernambucano".
(4) *Manuel Bandeira*, "Poesias Completas".

Dessas canções de trabalho, escondidas ao ritmo do esfôrço feito, encontram-se exemplos em tôdas as regiões do Brasil e as que estão associadas ao trabalho nos canaviais e nas usinas, refletem bem os ritmos das diversas tarefas, como o corte das canas, o arremessá-las para dentro dos carros ou içar os fardos à cabeça dos carregadores. A introdução da cana na moenda e o acionamento desta, num andamento vivo e como que gingado, entrecortado de síncopes — reflexos dos retardamentos e mesmo paradas ocasionais da roda — eram acompanhados por um canto que se confunde com o "Côco", tão espalhado da Bahia para o Norte: —

"Olêlê, vira moenda,
Olêlê moenda virou.

Mestre de açúcar
Pede fogo ao fornaeiro
O fornaeiro
Pede bagaço ao bagaceiro
Mas o bagaceiro
Vai buscar bagaço e fica
Eu tou bem mais minha Chica
De corrê o dia inteiro.

Olêlê vira moenda,
Olêlê moenda virou.

Bota cana na moenda
Sai o "cardo" sem bagaço
Correndo de bica afora
Vai "batê" dentro do tacho.
Mestre de açúcar dá o ponto
Que o fogo está brabo em baixo.
Corre meu cabôco fôrro
Nêga "feme" e nêgo macho.[5]

Eis um canto que era entoado pela inauguração de rodas novas no engenho e cujo tema, com ligeiras variações, ocorre no folclore de quase tôda a vasta região açucareira acima da Bahia:

"Engenho novo, menina,
tá de tremer.
Bota cana nêle, menina,
Deixa moer..."

Por ocasião da Festa da Moagem, quando, em meio de grande alegria e cerimônia, benzia-se o início dos trabalhos do ano na usina, todos dançavam e cantavam a "Chula" da qual Mello Moraes Filho cita um exemplo típico:

"Cana verde, cana verde,
Cana do canavial.
Eu já fui mestre de açúcar,
Hoje sou oficial."[6]

---

(5) *M. Diégues Jr.,* "Banguê nas Alagoas".
(6) *Mello Moraes Filho,* "Festas e Tradições do Brasil".

A expressão "Caninha Verde", oriunda de Portugal, onde ocorre em danças e cantares, passou para o Brasil onde se espalhou por diversas regiões. Os estudiosos do assunto, como Rodrigues de Carvalho[7], Câmara Cascudo[8] e Maynard Araujo;[9] chegaram à conclusão que a expressão não parece ter relação alguma de origem com a cana pròpriamente dita. Em apoio dessa opinião, aponta Rodrigues de Carvalho o fato de ter a "Caninha Verde", em suas múltiplas variações, gozado de maior difusão em áreas fora das regiões de grande cultura açucareira, como em Taubaté no Estado de S. Paulo.

Eis algumas dessas variações:

"A minha caninha verde
A minha cana madura.
Que estou dizendo
A minha cana madura.
Da cana fez o melado
Do melado a rapadura"

* * *

"A minha verde caninha
A minha caninha verde,
Quem quizé a cana, "prante"
Que a cana são "pranta minha"

* * *

"P'ra cantá caninha verde
Não precisa imaginá
De "quelqué" folha de cana
Eu tiro um verso e "vô" cantá."

NOSTALGIA DA PAISAGEM — Vejamos agora como o simples espetáculo do canavial ou a sua recordação inspiraram a alguns poetas: um do século XVIII e outros dos nossos dias.

Isto foi o que achou para dizer Domingos Caldas Barbosa, nascido no Rio de Janeiro em 1740 e morto em Lisboa em 1800: —

"Cuidei que o gôsto de amar
Sempre o mesmo gôsto fôsse.
Mas um amor brasileiro
Eu não sei por que é mais dôce.

....

Nós lá no Brasil,
A nossa ternura
A açúcar nos sabe,
Tem muita doçura."

Evidentemente, um poeta bem "menor" e uma personalidade bastante insignificante (emigrando mocinho para Portugal, lá ficou até falecer, mais ou menos como parasita dos Condes de Pombeiro)[10].

(7) *Rodrigues de Carvalho*, "Cancioneiro do Norte".
(8) *Luís da Câmara Cascudo*, "Dicionário do Folclore Brasileiro".
(9) *Alceu Maynard Araújo*, "Folclore Nacional", Vol. 2.
(10) *M. Diégues Jr.*, obra citada.

Entretanto, não deixa de ter um certo encanto essa sua nostalgia piégas, à moda do tempo e, principalmente, no nosso contexto, a alusão à "ternura Brasileira" que "sabe a açúcar".

Dois poetas que transmitem com graça expressiva a sensação gostosa da passagem pelos canaviais, onde as morenas e as canas são igualmente sedutoras, Manoel Bandeira e Ascenso Ferreira, cantam o tema de modo quase idêntico em, respectivamente, "Trem de Ferro" e "Trem de Alagoas": (11 & 12)

"Cana caiana,
Cana rôxa,
Cana fita;
Cada qual a mais bonita,
Tôdas boas de chupar"
....
"Êia, morena do cabelo cacheado..."

Com João Cabral de Melo Neto[13], a vasta região do Capibaribe, tôda em canaviais era:

"... tudo planta de cana
nos dois lados dos caminhos...".

A cana era o alfa e o ômega; todos os caminhos vinham da cana, levavam à cana, serpenteavam entre cana.

No "Motorneiro de Caxangá", retomando o estribilho folclórico utilizado por Ascenso Ferreira, Manoel Bandeira e tantos outros, João Cabral de Melo Neto lamenta a evolução que eliminou o encanto pacato de tantos "Caxangás":

"Mas na estrada de Caxangá
Vida de vez já passou;
O verde das canas sobrou
Nos campos de futebol".

Como exemplo da interpretação mais rebuscada a que já aludimos, onde o poeta mais avançado elabora complexamente um tema que o cantor popular fixou com despretenciosa singelesa, vemos ainda de Melo Neto, "A Cana dos Outros":

"num cortador de cana
o que se vê é a sombra
de quem derruba um bosque,
não o amor de quem colhe...
....
e quando o entêrro chega
coveiro sem maneiras,
tomba-a na tumba moenda
tumba viva que a prensa...'"

Onde o trabalhador e o seu cantor viam apenas uma safra, uma doirada messe que a moenda chiando transforma em doçura líquida, nosso poeta vê a vítima de uma derrubada impiedosa, quase um cadáver que a moenda esmaga e tritura.

---

(11) *M. Bandeira,* obra citada.
(12) *Ascenso Ferreira,* Poesias Completas.
(13) *João Cabral de Melo Neto,* "Cadernos de João" — "Obras Completas".

Já no seu "Pernambucano em Málaga", João Cabral de Melo Neto evidencia sua surprêsa um tanto desdenhosa diante da cana "escorrida e cabisbaixa", de "porte enfezado", em confronto com a cana altiva e ereta de seu Pernambuco natal:

"A cana dôce de Málaga
Dá escorrida e cabisbaixa
Naquele porte enfezado
De crianças abandonadas.
A cana dôce de Málaga
Dá dócil, disciplinada;
Dá em fundos de quintais
E poderia dar em jarras..."

Como cantavam os trabalhadores dos engenhos ao colocar na moenda as derradeiras canas da safra, encerramos essas modestas achegas com uns versinhos que nos ficaram de velhos tempos:

"Acabou-se a cana,
Acabou-se o "mé".
Até para o ano
"Si" Deus "quizé".

Rio, Junho 1970

DUAS PALAVRAS SÔBRE O AUTOR: Radicado há mais de cincoenta anos no Brasil, para onde veio na primeira infância, Davy Rissin colhe no amor à terra de adoção a sua vasta e interessada curiosidade pela nossa grande e pequena História. A considerar a importância que dão os psicanalistas às memórias da meninice, é bem possível que o ensaio "Palavras Dôces" tenha tido sua primeira motivação naquelas longínquas noites de Botafogo, quando o garoto que era então acorria ao pregão do crioulo simpático que vendia, por um tostão — ó delícia raramente igualada — seis roletes de cana.

TAMBÉM SOU DA RAPADURA

EDIGAR DE ALENCAR

COM a limpidez que lhe é marca de tudo que compõe, prosa ou verso, e que esperamos, todos os que o admiramos, jamais se veja toldada pelas tortuosidades estilísticas que as condições acadêmicas por acaso prescrevam, Mauro Mota escreveu aqui há tempo bela página com o título de um verso de Carlos Drummond de Andrade: "Sou da rapadura". Da rapadura seria também, segundo o poeta nordestino, o escritor Sílvio Rabelo com o seu trabalho científico "Cana-de-Açúcar e Região" — Aspectos Sócio-culturais dos Engenhos de Rapadura Nordestinos. Título e subtítulo já evidenciam que não se trata de produção literária pròpriamente dita, embora não lhe faltem as características do escritor acima de qualquer especialidade.

Sempre me pareceu haver certa prevenção nas letras brasileiras com a rapadura. Elemento essencial da alimentação popular do nordeste, por muito tempo, nem mesmo os poetas populares da região lhe deram maior atenção. Talvez também não lhe tolerassem o prosaísmo. Base alimentícia de comboieiros, de camponeses, de retirantes e até de soldados em campanha (como na Guerra do Paraguai), acabou finalmente a rapadura convencendo cientistas e pesquisadores do seu extraordinário poder substancial. Não era apenas a sobremesa vulgar do nordeste, mas a responsável, com a farinha de mandioca (outro alimento da região injustamente malsinado) pela comprovada capacidade de resistência do sertanejo. Não obstante, curioso como até no folclore nacional a rapadura tem sido secundária. Em confronto com

o açúcar, com a cachaça e até com o mel de engenho, a rapadura quase não conta no verso ou na prosa. Talvez assente o descaso na circunstância de haver sido até bem pouco o doce mais barato do Brasil. Sobremesa dos pobres, proscrita automàticamente das mesas e despensas mais sôbre o delicado ou o grãfino. A não ser nas casas de famílias tradicionais do sertão, vindas para a cidade, e nesse caso lá estariam o rapadurão côr de bronze, a rapadurinha de côco ou o pedação de batida dourada ao lado do delicioso queijo de coalho ou do inigualável requeijão.

Além do seu prosaísmo, a rapadura foi ainda muito caluniada. As sinhazinhas que a adoravam e as mastigavam às escondidas, receavam pelos seus dentes:

— Não come rapadura, menina, que estragas os teus dentes!

Entretanto o fator maior da insignificância da rapadura nas letras urbanas ou matutas deve ter sido mesmo a vileza do seu preço. Custava nas bodegas e vendinhas do nordeste, há pouco mais de meio século, uma rapadurinha padrão, três vinténs. (Paradoxalmente era êsse o valor simbólico da virgindade na expressão popular)! E os bodegueiros, para torná-la mais accessível aos meninos, hàbilmente ainda a retalhavam com um risco de faca e depois com leve arquear dos dedos, dividindo-a em têrços, vendidos a vintém. No sul o cenário devia ser diferente, notadamente em São Paulo, segundo os versos de certa "moda" colhida pelo folclorista Cornélio Pires, em Piracicaba, e citada por Amadeu Amaral:

A sobremesa do rico
marmelada e rapadura,
o doce de gente pobre
miolo de abóbora madura.

Ruins a quadra e a sobremesa dos pobres. Mas daí se vê como há diferenças entre sul e norte dêsse Brasilão. Qual a família abastada do norte que teria coragem, noutros tempos, de apresentar no seu jantar de convidados cerimoniosos rapadura, mesmo de mistura ao requeijão, numa estupenda combinação gustativa? Seria vulgar, quase ridículo. Embora que no meio dos humildes a deliciosa mistura tenha recebido aqui e ali um elogio rasgado:

Há dez coisa neste mundo
Que tôda gente procura:
É dinheiro e é bondade,
Água fria e formosura,
Cavalo bom e mulhé,
Requeijão com rapadura,
Morá sem sê agregado,
Comê carne com gordura.

Durante muito tempo a rapadura foi apontada como alimento fraco e até responsável pela miséria orgânica do nordestino, balela que um cientista da categoria de A. da Silva Melo, entre outros, já se incumbira de desmoralizar, rompendo mais um tabu.

Gregório de Matos, para começar do comêço, referiu-se à rapadura em tom gracioso, dando-lhe uma definição que não sei bem se é sua, mas que é na verdade expressiva:

Peixe de moquem é assado,
o pirão duro é taipeiro,
mareta em mar é carneiro
rapadura é mel coalhado.

Luiz Dantas Quesado, muito inteligente e sempre esperto no aproveitar o alheio, inverte o verso do Bôca do Inferno, com quem tinha muitas e muitas afinidades:

Milho torrado é pipoca
Mel coalhado é rapadura.

Nas "Trovas Populares de Alagoas" Theo Brandão cita uma alusiva à rapadura, e, o que é curioso, até com certo acento lírico, pois vem de mistura com o galanteio, fórmula muito usada na trova popular:

Rapadura do sertão
é doce que nem melado.
Quando me tocas a mão
eu fico todo babado.

Leonardo Mota e Luís da Câmara Cascudo quase nada transcrevem sôbre a rapadura, nas suas ricas coleções de versos sertanejos. Ora, se os poetas populares não encontraram na rapadura qualquer sugestão poética, mesmo no terreno da definição ou da simples menção, muito menos o fariam os poetas da cidade, até porque sempre fomos altamente refratários ao trivial, ao objetivo, ao material na poesia. A não ser na fase colonial, quando os versejadores brasileiros se desandavam em estiradas descrições dos frutos e plantas, dos nossos peixes e aves, os versejadores do Brasil sempre pairaram nas nuvens. Árcades ou nefelibatas. Só bem mais tarde um Cesário Verde influiria na poética nacional, contribuindo para que surgissem um Marcelo Gama (no sul) e um Augusto dos Anjos (no norte). Mesmo assim, jamais diminuiu o preconceito entre nós contra o verso objetivo, contra a palavra banal ou a temática rústica. Sempre vislumbramos o anti-poético. Sòmente com o movimento modernista é que, embora em dose racionada, foi diminuindo a obsessão da vulgaridade, o pavor da motivação trivial. Daí ainda hoje serem considerados agressivos poetas de renome que ousaram, às vêzes até incidentemente, incluir no verso expressões como "bosta de boi" (Drumond), "boi morto" (Bandeira) "poste da Light", "coice de cavalo", "sanguessuga" (Cassiano Ricardo) "bode" (Francisco Carvalho), etc., etc.

Poeta minúsculo, talvez por isso mesmo, nas minhas incursões pelo verso nunca tive medos. Principalmente de ser banal. Jamais me arreceei do indigitado "anti-poético", de cuja existência aliás sempre duvidei. Isso me tem valido, é claro, mais restrições talvez do que as mereço, modéstia à parte. Mais torcidas de nariz que palavras de estímulo ou de compreensão. Entretanto sempre encontrei motivação poética num mercado, numa feira de cidade, no pitoresco e no colorido dos montes de frutos e legumes, no desarrumado dos lotes de quinquilharias, das louças de barro, dos artefatos humildes, da arte popular. Nem sempre, desgraçadamente, tive fôrças para descrever ou sentir tais aspectos no verso pobre. Azar meu. Talvez que minha inclinação poética resulte da admiração por Cesário Verde, dos meus quatro ou cinco maiores poetas de Portugal. Por isso ou por aquilo, nunca refuguei assuntos, ou melhor, nunca fugi à vulgaridade. Mauro Mota citou no seu escrito os versos de Carlos Drummond de Andrade ("Boi tempo", 1968):

Que fabricas tu?
fabrico restilo.
Que fabricas tu?
Sou da rapadura.

Seguramente há uns vinte anos compus um poemeto intitulado "A Minha Canção do Exílio", incluído no livro "Galé Fugido" (1957), onde me vali da rapadura como símbolo! Reconheço que fui bem mais ousado. Corporifiquei em três vocábulos da produção e do artesanato cearenses as minhas saudades e os meus recordares da província distante. O jeito é transcrevê-lo, com perdões da citação. Não sou de falar de mim mesmo, entretanto tenho que justificar meu comentário e até o título que lhe dei:

Vou dormir uma soneca,
quero enfeitar minha amada,
quero adoçar minha bôca.
Preguiça, amor, gostosura.
Três sonhos, três cousas boas:
Rede, renda e rapadura.

No sonho, cheia de renda
ela me traz o seu beijo
doce que nem rapadura.
Ai que gostosa oferenda,
que sonho, meu Deus, que sonho!
Rapadura, rede e renda.

Rapadura em minha bôca
e renda na minha rede.
Meu Deus, como a vida é boa!
Rapadura aguça a sêde,
mas agora a sêde é outra:
Rapadura, renda e rede.

Coração de rapadura,
inteligência de renda,
amor de rede macia,
— terra de sonho e bravura,
tua lembrança me enleva:
Renda, rede e rapadura.

Nesses três erres famosos,
cheios de amor e doçura,
vai tôda a minha lembrança,
vai tôda a minha ternura,
minha terra, ai que saudade:
Rede, renda e rapadura.

Como certa vez tive a petulância de dizer êsses versos em salão e até ao microfone (como era corajoso!), um colega, poeta, me perguntou:

— Você não tem receio de ficar como "o poeta da rapadura"?

Não, não tenho, respondi-lhe, mesmo sem vislumbrar quaisquer traços de perenidade nos meus versos, de vôo baixo e curto.

Corajoso ou irresponsável, certo é que me aventurei a incluir a rapadura no verso sério, e ainda mais transformá-la em símbolo poético. E depois disso perpetrei mais dois poemetos (ambos inéditos), um dos quais intitulado "Profissão de Fé", em que novamente faço referências ao "mel coalhado". Terei mais uma vez cometido o delito poético mas igualmente provado que também sou da rapadura. E cá prá nós, com muita honra.

CANA VERDE

ZAÍDE MACIEL DE CASTRO

OS vários bailes populares a que, em diversos lugares do Brasil, se dá o nome de *cana verde* parecem, quando considerados comparativamente, partes de um mesmo baile que se teriam autonomizado sob a forma em que agora os conhecemos.

Experimentamos encadear algumas dessas *canas verdes* numa espécie de *suite*, sem outra alteração a não ser alguns elementos melódicos de ligação entre uma parte e outra. As partes dançadas não sofrem, individualmente, qualquer modificação. A *suite* que apresentamos — já executada, pelos nossos alunos, em ocasiões diversas, em diversos Estados — conserva-se inteiramente fiel à coreografia dos vários bailes que a compõem, abaixo discriminados.

Cana verde de São Paulo

Roda de cavalheiros e damas, alternadamente, cada cavalheiro tendo como sua a dama que lhe fica à direita.

Enquanto os cavalheiros se viram para a direita, as damas o fazem para a esquerda, e vice-versa. Ao se defrontarem com a dama, quer a que lhe fica à direita, quer a que lhe fica à esquerda, o cavalheiro lhe faz uma reverência, batendo palmas na sua direção e dando fortemente com o pé no chão. O cumprimento é respondido

do mesmo modo pela dama. Tanto as palmas como a batida do pé caem na sílaba forte final do verso.

Ao mesmo tempo que se cumprimentam, cavalheiros e damas progridem da esquerda para a direita.

Os versos dizem:

Pra cantá caninha verde
primeiro cant'o violeiro *bis*
Chora, morena
Primeiro cant'o violeiro
Depois qu'o violeiro canta,
canta os outro companheiro.

Esta descrição baseia-se no *ABC de Folclore* de Rossini Tavares de Lima e em observações pessoais na aldeia de Carapicuíba, em

Atibaia e na capital paulista, desta vez com um grupo de piracicabanos.

Cana verde do Rio Grande do Sul

Cavalheiros e damas dispõem-se em roda dupla defrontando-se, os cavalheiros por fora.

Os dançarinos executam dois passos laterais para a esquerda (desencontrando de par) e pois passos laterais para a direita, regressando aos seus lugares. Repete-se a figuração. Ao cantar "Não levou nem sete dia...". cavalheiros e damas entrelaçam os braços direitos, cotovelo com cotovelo, e dão um giro completo. Em seguida, o cavalheiro entrelaça o braço esquerdo ao braço esquerdo da dama que lhe fica à esquerda e com ela executa um giro completo, depois do que, entrelaçando os braços direitos do mesmo modo, gira com ela pela direita. Terminada esta parte, entrelaça o braço esquerdo ao braço esquerdo da sua dama (aquela que lhe fica normalmente à frente) e com ela executa um giro. Novamente dá o braço direito à dama da direita e executa dois giros, com ela, pela

direita e pela esquerda. Depois, dando o braço direito ao seu próprio par, com ela executa o giro final.

O baile recomeça com a repetição dos primeiros compassos. Eis os versos:

Eu plantei a cana verde,
sete palmo de fundura *bis*
Não levou nem sete dia
e a cana 'stava madura

Refrão — Ai, ai, meu bem *(quatro vêzes)*
Não levou nem sete dia
e a cana 'stava madura

Eu plantei a cana verde
ninguém me ajudou a plantar *bis*
Depois da cana madura
todos queriam chupar

Resumo fundado no *Manual de Danças Gaúchas* de J. C. Paixão Côrtes e L. C. Barbosa Lessa.

Cana verde do Estado do Rio

Roda dupla, alternadamente de cavalheiros e damas, os cavalheiros defrontando as damas do seu próprio círculo.

Ao cantar a primeira quadra, damas e cavalheiros trocam de lugar, passando as damas por dentro do círculo, dão meia-volta e retornam a posição primitiva. Terminada esta figuração, com a repetição da melodia, bate-se com os pés no chão, sem sair do lugar. Ao cantar a segunda quadra, os pares executam meia-volta para repetir a figuração anterior, uma vez com o cavalheiro ou dama que lhes ficam à retaguarda, outra vez com aquêle ou aquela que lhes fica à frente.

Os versos associados a esta cana verde são:

Caninha verde
Ó minha verde caninha
Por causa da cana verde
que é meu triste padecer

Plantei a cana
na beira do Piraí
e a marvada foi ingrata,
plantei, ela não brotou

De acôrdo com pesquisa de Luciano Gallet *(Estudos de Folclore).*

Cana verde de Parati

Os dançarinos dispõem-se em grupos de dois pares, cavalheiros e damas defrontando-se. O cavalheiro, dando a mão direita à sua dama (aquela que lhe fica à frente), com ela executa um giro completo e, sem se deter, dá a mão esquerda à dama do vizinho, com quem executa outro giro completo, voltando a executar o primeiro movimento com a sua dama. Ao mesmo tempo, o cavalheiro do par vizinho troca de dama do mesmo modo. Para a boa execução da figura, a dama deve passar *por trás* do cavalheiro.

Os versos dizem:

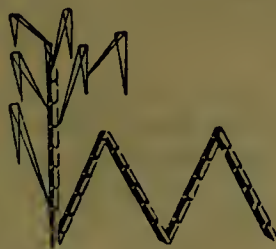
Eu te quero tanto bem,
você não me qué a mim *bis*
Você não me qué a mim
Foi coisa que te fizero,
pois você não era assim

Pode-se cantar, como exemplo de solo:

Ó minha cana verde,
ó minha cana madura *bis*
Ó minha cana madura
Da cana faço melado,
do melado a rapadura

Esta descrição tem base em observações pessoais em Parati.

*

A ligação das partes musicais destas espécies de cana verde deve-se à maestrina Cacilda Borges Barbosa, a quem agradeço a gentileza da colaboração.

FALANDO DE FOLCLORE

BAPTISTA SIQUEIRA

NUM lugarejo perdido no alto sertão paraibano existiram dois pretos realmente originais. Ambos possuíam estatura regular, nariz afilado, fisionomia tranqüila (parecendo da mesma nação africana), sendo muito estimados entre os moradores do povoado. E embora de sexos opostos, boa aparência, tratáveis e humildes, sòmente uma coisa tinham necessàriamente de comum: o gôsto pela- **Serra-grande**, a melhor cachaça da redondeza.

Cabinda era prêto, de meia idade, caladão, cerimonioso que, segundo suas próprias palavras, gostava de viver entre brancos, porque brancas eram suas duas paixões neste mundo: a cana caiana e a "giribita".

Sua lembrança despontou agora através de um canto que êle aprendera a cantar no carnaval de Triunfo nos idos de 1910. Êsse canto que entoava em certas ocasiões, era mais que um simples trauteado: um verdadeiro hino a Baccho, pois sòmente quando "esquentado" o cantarolava de fisionomia risonha:

"Eu vô pra rua **brincá**
Eu vô **brincá carnavá**"

No estribilho, porém, percebia-se que o canto aludido era tradicional e possìvelmente readaptado para a circunstância do momento carnavalesco:

"Cabinda velha chegô
E rei de Congo falô:

Cabinda velha
Olha a missanga (miçanga)
Olha êsse povo
Que vem de Loanda".

A música e a letra se conjugavam perfeitamente, demonstrando sua origem prosódica em época em que preponderava o ritmo poético sôbre a música:

Cabinda velha

Versão do interior pernambucano.
Eis o texto musical recolhido da tradição oral:

Pesquisando depois, o folclore regional, chegamos à conclusão de que essa canção popular apresentada durante as festas de Momo em 1910, no interior de Pernambuco, tem tôda possibilidade de haver sido outrora um canto fetichista dos negros da distante Luanda. As palavras do estribilho parecem não deixar dúvida quanto a essa premissa:

"Cabinda velha!...
Olha a muçanda
Olha êsse povo
Que vem da Loanda."

Versão mais recente ajuda nessa hipótese plausível:

"Cabinda velha **baixou**
E Rei de Congo **falô**".

A substituição de **baixou** por **chegou** é fato comum nas versões folclóricas. O povo do interior não poderia admitir que Cabinda-Velha pudesse, em verdade, **baixar**; aceitaria, porém, que pudesse **chegar**...

Trata-se, portanto, de um canto mágico de algum ritual primitivo — perdido no tempo por não haver sido registrado devidamente.

* * *

Falemos agora da prêta Clara:

Meses a fio a negra velha parecia uma pessoa normal: atendia às necessidades caseiras de sua prole honesta e sadia; cuidava dos deveres para com os semelhantes, visitando as comadres, sobretudo as das vizinhanças, esmiuçando tudo nos mínimos detalhes. Sabia, assim, muita coisa da vida das famílias locais.

Teria marido? Nunca soubemos.

Lá um dia da semana (jamais em dia santo ou feriado, que isso era hábito de cabra safado), aparecia "molhada", "puxando rama" e ameaçando céus e terra com o azorrague de sua língua ferina que se manifestava através de repertório secreto:

Daí a pouco começava a gritar a plenos pulmões:

— Ah! terra de brancos sem-vergonha!

Era o primeiro sinal de que a garrafa de aguardente **Imaculada** já estava muito abaixo do gogó.

Como todos se mantivessem calados, em respeito à progênie, Clara começava a monologar:

"Adeus meu filho Nogueira...
Que é que viu lá pela feira?
— Dois **cair** pra cada banda!
Minha mãe fale mais **branda**
Que o chão não é furado..."

A seguir entrava a filosofar:

— É... nessa terra todo mundo quer ser bom... de dia, porque de noite se eu não tivesse capote dormia no frio...

Olhava para alguém que estivesse espiando ou que passasse contrafeito e dizia:

"É, dizem que Deus é grande... mas nunca fêz dois dias sem uma noite, nem dois montes sem uma baixa no meio."

Nesse instante aparecia um filho, um neto, e Clara saía, sem dizer palavra, rumo à sua casa distante.

Perguntariam os que nos lêem: por que essa estória de dois pretos sem expressão, de uma região sem nenhuma significação político-social diante de um mundo agitado?

E nós responderíamos que o folclore vive de tradições que não buscam senão o simples e o singelo.

* * *

Numa noite de lua nova, viração suave, tempo firme, assistimos a uma verdadeira exibição folclórica que a memória não esquece.

Em frente de um beco que dava para larga e mal dividida rua, lado esquerdo da cadeia local (míngüe de presos), ouvimos um côco-de-roda verdadeiramente original. Os homens, de mãos dadas, iam girando e cantando sem acompanhamento algum:

"Cajueiro o norte abalou" (bis)

Um dos presentes, caboclo esperto, rompeu com difícil e mal acentuada estrofe:

"Quem roubou meu carneiro
Dêste chiqueiro,
Por favor me diga onde êle demora.
O coitado levou uma chifrada
E eu quero fazer minha buxada...
A carne dêle muito "aperriada",
Assim mesmo ainda como ela;
Ainda falta comprar uma panela
E aguardente de cana **Imaculada.**"

É uma versão mais ampla que outra já conhecida e proveniente do folclore pernambucano. A longa estrofe parece talvez, destinada a comprovar a memória do "puxador" de côco, porque mal termina a última palavra, uma aclamação de júbilo anima o cantador e o estribilho segue sem interrupção:

"Cajueiro o norte abalou" (bis)

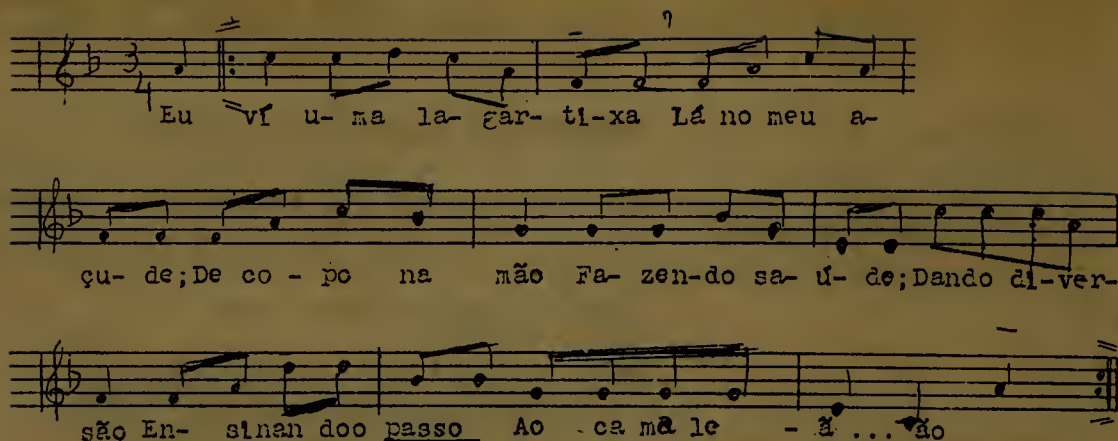
Nessa mesma época apareceu o primeiro **Ford de bigode** e com êle novos hábitos, novas modas e novas cantorias. Entre as coisas que causaram impressão e espanto destacamos uma canção trazida do Pajeú de Flores, cujos versos obrigavam as palavras a novos acentos tônicos. Era motivo de admiração dos neófitos e de zombaria dos entendidos na arte de Euterpe.

O compasso ternário não era bastante usado pelo povo e as palavras estropiadas causavam riso e estranhesa; mas eram assim interpretadas com propósito definido. Eis os versos singelos e expressivos:

"Palmares, Ribeirão Escada.
Minha namorada me deu um **boqué**
A volta é **crué**
Da namoração!
No aperto de mão,
Foi-se embora o **ané**"

Outra estrofe, feita na região dos Carirís Velhos, estava mais de acôrdo com os desenhos musicais ajustando melhor os acentos vocálicos:

"Eu ví uma lagartixa,
Lá no meu açude;
De copo na mão
Fazendo saúde;
Dando diversão...
Ensinando o "passo"
Ao camaleão"

Música e poesia:

Verifica-se que a música tem final modulante e nunca termina, sendo talvez processo destinado ao **cânone circular**.

Essa cantiga popular no ritmo da rancheira, não se amoldava ao tipo preferido pelos cantadores de côco, como era o caso daquele môço de Santa Maria. (Êsse era o único meio de identificar tal pessoa). Conta-se, porém' que êle sabia muitas estrofes de sete e cinco pés para essa "cantoria de música solta".

Tal personagem desapareceu como por encanto porque correu a notícia de que êle era muito enxirido com mulheres e môças. Alguém o viu na feira **pilintrando**. Contaram o seguinte:

"O môço chegou e disse pra Maricota:
— **Vamo** dá um giro?
— Eu não, mãe não deixa!
— Vamo bobinha... que eu te dou um frasco de oriza.

E a **futrica** começou assim: **seu Zidoro** mandou uma carta na qual dizia que o sujeito era abusado. D. Maria respondeu que já andava de "orelha em pé" com êle; vai ver com quantos paus se faz uma cangalha! Daí para uma desforra foi um passo. Um belo dia o forasteiro anoiteceu e não amanheceu no lugar. Dizem que fugiu espavorido e que a carreira foi tão danada que os pés se encontravam, um com o outro, no ar, sem dar mostra de que batiam no chão.

MUSEU DO AÇÚCAR

AV. 17 DE AGOSTO, 2223
MONTEIRO-RECIFE

Êste cartaz (cujo original é colorido) é de autoria de Luiz Fontcura, primeiro colocado em recente concurso promovido pelo Museu do Açúcar.

Aspecto da entrada do Museu do Açúcar (fotos obtidas durante a projeção de slides *no Museu Histórico Nacional).*

O Museu do Açúcar estêve representado no V Congresso Nacional de Museus, realizado recentemente em Petrópolis, através da pesquisadora Lúcia Cysneiros e do desenhista Luiz Fontoura. Na oportunidade, 300 congressistas de 15 delegações estaduais, tiveram oportunidade de conhecer o Museu do Açúcar, mediante a projeção de slides, *acompanhada de explicações sôbre o funcionamento daquêle órgão cultural do I.A.A., bem como suas atividades ligadas à pesquisa realizada nos Vales do Sirigi, Jaboatão e Pirapama, pela Assessoria Educacional.*

Os flagrantes estampados nesta página foram feitos por ocasião da palestra de Luiz Fontoura no Museu Histórico Nacional, no Rio.

(Fotos de J. Souza)

Vista parcial da Biblioteca do M.A.

Prateleira com serviços de xícaras, açucareiros e pratos de porcelana.

Luiz Fontoura

MUSEU DO AÇÚCAR

O Museu do Açúcar do I.A.A., localizado no Recife, é uma instituição cultural destinada a recolher, classificar e expor os elementos sociais, artísticos e técnicos da agroindústria açucareira.

Dentre as múltiplas finalidades do M.A., ressaltamos a visitação escolar (foto), oportunidade em que alunos de diversas escolas, através de visitas-guiadas, percorrem as salas de exposições e assistem no auditório do Museu à projeção de filmes sôbre a agroindústria canavieira, inteirando-se, assim, do papel importante do açúcar na economia brasileira, no passado, no presente e no futuro.

Na outra foto, aspecto de objetos de porcelana pertencentes ao acervo do Museu do Açúcar.

(Fotos de Clovis Brum)

O MUSEU DO AÇÚCAR NO FOLCLORE

Folclore é tema de exposição permanente no Museu do Açúcar. Diversos objetos são encontrados em suas salas, assim como vestimentas, pandeiro, viola bexiga, surrão de Mateus, caracaxá mineiro, utilizados em festas de reisado na zona açucareira. A foto mostra um aspecto da exposição folclórica no M.A., vendo-se em primeiro plano a "burrinha". Ao fundo, um "boi", figura central do BUMBA-MEU-BOI.

REMINISCÊNCIAS DO CANGAÇO NA ZONA AÇUCAREIRA

DULCE MARTINS LAMAS

ÃO há como negar a importância que assume na literatura oral, comumente chamada de "cordel", os romances, ou sejam, as narrações em versos, de bravatas, valentias, destemores de indivíduos, cujos feitos se avolumaram e se tornaram memoráveis na imaginação das populações sertanejas.

Podemos mesmo dizer que, as longas estórias, sôbre a vida de cangaceiros, constituíram um verdadeiro ciclo heróico e tornaram-se a arte maior dos bandos sertanejos.

Pela motivação, pelas raízes temáticas, êsses romances devem ser considerados como de formação verdadeiramente nacional. É um Zé do Vale, um Valente Vilela, um Lampeão e, outros, servindo de tema na literatura oral do nordeste.

Como estória de cangaceiro, das mais antigas, tem-se a do "Cabeleira". Sujeito que celebrizou-se e, mesmo, ficou legendário pela maldade sem limites com que tratava os seus desafetos. Chamava-se José Gomes e seu pai, Joaquim Gomes também como o filho era facínora. Mas não ficava no duo, eram acompanhados por outro bandido, de tipo mameluco, chamado Teodósio.

José Gomes ficou conhecido pela alcunha de Cabeleira, em virtude de possuir além de um belo físico, robusto e alto, uma vasta cabeleira.

O trio famoso de cangaceiro, na segunda metade do século XVIII, deu grande trabalho às autoridades, espalhando o terror por tôda a parte por onde andava e, especialmente, nas cercanias de Recife.

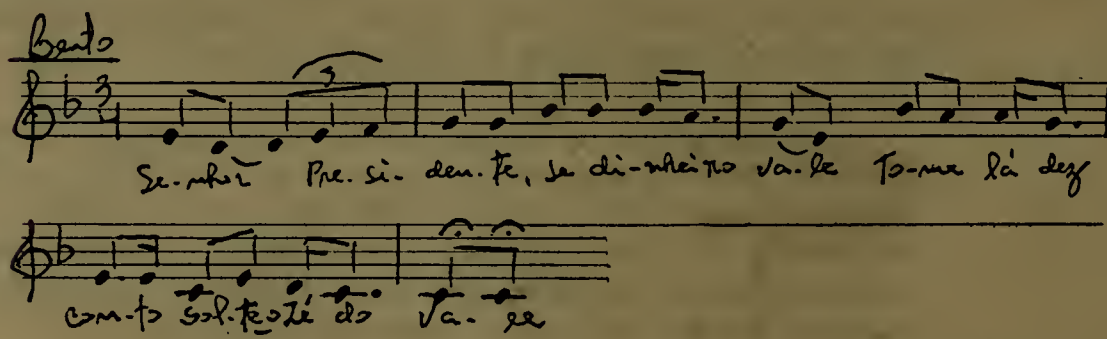
Já são decorridos dois séculos, não obstante, encontram-se sob os mais variados aspectos, sobrevivência poético-musicais do Cabeleira.

Pereira da Costa em "Folk-Lore Pernambucano" expõe, como sempre, com muita objetividade, dados biográficos e façanhas do herói, inclusive algumas trovas, que são reveladoras de diferentes fatos e fases da sua vida, como sejam:

"Meu pai me pediu,
Por sua benção,
Que eu não fôsse fraco
Fôsse valentão.

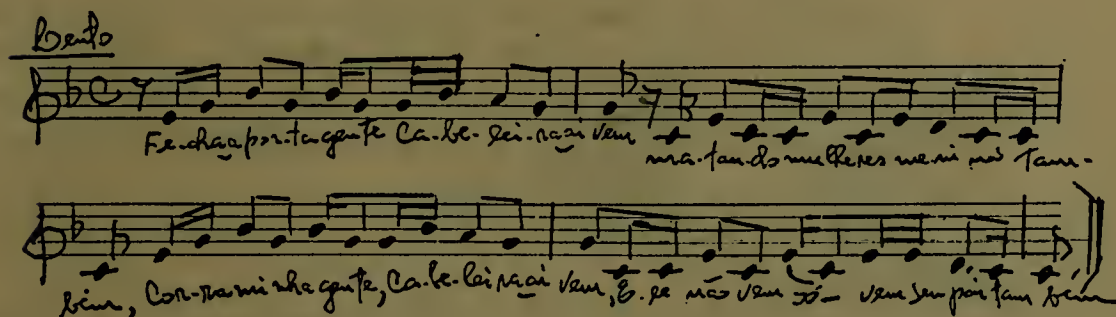
Minha mãe me deu
Contas pra resar,
Meu pai deu-me faca
Para eu matar."

Minha mãe pediu-me
Por seu coração,
Que eu fôsse bom homê,
Não matasse não."

O que fica demonstrado, como sua mãe, mulher virtuosa, opunha-se aos crimes praticados pelo marido e pelo filho. É justamente por isso que se encontram estrofes do Cabeleira relacionadas ou confundidas com as do outro cangaceiro famoso, ou seja, o Zé do Vale — embora vivesse muitos anos depois — tinha também uma mãe suplicante, que, pedia ao Presidente, clemência para o filho. Como se pode apreciar na versão cantada pelo poeta Ascêncio Ferreira, numa conferência, gravada em disco, pertencente ao "Centro de Pesquisas Folclóricas" da Escola de Música da UFRJ, como Reisado:

Senhor Presidente,
Se dinheiro vale,
Tome lá dez conto
Solte o Zé do Vale.

Minha Senhora,
Eu não solto não,
Seu filho é malvado,
De má condição.

A tradição popular, apesar do tempo decorrido, consagrou muitas das quadras compostas pelos vates sertanejos do tempo de Cabeleira. Eram crônicas, em forma de poesia cantada, que registravam as façanhas. Podemos mencionar as que cantava Edgar Romero, como fragmento de Romance. Edgar era filho de Sílvio Romero e esta versão nos foi fornecida pelo prof. Marçal Romero.

É versão pernambucana, tendo os mesmos versos, dados por seu pai, em "Contos brasileiros":

Fecha a porta, gente,
Cabeleira aí vem,
Matando mulheres,
Meninos também.

Corram, minha gente,
Cabeleira aí vem,
Êle não vem só,
Vem seus pais também.

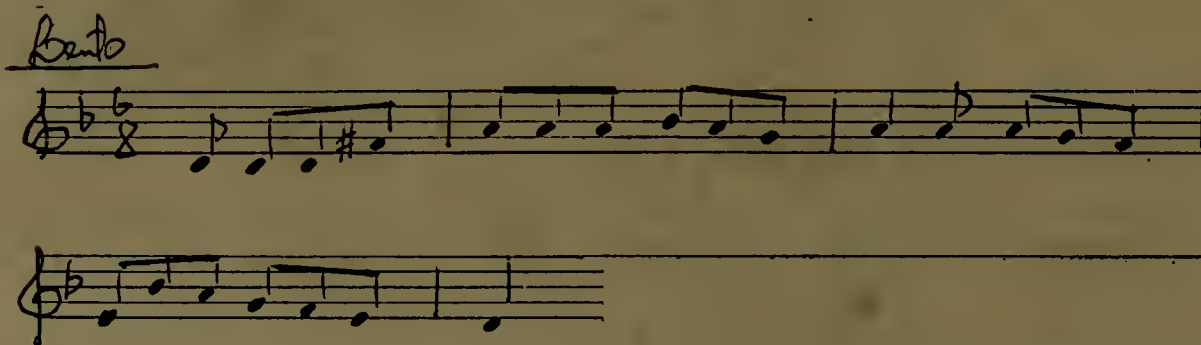
Observa-se nas duas melodias cantadas por Ascêncio Ferreira e Edgar Romero, que apesar de possuírem compassos diferentes, apresentam-se ambas em escala modal (mixolídio) e têm semelhanças nos seus desenhos melódicos. Do ponto de vista musical são bem à feição da cantoria do nordeste.

Mas, voltando-se ao Cabeleira é preciso notar, incorporou-se à falange dos fantasmas terríveis, isto é, ao Quibungo, ao Prêto Velho, ao Surrão, ao Gato Prêto e muitos outros, com que as mucamas — babás de outros tempos — faziam meninos dormir.

Os métodos eram bastante diferentes dos usados hoje e Gilberto Freyre no seu magnífico "Casa Grande & Senzala", José Olympio, pág. 548, diz:

Não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até os princípios do século XX — o século da luz elétrica, que acabou com tanto mal-assombrado bom, para só deixar os banais, das sessões de espiritismo — não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabeleira. A negra velha só tinha de gritar para o menino chorão: "Cabeleira vem aí!" E o menino se calava logo, engulindo o choro, entre soluços:

"Fecha porta, Rosa,
Cabeleira êh-vem
pegando mulheres,
meninos também!"

Não é tão sòmente como acalanto que se encontram fragmentos dos romances sôbre o Cabeleira, mas, também, como cantiga de roda. Luiz Heitor gravou em Diamantina (Minas Gerais), uma versão como "Vem cá Cabeleira". A linha melódica apresenta uma escala defectiva e tem o acorde de tônica em dubiedade tonal:

Vem cá, Cabeleira,
Vem cá me contá,
Quem foi que te prendeu,
Lá no canaviá.

Três dia não como,
Três dia não bebo,
Quem me sustentava,
Era a caninha verde.

Nestes fragmentos, gravados em disco, pertencente ao C.P.F. da Escola de Música, já se acha registrado o fim da vida do aventureiro.

Como vimos nas diferentes quadras e nos informa, ainda, Pereira da Costa, na obra citada, Cabeleira espalhava o pavor pela Capitania, praticando crimes e assaltos.

Quando sabiam que êle se aproximava de qualquer localidade, havia duas alternativas: os moradores fugiam, abandonando suas casas ou recebiam da melhor maneira, satisfazendo as exigências e imposições do bando de malfeitores.

No próprio Recife, a horda terrível penetrou várias vêzes, não deixando que ninguém tivesse tranquilidade até que no govêrno de José César, Cabeleira caiu prisioneiro em Pau d'Alho, no canavial do Engenho Nôvo.

Prêso e submetido a julgamento, êle e seu companheiro Teodósio, foram condenados a morte.

Sobrevive, contudo, como lembrança na imaginação do povo, fragmentos dos romances cantados, que registraram sob vários ângulos, a vida do famigerado Cabeleira.

TUDO BEBE ATÉ CAIR, QUEM PAGA O PATO SOU EU...

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

MANHÃ de sol de domingo no Campo de São Cristóvão. Ao redor do Pavilhão de Exposições é a imensa feira sem dúvida a maior da Guanabara, quer em relação à área ocupada, quer no que toca à extraordinária variedade de produtos expostos à venda.

Há muitos anos, São Cristóvão tem sido um centro de convergências de nordestinos de variada procedência. Alí se estabeleceram as primeiras emprêsas de ônibus, pioneiras nas ligações entre o Rio e os principais centros do Nordeste. Alí muitos cearenses, potiguares, paraibanos, pernambucanos e alagoanos, foram fixando suas residências e seus pequenos negócios. E dentro da tradicional feira domingueira, produtos e compradores advindos do verdadeiro coração do Brasil, daquêle autêntico Brasil de quase quinhentos anos.

São conjuntos de xaxado, são cantadores de côco e de viola, vendedores de folhetos, entre êles, mais destacados, os paraibanos Antônio de Oliveira Dantas e José João dos Santos, o notável Azulão, também poeta dos mais afamados. E por todo canto se espalham as barracas de sarapatel, de milho assado, de pamonha, cuscuz e bejú, de carne de sol com farinha, de artigos típicos do colorido e multiforme artezanato nordestino, de meizinhas, enfim, de

tudo quanto poderia ser encontrado numa feira de Campina Grande, Caruarú, Juazeiro ou Crato, para citar apenas as maiores.

E, sobretudo, é aquêle pedaço de chão a verdadeira sala de visitas e o escritório do nordestino pobre, via de regra alojado em barraco, vivendo na maior dificuldade, lutando pela sobrevivência inclusive daquêles que ficaram no torrão natal e que todo mês recebem uns trocados suados e sofridos, frutos de trabalho incessante na terra carioca. Alí na feira, se reúnem para glosar motes, via de regra nas mesas dos bares próximos, alí recebem os recém-chegados do sertão, do agreste ou da mata, alí combinam encontros, alí fazem seus pequenos negócios, alí arranjam emprêgos através dos amigos em melhores condições de vida.

Enfim, é aquilo um impressionante ambiente social, que espera por um estudioso atento e sagaz.

Pois foi naquêle domingo ensolarado, quando se festejava São Pedro, que voltei mais uma vez ao convívio dos meus amigos poetas populares, movido pelo interêsse de ver glosado um mote que havia recolhido na marcante obra de José de Matos, boêmio inveterado, glória da poesia popular do Carirí Cearense.

Dizia o vate alencarino:

Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Tema bem do agrado dos glosadores, geralmente bons de bebida, excelente para esta Revista BRASIL AÇUCAREIRO, sempre abrindo espaço para os múltiplos aspectos de nosso folclore, muito especialmente para o que se refere à cultura açucareira e sucedânea.

Em poucos minutos reuni um punhado de eméritos fazedores de versos, arrastei-os para a mesa de um bar e, alí, entre quentes e geladas deixei que cada um desse expansão à sua veia poética.

Mocó (Cícero Vieira da Silva), paraibano de Campina Grande, sem dúvida dos mais vivos e inspirados glosadores radicados na Guanabara, começou assim:

Sou poeta popular
Que dou azar com colega
Levei dois para a bodega
Só pra beber e farrar
Porém na mesa do bar
Triste caso aconteceu
Que um desapareceu
E o outro foi dormir
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Fui pra uma bebedeira
Mas passei por miserável
Me chamaram responsável
Por bêbedos na brincadeira
Um caiu duma cadeira
A polícia apareceu
Essa logo me prendeu
No xadrez eu fui dormir
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Prosseguiu Antônio Bandeirantes, nascido em Pedra Branca no Ceará, atualmente estabelecido em São Paulo:

A saudade me inflama
Mas vou beber a vontade
Matando a minha saudade
Na linda espuma da brama
Se eu errar alguém reclama
Fico bêbado e não plebeu
Já vi bêbado que morreu
Mas tomo pra divertir
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Beber na sociedade
Relembrando a meninice
Estou chegando na velhice
Recordando a mocidade
Vou desfrutar a vontade
Que me chamem de judeu
Porque até Cristo bebeu
Só não foi pra divertir
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Com a palavra João Pereira, de Alagoa Grande, Paraíba:

Bebi no fim de semana
Minha sorte se destina
Me encostei numa cantina
Num bar em Copacabana
Enchi o chifre de cana
Me chamaram de judeu
E um soldado apareceu
Me chamando de sací
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

Chegou a vez de Ezequiel Calixto, potiguar de Nova Cruz:

Posso beber aguardente
Matar a minha saudade
Estou com necessidade
Que seja fria ou quente
Pago pra um parente
Pode se chamar Abreu
Se caso reconheceu
Beba pra divertir
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

E, Eronides da Conceição, nascido e criado lá em Atalaia, na mais linda praia da capital sergipana, encerrou a rodada rimando assim:

Me chamam de cachaceiro
Mas não acho que é verdade
Pois desde da mocidade
Bebo pra gastar dinheiro
E aqui no Rio de Janeiro,
Relembro de pai Romeu
Hoje o padecimento meu
Posso lhe explicar aqui
Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu

RELIGIÃO E CACHAÇA: DISCUSSÃO ENTRE CANTADORES

MÁRIO SOUTO MAIOR

O NOSSO homem do campo é católico por tradição. Assiste à missa aos domingos e dias santos, participando de tôdas as festas da Igreja com seu óbulo e com a galinha mais gorda ou as frutas mais bonitas para a quermesse do padroeiro.

Durante o mês de maio, em quase todos os lares é rezado o têrço em homenagem a Nossa Senhora e, num pendão de gravatá fincado no terreiro, uma bandeira é o sinal de que a Virgem está sendo homenageada pela família, pelos compadres e vizinhos mais próximos.

E as romarias mais divertidas que piedosas fazem a São Severino do Ramos, a Juàzeiro do Padim Ciço, a São Francisco do Canindé e outras cidades santas?

Os preceitos religiosos são observados até mesmo com exagêro quando, durante a Semana Santa, "não se tira leite de vaca porque sai sangue, não se penteia o cabelo porque é vaidade e Jesus não gosta, não se toma banho na quarta-feira de trevas porque dá paralisia, não se come doce na quinta-feira porque foi o dia em que deram fel a Jesus, não se varre a casa porque tira o rasto de Deus, não se conversa sôbre coisas que façam rir porque assim estará zombando do sofrimento de Deus, não se anda a cavalo porque Deus andou a pé, não se paga nem se recebe dinheiro, não se maltrata ninguém, não se extrai dente por-

que dá hemorragia, não se escova a bôca porque sairá sangue" [1], não se bebe cachaça porque é uma falta de respeito a Nosso Senhor e a pessoa nunca mais fica com juízo perfeito, não se toma banho para não se ver o corpo que é pecado.

Acontece que, mesmo assim, tão religioso e mais religioso que o povo da cidade, o nosso matuto tem na cachaça a válvula escapatória de seus sofrimentos e suas mágoas, de suas tristezas e amarguras. Assim, apesar de tôda essa religiosidade, alguns, naturalmente por brincadeira mas como bons apreciadores da aguardente, gostam de se divertir até mesmo com as coisas da Igreja, sem faltar com o devido respeito.

Théo Brandão [2] recolheu e publicou em jornal do Recife êste Credo, interessante adaptação do Credo católico ao credo dos cachaceiros: "CREIO na fertilidade do solo todo produtor, criador da cana e da "caninha", creio na aguardente nosso alimento, o qual foi concebido por obra e graça do alambique, nasceu da puríssima cana, padeceu sob o poder da moenda, foi derramada e sepultada no copo, ao terceiro dia ressurgiu da garrafa, bem arrolhada, donde há de alegrar os grandes e pequenos. Creio no espírito de quarenta graus, na santa safra anual, na comunicação dos pifões, na remissão dos chinfrins e na ressaca eterna. Amém."

Na literatura de cordel vamos encontrar alguns repentistas que usam temas religiosos nos seus folhetos, como "A noiva de São Pedro" de Caetano Cosme da Silva (Itabaiana, Paraíba), "Um grande exemplo de São Francisco do Canindé" de Camilo dos Santos, (Campina Grande, Paraiba), "O pecador não é nada" de Inácio Francisco da Silva, "Peleja de Manoel Riachão com o diabo" de José Bernardo da Silva (Juàzeiro do Norte, Ceará), muitos sôbre o "Padim Ciço", "Discussão de um crente com um cachaceiro" de Vicente Vitorino, "Os dez mandamentos, o Pai Nosso e o Credo dos Cachaceiros" de José Costa Leite (Condado, Pernambuco) e outros.

Vejamos, então, como José Costa Leite — autor de muitos folhetos como "O sanfoneiro que foi tocar no inferno", "A serpente que engoliu um vaqueiro no rio Amazonas", muito procurados nas feiras do nordeste — nos fala das orações dos cachaceiros no seu folheto já mencionado [3], depois de, logo na introdução, explicar que:

Agora vou descrever
Para todos os brasileiros
Um livrinho de gracejo
Traçado em versos roceiros
Do jeito que sei e posso
Os mandamentos e o Pai Nosso
E o credo dos cachaceiros.

O repentista José Costa Leite, depois da introdução, inicia seu folheto com o Padre Nosso dos Cachaceiros:

Pai Nosso que estais no céu
Fazei a cana crescer
Com um inverno sadio
Prá ela amadurecer
Porque ela é saborosa
E dá cachaça gostosa
Prá todo o mundo beber.

E santificai a cana
Porque ela é excelente
Venha a nós um copo cheio
Que bebo e fico contente
Na cachaça me confio
Se estou quente fico frio
Se estou frio fico quente.

E seja feita a vontade
De quem bebe todo o dia
Na terra como no céu
Da bôca, só bebo fria
A cachaça é o pão nosso
E sem beber eu não posso
Ter prazer nem alegria.

E perdoai os pecados
De quem gosta de aguardente
Fazei que o dono da venda
Perdoe a conta da gente
Quem vive só embriagado
Merece ser perdoado
Para beber novamente.

E não nos deixeis cair
Embriagados, porém
Livrai-me de pagar tudo
E da ressaca também
Um pedido quero fazer
Durante enquanto eu viver
Não me falte a cachaça. Amém.

Em seguida, o repentista passa a falar dos dez mandamentos do cachaceiro, sempre em tom de gracejo como explicou na introdução e sem querer brincar ou falar mal das coisas de Deus:

Agora, os dez mandamentos
Vou lhe ensinar também
Primeiro, não beber pouco
Sòzinho ou com alguém
Segundo, entrar no paleio
So aceitar copo cheio
E não pagar prá ninguém.

Terceiro, quando acordar
Ser a bebida primeira
Quarto, tomar um pileque
E dar também à companheira
Beber alegre e contente
Em duas horas sòmente
O dia e a noite inteira.

Quinto, ter todo cuidado
E não beber "cana" ruim
Sexto, só viver sentado
No bar ou no botequim
Sétimo, só beber fiado
E depois ficar zangado
O sabido faz assim.

Oitavo, fazer regime
E só beber "cana" fria
Andar com uma garrafa
Para ter mais garantia
E quando estiver "ruim"
Cair onde tem capim
Porque a cama é macia.

Nono, quando melhorar
Beber de nôvo com sobra
Até encher a barriga
E o corpo fazer manobra
Bebendo pouco é pior
Pois a pancada maior
É sempre a que mata a cobra.

Décimo, só beber no bar
Chora na rampa ou Pitu
E fazer um tira-gôsto
Com a perna dum peru
Ou a pata dum caranguejo
Tem gente que faz com queijo
Eu gosto mais de caju.

São êstes os mandamentos
Do cachaceiro sabido
Os 10 se encerram em 2
Eu já estava esquecido
Mas digo sem arrodeio
É um copo grande, cheio
E um caranguejo cozido.

Finalmente nos apresenta, sempre usando um linguajar nordestino, o Credo dos Cachaceiros:

Creio na cachaça boa
Que é pura, imaculada
Um alimento gostoso
Que engorda o camarada
E a qual foi concebida
No alambique e vendida
Na bodega, engarrafada.

Nasceu da puríssima cana
Sofreu e foi maltratada
Sôbre o poder da moenda
E numa cuba derramada
Ali ela padeceu
Ao alambique desceu
Aonde foi sepultada.

Na caldeira ela sofreu
E já no terceiro dia
Ressurgiu do alambique
Veio quente e ficou fria
Subiu ao céu da bôca
E com ansiedade louca
Só bebo em grande quantia.

Hoje, ela vive na pipa
E há de vir alegrar
Os grande e pequenos
Na hora que fôr tomar
Creio que ela é famosa
Porque cachaça gostosa
É um pecado enjeitar.

Creio no espírito dela
E na santa safra que vem
Na comunicação dos tragos
E dos pileques também
Na remissao das "bicadas"
Na confusão das "lapadas"
E na ressaca eterna, Amem.

Terminando o folheto, José Costa Leite, depois de haver imaginado uma discussão entre dois "sujeitos" na cidade de Sapé, passa a explicar porque êle mesmo não gosta da cachaça:

Escrevi êste folheto
Prá quem gosta de beber
Não creio que as orações
Façam o homem vencer
Porque quem bebe cachaça
Sucede cair na praça
E ir à prisão sem querer.

Cachaça tem envolvido
O homem na perdição
Tudo que faz é perdido
Sofrendo decepção
Anda sujo e mal vestido
Levando queda na praça
Vendo o povo achar graça
Inda vai beber de nôvo
Tanto que digo ao povo
Eu não gosto de cachaça.

Vicente Vitorino em seu folheto "Discussão de um crente com um cachaceiro" [4] começa dizendo que:

Eu viajando êste mês
Pela linha do agreste
Fui parar numa feira
Dia de São Silvestre
É fraca a feira e de-tarde
Dá cachaceiro por peste.

Entre os nordestinos, católicos em sua maioria, vamos encontrar em quase tôdas as cidades adeptos de outras religiões cristãs, significando um grupo de pessoas às vêzes brigadas e descontentes com o procedimento do vigário da paróquia, mulheres expulsas das confrarias religiosas pelo mau comportamento, católicos descrentes, ou mesmo forasteiros que vieram implantar a sua fé, com certo conhecimento das sagradas escrituras, sempre trazendo na ponta da língua apóstolos bem como capítulos e versículos da Bíblia. São os "nova-seitas", "os crentes", "os bodes", creio que por cantarem seus melodiosos hinos até tarde da noite.

Os nossos homens do interior, sem instrução alguns e ignorantes outros, não se lembram ou não compreendem que tôda religião leva a Deus e nenhuma delas manda fazer o mal.

A verdade é que existe uma certa animosidade contra os protestantes, insuflada pelos padres mais idosos, de quando a Igreja Católica ainda vivia completamente divorciada da realidade social, ensimesmada em seu misticismo barroco e tinha uma espécie de direito e mando sôbre seus fiéis.

Os católicos acham que os protestantes querem ser mais puros que todo mundo, sem frequentar bailes, sem fumar nem beber, como se fôssem criaturas quase que irreais, de tao estranhas ao mundo em que vivemos — conforme me confessou um sertanejo inimigo ferrenho e gratuito dos "bodes".

Daí a discussão de que Vitorino nos fala em seu folheto, onde veremos que o cachaceiro fêz tubo para que o crente bebesse uma "lapada", dizendo até que "quando Jesus foi prêso e de espinhos foi coroado lhe puseram uma cana na mão. Veremos ainda que o crente também não perdeu sua oportunidade de aconselhar o cachaceiro para o caminho do bem.

Vejamos, agora, como foi a discussão:

Quando o crente foi passando
Com a Escritura na mão
O cachaceiro abraçou-o
Nesta mesma ocasião
Êle disse oh! camarada
Vamos tomar uma lapada
De Pitu com camarão?

Disse o crente, Deus me livre
A minha lei não adota
Eu jogar nem tomar cana
Não me jogue mais patota
Saiba que eu sou crente
E você um insolente
Cachaceiro e idiota.

Disse o cachaceiro a êle
Que orgulho é êsse seu
Você já sabe da conta
De crente que se perdeu
Isso de lei é loucura
Jogue fora essa Escritura
E tome Pitu mais eu.

Quem joga, quem toma cana
São uns amaldiçoados
Fumadores e dançadores
Êsses não são perdoados
Assim diz a Escritura
Minha salvação é segura
Mas não os viciados

Você não bebe nem fuma
Cigarros da Souza Cruz
Não dança devido a cota
Um baralho não conduz
Que rendimento dá ao país
Você é um infeliz
Não é um membro de Jesus.

Deus quando formou o homem
Foi prá viver em harmonia
Uns com os outros arranjando
O seu pão de cada dia
Não foi prá tomar cachaça
E viver nesta desgraça
Abusando a freguesia.

Por que foi que Deus deixou-me
Sofrendo nesta tamanca?
Que só estou bem quando estou
Tomando cana Aza Branca
Quando sinto o cheiro dela
Me vem o sabor na goela
Que eu bebo ou o rabo arranca.

Deus não fêz você assim
Com esta sentença crua
De beber no bar alheio
E cair no meio da rua
Bêbado falando sòzinho
Aborrecendo o vizinho
Isto é safadeza sua.

Eu bêbado assim como vivo
Mas tenho religião
Tomo Pitu e Genebra
Misturo com vinho São João
Levo queda de morrer
Deus vendo meu padecer
Me concede a salvação.

Deus quando formou o mundo
Fêz o homem tão perfeito
Distinguiu dos outros sêres
E ficou bem satisfeito
Prometeu-lhe a salvação
E a imunda corrução
Faz o homem dêste jeito.

Todo domingo na missa
Eu ouço o padre ensinar
Coma o pão beba do vinho
Para poder se salvar
E eu ouvindo o sermão
Compro do vinho São João
Bebo dêle até topar.

É porque você está ébrio
Não adianta discussão
Mas quando ficares bom
Eu vou dar-te uma lição
Tirar-te desta má fé
E te mostrar como é
O caminho da salvação.

Quando eu bebo Serra Grande
Me recordo da ladeira
Do Calvário que Jesus
Levou a cruz de madeira
Lá foi muito judiado
Eu também sou arrastado
Bebendo a cana Rancheira.

Nunca queira comparar
Seu sofrer com o de Jesus
Enquanto o homem foi santo
E depois de morto à luz
Da ciência e da verdade
E tua fatalidade
Que a miséria conduz.

Se beber fôsse pecado .
Não tinha canavial
De cana para extrair-se
Aguardente especial
Engenho nenhum não moía
Você também não bebia
Café com açúcar cristal.

É certo, eu tomo café
Feito com açúcar fino
Isso me dá alimento
Não passa para o meu tino
Como faz a aguardente
Que faz o homem insolente
Desordeiro e assassino.

É porque vocês querem ser
Melhores do que a gente
Toma caldo e chupa cana
Não bebe porque é crente
Isso é por ser idiota
E não é da POJ
Caldo, açúcar e aguardente?

Nós não queríamos ser
Mais dignos do que vocês
Mas nós crentes não abraça
A imunda embriaguês
Seja moço ou seja velho
Vindo a nós no Evangelho
Está salvo desta vez.

E a gente só se salva
Se fôr na sua assembléia
Então eu vou com você
Prá sair dessa Coréia
Vamos comigo lá dentro
Tomar primeiro um "sargento"
Prá despertar a idéia.

Eu já não disse a você
Que não tomava cachaça
Mas parece que você
Está me tomando por graça
Me convidar prá beber
Isto é para você
Que vive bebendo na praça.

A esta altura o crente já estava perdendo a calma, compreendendo que o cachaceiro estava levando a discussão como uma brincadeira e êle perdendo o tempo, pensando que estava contribuindo para que o cachaceiro deixasse de beber para trilhar o caminho do bem, ou o seu caminho.

Grande coisa eu convidar
Um colega prá "bicada"
— Colega não que eu não vivo
com a sua cachorrada
Seu tipozinho indecente.
Disse o cachaceiro: o crente
Tá numa peinha de nada.

Eu sou um homem que estudo
Conheço Escritura a fundo
Qualquer uma Escritura bíblica
Eu respondo num segundo
Sou pregador de Evangelho
Por isso mesmo aconselho
Êste tipo vagabundo.

Você já leu alguns livros
De fabricar aguardente
Pinga Fogo, Canta Galo
— Deus me livre, disse o crente
De ler certas misérias
Disse o bêbado: são matérias
Que tem estudo excelente.

Dentro da Bíblia Sagrada
Tem um provérbio seguro
Crescei e multiplicai-vos
Disse Deus para o futuro
Tudo vive em evolução
E daí vem a extração
Da aguardente pé duro.

Veja que loucura sua
Com esta interpretação
Misturar cana pé duro
Dentro da religião
Êste capítulo eu não li
Melhor se reconceli
Para ter a salvação.

E quando Jesus foi prêso
De espinho foi coroado
Lhe puseram uma cana na mão
Com cetro bem ornado
Êle não amaldiçoou-a
Por isso da cana boa
Eu tomo desassombrado.

Meu amigo já é tarde
Tá na hora da partida
Eu vou pedir a Jesus
Prá melhorar tua vida.
— Muito bem meu camarada
Vamos tomar uma "lapada"
Agora por despedida?

Esqueça essa vida imunda
De malandro desordeiro
Vamos tomar a saída
Agora por derradeiro.
— Não quer tomar Aliada
Tome champanha gelada,
Respondeu o cachaceiro.

Disse o cachaceiro: aquêle
Tem a peste de emperrado
Danou-se e não bebeu nada
Isso é que ser amolgado
Sòmente prá não pagar
Êle foi-se e eu vou tomar
Agora um porre aprumado.

Teminada a discussão, o autor, com a palavra, diz:

Peço descupa e termino
Custa-lhe 50 cruzeiros
Vamos fazer uma cota
Para arranjar os dinheiros
De pagar uma "bicada"
Pró pobre dos cachaceiros.

BIBLIOGRAFIA

1. *TINÔCO, Aldo.* Antropologia Cultural, Instrumento de Saúde Pública. *Arquivos do Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, Natal,* 2 (1-2): 197-216, *março,* 1966.

2. *BRANDÃO, Théo. Artigo publicado no Diário de Pernambuco Recife.*

3. *LEITE, José Costa.* Os Dez Mandamentos e O Pai Nosso e o Credo dos Cachaceiros, *Condado (Pernambuco) s/data.*

4. *VITORINO, Vicente.* Discussão de um Crente com um Cachaceiro, *sem local nem data.*

FESTAS FOLCLÓRICAS NO MARANHÃO

N. R. MOCHEL

O Maranhão é região rica de tradições folclóricas, com músicas típicas e danças pitorescas. Dois períodos caracterizam o folclore maranhense: os natalinos e os das festas juninas. O natalino se inicia no dia 24 de dezembro e vai até 6 de janeiro (dia de reis). O junino começa no dia 23 de junho e se prolonga até o dia 30. Nestas duas oportunidades, pode-se assistir aos folguedos mais bonitos e expressivos do folclore regional. Em dezembro, os Pastores, em junho, o Bumba-Meu-Boi. Em outros lugares do Brasil, principalmente no Nordeste, êstes folguedos podem tomar nomes diversos, mas, no fundamental, correspondem aos festejos do Maranhão.

Os pastores ou pastoril, também chamados de Lapinhas, surgem como uma reminiscência portuguêsa. São representados nos adros das igrejas, nos tablados das pequenas cidades, armados para àquela finalidade ou no palco dos auditórios, das cidades mais adiantadas.

Bonito o pastoril! Com suas músicas entremeadas de danças de compasso vivo e graciosos volteios, prende a atenção do espectador. Môças, filhas da terra, vestidas com trajes típicos, de pastoras, ciganas, camponesas, com predomínio de côres fortes, como o vermelho, o verde e o azul, dançam e cantam com pandeiro na mão, ao ritmo de violão, cavaquinho e de um instrumento de sôpro. Cada pastoril forma um cordão com os seguintes personagens: A mestra (guia), o Anjo, a Cigana, os Pastôres, a Estrêla Cruzeiro do Sul, que indica o caminho de Belém, onde nasceu Jesus. Comandados pela Mestra ou guia, cantam, dançam e dialogam sôbre a viagem que fazem juntos: — Todos vão a Belém saudar o menino Jesus que nasceu numa manjedoura. — O público se entusiasma e bate palmas para aquelas que melhor se apresentam. Termina aparecendo no fundo do palco, o presépio armado e os personagens do pasto-

ril ajoelhados diante de Nossa Senhora, São José e o menino Jesus, ocasião em que cantam hinos sacros e oferecem os presentes que levavam ao Deus menino que acabava de nascer.

No último dia da representação, a 6 de janeiro, Dia de Reis, no pastoril aparecem os "reis magos", que se incorporam ao cordão e vão também prestar as suas homenagens a Jesus, levando ouro, pedras preciosas, incenso e mirra.

O pastoril é de fundo religioso e ainda hoje êle é representado da mesma forma de há séculos, tornando-se tradição nas festas natalinas.

Outra comemoração que caracteriza o folclore maranhense, em junho, é o Bumba-Meu-Boi.

Na véspera de São João saem à rua grupos de homens fantasiados — os brincantes do boi — com os chapéus enfeitados de fitas coloridas, que descem até aos pés, e as roupas de setim brilhante bordadas de contas de aljôfre e lantejoulas. Muitos usam capas de veludo prêto, bordados com espelhos e vidrilhos, formando belos desenhos.

O Bumba-Meu-Boi apresenta uma trama singela: o boi é conduzido pelo vaqueiro que é atacado pelo "Chico" que pretende roubar o animal. Êste é ferido e cai como se estivesse morto. Com cantorias e danças, é chorada a sua morte. Vem o Doutor e o Boi ressuscita em meio ao contentamento geral.

Em tôrno do animal gravitam os personagens, que variam de região para região. No Maranhão, temos o Mateus, a Burrinha, a Mãe Catarina, o Doutor, o Vaqueiro, o Caboclo de Pena, o Caboclo Real e os Brincantes do Boi. Todos brincam e alegram os assistentes. Relembram a infância dos adultos. As crianças se apavoram com os malabarismos coreográficos do Boi e saem correndo para regressar sem demora a procura do pai Francisco (Chico), figura pitoresca do Bumba-Meu-Boi, que as alegra com suas artimanhas.

O Bumba-Meu-Boi é de origem européia. Trazido para o Brasil no século XVIII, tinha como cenário, os engenhos de açúcar e fazendas de gado. Do nordeste, irradiou-se para o resto do país, recebendo, em cada lugar, nomes diversos: Boi-Bumbá, na Amazônia; Boi Surumbim, no Ceará; Reis-de-Boi, em Cabo Frio; Boi-de-Mamão, em Sta. Catarina e assim por diante.

Levado para a África, em Daomé, por imigrantes brasileiros, é alí conhecido como Burrinha.

Apesar do surto de progresso que o Maranhão está vivendo nos últimos anos, os maranhenses continuam a cultivar, com o ardor de sempre, as tradições folclóricas. Quem chega às

terras maranhenses em dezembro ou junho, há de se render, sem dúvida, à beleza ingênua das Lapinhas e à vivacidade esfuziante dos Bumba-Meu-Boi.

Sem distinção de classes sociais, todos procuram participar dessas festas, nas quais se espelha a alma do nosso povo.

VINHA DOS BANGUÊS A DOÇURA NAZARENA

MAURO MOTA

INHA dos banguês a doçura nazarena, das latas de mel a domicílio, da paisagem, das coisas e das criaturas. A doçura da fala de Paulina Costureira, a do mitomôno *Seu Cordeiro* do Juá, sem admitir riso quando contava as suas fábulas. Uma delas, a da mangueira de duzentos anos, do sítio do avô. Um fenômeno de genética vegetal, essa "mangueira caduca", como êle a chamava, e que, por causa da caduquice, botava, misturadas com as mangas, jacas, bananas e sapotis. A doçuca dos armazéns de açúcar na Estrada Nova, entre êles, o do grande nazareno Alfrêdo Coutinho e o do *Seu* Arthur, estendendo, na frente, o letreiro ambicioso: *"Artur Araújo, comprador de todos os gêneros do país"*.

Vinha dos banguês a doçura dos ares nazarenos, inundados pelos pregões de cocadas, alfinins e caramelos, à doçura das bolas

de Sinhá da Bola. A doçura das crianças de catecismo; do canto das môças no côro das novenas; doçura da flauta do professor Targino; do piano de Celina, de *Seu* Milo, tocando valsas vienenses e valsas de Alfrêdo Gama; do bandolim de Dulce, do Doutor Felisberto; doçura das tardes de domingo; das tosses curadas com Xarope Peitoral Nazareno; do sino da igreja, batendo à noite, a hora do menino dormir.

Eis algumas faces da cultura canavieira de Nazaré da Mata, já aqui tomada no sentido sociológico. Em Nazaré da Mata, os canaviais criaram uma civilização. Dêles saíram combatentes das revoluções libertárias de Pernambuco, saíram líderes políticos, líderes da agricultura, da indústria e do comércio, homens de ciências e homens de literatura, sem pôse para a história, pois na história entraram pelo mérito do que realizaram.

Ainda na primeira metade do século passado, já circulava em Nazaré um jornal, *O Nazareno,* dirigido por Borges da Fonsêca, lutador da Revolução Praieira. No sobrado onde funcionava a *Farmácia Neves,* eis uma sugestão ao Prefeito — deveria existir uma placa: "Da varanda dêste sobrado, Joaquim Nabuco falou ao povo de Nazaré".

Isso aconteceu em 1885. Incluída no 5.º distrito, Nazaré elegera o grande pernambucano para a Câmara dos Deputados.

Em Nazaré, aprendi a ler na escola das professôra Alice e Ana Vieira de Melo; fiz a primeira comunhão; publiquei os primeiros versos na *Gazêta,* sob a direção dos padres Odilon Pedrosa e Álvaro Negromonte, embora sem o dom da palavra, fui orador da Euterpina Juvenil Nazarena e do Clube Estrêla; comecei a leitura dos clássicos na Biblioteca do Centro Literário.

Lá fui coroínha na Catedral e na Igreja do Bom Jesus; ajudei missa, inspecionando na Sacristia o material litúrgico, sem esquecer o vinho das galhetas; amei o mês de maio e o Natal; as festas populares, que me deram a consciência dos valôres folclóricos, através do maracatu, do fandango e do bumba-meu-boi; amei as conversas na *Farmácia de Artur Neves,* no *Centro,* de Eugênio Pimenta no *Bilhar de Joca Progresso,* no *Café de Martins, no Hotel de Maçu,* na loja de Papi, embora Papi, sempre zangado de aparência, dissesse, a tôda hora, que não admitia plantão; na casa de *Seu* Bernardino Lira, avô da pintora Ladjane, e excelente nazareno, quase uma enciclopédia profissional, dono de cinema, dono de automóvel de aluguel, diretor da banda de música, organizador de clubes de carnaval, leiloeiro, fabricante de caixões de defunto. Ainda na casa de biqueira e andorinhas de Vitor Vieira de Melo, a derradeira farda de coronel da Guarda Nacional, que apareceu nas ruas da cidade, tão cioso da patente que a mencionava a tôda hora. Recordo uma entrevista que fiz com êle já nonagenário. Mostrou-me uma velha fotografia, da qual as imagens de boné, já tinham quase debandado no toque de recolher. Quando indaguei — Coronel, que grupo é êsse, respondeu com saudade e orgulho:

— Eu e meu Estado Maior.

Em Nazaré, amei a lua nazarena, que aparecia, nas noites de sábado, como se fôsse chamada pelo violão nas serenatas de Chico Simplício; amei as retretas, falei na Valsinha da Banda Municipal:

Música da Banda Euterpina
Juvenil, de Nazaré da Mata,
tocando ao
luar de prata.

(O seresteiro
achando a rima
da serenata)
Música pelo
Natal; na festa
da padroeira.

(A procissão,
Nossa Senhora da Conceição)
Música nos bailes
de carnaval
e em funeral.

Seu Miguel ensaiava de noite, na Rua
da Palha, para as tocatas coletivas.
Nunca mais deixei de ouvir
as suas noturnas melodias da janela.
Sinto que êle acorda e volta de longe, nesta madrugada.
Limpa a farda de tempo e areia,
vem cemitério de São Sebastião,
vem com a sua valsa de antigamente,
vem com o seu clarineto na mão.

Em Nazaré da Mata, amei e amo as casas onde morei com minha família, a da Rua da Palha, a da Praça da Catedral, a do Alto do Bom Jesus, que foi demolida:

Debruço-me de fora
onde havia a janela.
Nuvem ou casa extinta?
Lá estou como eu era.

Que pássaro imigrante
pousa na cumeeira?
Que neblina umedece
as paredes aéreas?

Quem me chama ou me leva
quando o espaço transponho?
Só o verde das heras
sôbre as vozes e o sonho.

Ninguém se muda jamais do domicílio da infância. A gente sai, mas leva, pelo resto da vida, os trastes na cabeça e no coração. Cadeira, sofá, jarro, cama de lona, chinelo, bacia de lavar rosto, guarda-comida, aparador, fruteira, o espelho da sala, candeeiro, cesta de costura, cafeteira, chaleira de ferro, alguidar, baú, esteira de pipiri, tábua de engomar, pilão de pisar milho e café, pegador de brasas, quartinhas, tamboretes, gaiolas de passarinho.

No meu caso pessoal, carrego até o pé de sabugeiro e o cheiro dos cajás, os passos de minha mãe no corredor, a noite, o mêdo do lobisomem, as sombras na parede. A casa inverte a missão domiciliar, sai da rua. A casa mora no seu antigo habitante.

MEDICINA RÚSTICA, TRADIÇÃO E BEBIDAS DA AMAZÔNIA

VALMIR A. DA SILVA

1. MEDICINA RÚSTICA

Incluo neste artigo tôda forma primitiva de medicina caseira, através de plantas, raízes, ervas, fôlhas, bem como as tão conhecidas "simpatias", e, ainda, qualquer forma de curandeirismo, o tratamento com plantas medicinais, hoje industrializadas ou não.

Curandeirismo — Há quem distinga entre **curandeiro, rezador** e **raizeiro,** atribuindo-lhes características próprias, no modo de **trabalhar**. Assim, para Eduardo Campos, o curandeiro emprega "de preferência garrafadas preparadas de acôrdo com receitas especiais que variam de um para outro". Já o rezador "destaca-se pelo poder de suas orações. É servido por uma poderosa fôrça de sugestão, favorecida pela situação de depauperamento do paciente e pelo respeito que lhe sabe infundir". Finalmente, o raizeiro, **apesar de estar mais próximo do curandeiro, difere dêsse**. E explica: "É bastante curioso dos assuntos da nossa farmacopéia, achando que os remédios do "mato" são melhores do que os receitados pelos médicos, porque são naturais e empregados com tôda a fôrça e "sustança" da Natureza".

Observemos alguns exemplos de **tratamento** e **cura,** pelo processo rústico, sem a preocupação de esquematizar.

Frieira. Para dar cabo de frieiras nada melhor do que introduzir os pés, de manhã cedo, no urinol com mijo. As crianças, como andam descalças e molham os pés nas valas e lamaçais, pela falta de asseio, em geral, permanecem o dia inteiro sem os enxugar. Daí sobrevém as frieiras, tão incômodas. Durante a noite, ficam então roçando os dedos do pé nas beiradas da rêde, provocando séria irritação. Os pais, para botar fim à doença e ao hábito noturno,

obrigam-nas a meter os pés no urinol, alguns dias, até que as freiras acabem.

Hemorragia. Assisti, na cidade de Vigia (Pará), em 1948, o barbeiro — que era o dentista local — fazer estancar a hemorragia de um "cliente", cujo dente êle extraíra, colocando tabaco embebido em urina no lugar da extração. Estranhando aquela **medicina**, indaguei de algumas pessoas a respeito do hábito e fui informado de que era a maneira mais eficaz para tais casos.

Bronquite. Um curandeiro, em Belém, tratava da bronquite dos "clientes" por um processo **sui generis**: mandava raspar todo o cupim das cêrcas do quintal e botar no fôgo para ferver, com outros ingredientes, que desconheço. Transformava tudo aquilo num xarope e dava para o enfêrmo. Gabava-se de haver realizado muitas curas, pois tal fórmula aprendera com seus ancestrais, também curandeiros.

SIMPATIAS — As "simpatias" são por demais empregadas nos casos de **influências estranhas**. Alguns enfermos, reais ou imaginários, conseguem até aliviar-se, pela auto-sugestão, coincidência ou cura espontânea, devido o caráter supersticioso que os envolve.

Torcicolo. Um bom recurso para acabar com dor de pescoço é virar a cabeça para um lado e para outro, repetidamente, dizendo ao mesmo tempo: **sêbo, sêbo, sêbo**... Inúmeras ocasiões ouvi a recomendação, quando me queixava de dôr de pescoço: — "Vire a cabeça para a direita e para a esquerda e diga: sêbo, sêbo, sêbo... Olhe, **sêo** môço, não há coisa **melhó**!

Cãimbra. Costuma-se amarrar um cordão (barbante) na perna afetada, à altura dos tornozelos, durante vários dias, a fim de impedir que se manifeste ou fazê-la parar. Há quem o use permanentemente, até na hora do banho, para evitar que a **friage** provoque o mal. É, aliás, uma **simpatia** encontrada em outras regiões do Brasil.

Erisipela. Uma das **simpatias** mais curiosas, para a cura da erisipela (**isipra**) é a seguinte: o doente deve usar no bolso esquerdo da calça (algibeira) — se fôr homem; se fôr mulher, no cós da saia — uma castanha de caju. Em pouco tempo estará livre da enfermidade. Se usar a castanha a vida tôda, livrar-se-á do mal para sempre. Conheci, em Belém, nada menos de três pessoas que ficaram curadas por êsse processo.

CRENDICES — Na Amazônia a crendice e a superstição dominam, ainda hoje, a alma do povo, e não apenas a do caboclo, mas igualmente do homem da cidade, a desafiarem o progresso científico e material.

Ôlho de bôto. O bôto é um peixe que tem a tradição de seduzir mulheres: donzelas, solteironas, casadas, viúvas... E justamente porque êsse peixe se metamorfoseia em rapaz sedutor, os homens pagam preços altíssimos pelos seus olhos, na crença de que todo indivíduo que traz no bolso, permanentemente, um **ôlho de bôto**, conquista qualquer mulher e, muito em especial, a que tem em mira. Mas, além dela, outras se "jogam" também. Em Salinópolis, cidade do Pará onde parece ter o maior comércio nesse sentido, a crendice é de que se deve fazer um orifício no **ôlho de bôto**, bem no lugar da pupila, e então, através dêle, olhar em direção do **toitiço** (cangote) da mulher desejada. Ela terá anulada tôda a sua resistência e se entregará ao conquistador. Na ilha de Marajó faz-se igualmente tal comércio devido a crendice.

Cuspir no fôgo. Não se deve cuspir no fôgo. Todo aquêle que assim procede fica tísico e o peito seca. Isto é: fica tuberculoso e morre.

Urinar no fôgo. Quem urinar no fôgo terá a bexiga ressecada e a urina prêsa.

Abanar-se com abano. Abano é uma ventarola, espécie de leque, que se usa para avivar o fôgo. A crença é de que, sendo êle feito só para o fôgo, tornará tísico a quem usá-lo no próprio corpo.

Varrer casa de noite. Perde a fortuna quem ousa varrer casa de noite. Muita empregada doméstica já foi des-

pedida por ter varrido a casa dos patrões noturnamente. Entendem êles que a sua intenção é levá-los à ruína financeira.

Varrer casa de dentro para fora. É agouro. Só se varre casa de dentro para fora quando há entêrro. Explicação: com o defunto está-se expulsando os maus espíritos. Quem procede assim, fora de tais ocasiões, atrai morte para algum ente da família.

Fazer chuva passar. Há várias crendices, nesse sentido. Uma delas é introduzir um garfo no paneiro (espécie de cesto de fibras) de farinha; outra é mandar o menino caçula descer as calças e ficar de quatro pés, com o traseiro de fora, na porta da rua.

Fazer parar o crescimento. Conheço também duas crendices do paraense, referentes à parada do crescimento das crianças: colocar paneiro na cabeça; ficar debaixo da mesa. Lembro-me até que o filho de uma vizinha fôra castigado pela mãe, e, enfezado, disse para a avó: — "Vou ficar debaixo da mesa para não crescer e, mais tarde, não trabalhar para essa danada"!

PLANTAS MEDICINAIS — O homem primitivo e o sertanejo conhecem, bem mais que os civilizados, as qualidades medicinais de muitas plantas. Lutando contra o desconfôrto, a pobreza, a falta de recursos, procura servir-se, nos momentos de enfermidade, de raízes, fôlhas, galhos, ervas, enfim, do que a Natureza lhe bota às mãos. E sua confiança, nos podêres curativos dos vegetais é tanta que duvida até da própria Medicina. Daí o prestígio dos curandeiros, raízeiros, benzedores que, ainda hoje, têm lugar de destaque nas cidades pequenas. A experiência lhe ensinou que, primeiro, deve observar para, depois, se utilizar dos vegetais. Êsse conhecimento empírico vale mais do que o conhecimento científico, de acôrdo com o seu modo de raciocinar. Referiu-se certo professor que teve em sua chácara um empregado — prêto velho, analfabeto —, que era o homem **mais sábio** já encontrado em tôda sua vida. Conhecia inúmeras plantas e as qualidades curativas de cada uma. Perguntado, pelo patrão, de como chegara a tais conhecimentos, explicou: — "Eu observo os animais e depois experimento nas pessoas". Quer dizer: era um Naturalista rústico.

As plantas, utilizadas pelo homem do sertão, a pouco e pouco, vão sendo exploradas pelos civilizados, que logo se apressam em tudo industrializar. Félix Molina-Téllez, que fêz um admirável estudo a êsse respeito, escreve: "Se os modernos sentem tanta inclinação para as plantas, seja por sua beleza em si, pelo seu aspecto, como pelas flores e frutos que nos oferecem — que não a sentiria o homem primitivo que habitava na selva, a qual lhe dava o necessário para a sua vida quotidiana?".

Andiroba (Carapa Guianensis, Aubl.). É uma árvore de grande altura, da família das **Meliaceas,** em que determinadas espécies atingem até 30 ms. Sua casca contém um alcalóide — a **carapina** —, mais conhecida como **andirobina,** de sabor amargoso, cristalizável. As sementes, quando privadas de suas cascas, produzem um óleo bastante espêsso, de côr amarelo-escuro, sabor amargo. É o popular **azeite de andiroba,** que os aborígenes já conheciam com o denominação YANDIROBA-JANDY, bem antes do Descobrimento do Brasil, segundo alguns estudiosos. Êsse óleo era utilizado na conservação das cabeças mumificadas, simbolizando troféus de guerras dos índios Mundurucus. Sua aplicação na Medicina Popular é variadíssima. Emprega-se como purgativo, para expulsar vermes; nas úlceras, cura do tétano, hepatites; é anti-reumático, anti-elmíntico; usa-se nas picadas de insetos venenosos, inflamações e infecções de tôdas as espécies. O povo da Amazônia tem uma fé extraordinária nesse óleo, que constitui uma espécie de panacéia para inúmeros males. É ótimo para dôr de garganta, quando administrado com mel de abelha; porém, considerado **remédio quente** e, por isso, perigoso. O doente deve fazer aplicação na parte infeccionada, como emplastro, cobrindo-a com pano, de preferência flanela, pela noite, ao deitar. Durante 24 horas não pode molhar dita região com água fria, pois do contrário **encrua,** causando males horríveis, tais como:

inchação para sempre, ou, então, ressecamento.

Copaíba (Copaifera Reticulata, Ducke). Árvore da família das **Leguminosas**, do ramo das **Caesalpinaceas**. Há vários tipos. Entretanto, a **Copaíba Marimari** parece ser a mais comum, isto é, a mais conhecida, da qual se tira o tradicional **óleo de copaíba**, de múltiplas aplicações medicinais. O povo é por demais confiante nos seus podêres miraculosos, a tal ponto que nao existe casa, no Pará, em que não se guarde uma garrafa com o óleo, como medida de precaução, para as emergências, nos casos de ferimentos, infecçoes, estrepes, golpes, principalmente onde há crianças travêssas, que se machucam constantemente. Ouvi certa vez, na feira do Ver-O-Pêso, um vendedor dêsses óleos — copaíba, andiroba, amapá — que fazia um pregão interessante, no qual exaltava as qualidades curativas da copaíba. Era, se não me engano, uma quadra que terminava assim:

"Cura até veneno de **mulhé**"

Amapá (Hancornia Amapá, Hub.). Pertence à família dos **Apocynaceos**. Árvore alta, com casca tactescente. O fruto é comestível, de côr rôxo-escura, redonda, de pequeno tamanho. O látex branco, extraído da casca, têm variada aplicação medicinal, e o povo, sempre com o seu saber empírico, usa-o no tratamento de inúmeras enfermidades, especialmente nos casos de **enfraquecimento do peito**. Tem, na terapêutica, dupla aplicação: **interna** — nas bronquites, asmas e afecções pulmonares; **externa** — ferimentos, golpes, machucados em geral, devido o seu alto poder cicatrizante. O **leite de amapá**, via de regra, é "receitado" pelos entendidos, nos casos de enfraquecimento, juntamente com mel de abelha. Creio ser por causa do gôsto tremendamente amargo do látex, que, assim, fica suavizado pelo dôce do mel.

TABUS ALIMENTARES — As crendices e superstições, provenientes de tabus, no tocante aos alimentos, são comuns em todo o Brasil. Algumas têm origem africana, mas também grande componente ameríndio. Tanto no Norte como no Nordeste, o temor de misturar determinados alimentos e frutas é imenso, cuja conseqüência, via de regra, quando não redunda na morte, é um mal-estar horrível.

Banana com leite dá dôr de barriga. No Pará o temor é tanto que ninguém ousa misturar um com outro, receioso de sofrer violenta dôr de barriga e até sobrevir a morte. Ouvi, certa ocasião, alguém advertir a outra pessoa, que tentava se insurgir contra o tabu, nesses têrmos: — "Não faça isso! Já vi um camarada morrer, se torcendo todo, porque comeu banana com leite!". Entretanto, não é tabu em tôdas as regiões do Brasil. Os mineiros, por exemplo, misturam ambos e os deglutem com especial sabor. Êles costumam fazer assim: cortam a banana em rodelas e colocam num prato fundo, despejando leite por cima. Depois, sorvem-nos às colheradas, raspando até o fim. A primeira vez que vi — na cidade de Lavras —, admirei-me, pois eu era mocinho e levara o tabu da minha terra. Com surprêsa, observei que nada de anormal ocorreu.

Manga com leite é perigoso. Dizem que provoca envenenamento ou dá congestão. Pouquíssimos nativos da Amazônia — a não ser os que já se libertaram do tabu — se arriscam a misturá-los. A crendice, parece, é também de outras regiões do Brasil. Mas, lá pelo Norte o temor tem caráter mais grave.

Manga com aguardente mata. Para o nortista o envenenamento é fatal: "não há quem se salve". Diz Josué de Castro, que referido tabu "parece ter vindo da Índia, trazido com a própria fruta". Sei de vários casos — a mim narrados — em que sobreveio a morte de indivíduos que, imprudentemente, os misturaram.

2. TRADIÇÕES

A Amazônia é rica em tradições, provenientes em geral de usos e costumes, crendices e superstições, que, embora alterados pela influência da civilização, sobrevivem, caracterizando o seu folclore.

FESTAS JUNINAS — Durante os festejos juninos, o Santo mais popular é São João, que costuma ser invocado para tudo, através de brincadeiras e folgue-

dos vários, desde os **bailes, boi bumbá, pássaros, passar fogueira,** com **parentescos, noivados, sortilégios,** até bebidas típicas, **banhos de cheiro,** etc.

Passar fogueira. Os rapazes e môças passam fogueira, com as mãos dadas, dizendo estas palavras, quando então assumem compromisso sério:

São João disse,
São Pedro confirmou:
Que nós havemos de ser noivos,
Que Jesus Cristo mandou.

Com tais dizeres, invocam-se também outras formas de aproximação — graus diversos de parentesco, amizade, etc. — de acôrdo com a afinidade de cada um, substituindo-se então as palavras. Exemplo:

São João disse,
São Pedro confirmou:
Que eu serei seu afilhado,
Que Jesus Cristo mandou.

E assim, há **primos, irmãos, padrinhos, madrinhas**... Dá-se tambem a aproximação de dois amigos — comumente, rapaz e môça, mas nem sempre —, usando-se nomes de rosas, flores, cravos, lirios, etc.

O parentesco, através do **passar fogueira**, é tão respeitado e levado a sério, que para muitas pessoas se constitui num tabu, originando o temor do incesto. Diz então a mocinha à amiga: — "Eu não posso namorar o Raimundo, porque êle é meu **irmão de fogueira!**". Dêsse modo, embora apaixonada, respeita a proibição, com mêdo do tabu.

Por outro lado, os **afilhados de fogueira** tomam a bênção dos respectivos padrinhos (e madrinhas), com todo respeito e reverências, dedicando-lhes profundo carinho, como se estivessem ligados pelos laços da religião.

Sortilégios. As maneiras de tirar a sorte, durante os festejos de São João, são as mais variadas. Em regra, visa-se o casamento e, em tais casos, as môças se salientam. Mas os rapazes tomam parte, quase na mesma proporção. Escrevem-se, em pequenos papéis, nomes masculinos e femininos, distribuindo-se entre os presentes para, assim, cada um saber, desde logo, o nome de seu futuro cônjuge. Outra modalidade interessante é a seguinte: joga-se sôbre a parte mais baixa do telhado da casa um papel com o nome da pessoa eleita, à meia-noite, para São João fazer com que referida pessoa se **decida e case**.

Outrora havia uma brincadeira bastante curiosa. A môça colocava, dentro da fogueira em chama, uma moeda de tostão. No dia seguinte, bem cedinho, ela corria e procurava entre as cinzas a moeda queimada; quando passasse o primeiro pobre, pedindo esmola, dava-lhe o dinheiro, indagando o seu nome, que seria o de seu futuro marido...

Ainda, com a crendice de prever o nome do marido, há essa outra: a môça esconde-se atrás da porta, sem ninguém saber. Ali permanece quieta até que alguém, na rua, grite um nome de homem. No momento em que isso ocorre, ela sai do esconderijo e conta à família, certa de que seu futuro marido terá o nome que foi proferido. E como há na vida muitas coincidências, quando tal **profecia** se dá, a crença se fortalece e se espalha, entre as môças, tomando foros de veracidade.

Morte. Mas existe também o lado sombrio nas brincadeiras de São João. A superstição, sempre presente na alma popular, traz consigo os temores e suas vítimas. Acredita-se que, à meia-noite, deixando-se um ramo de arruda no sereno, isso determina o tempo de vida de quem o jogou. No dia seguinte, se amanhecer murcho, é sinal de que a pessoa não chegará com vida até o próximo São João.

Banho de cheiro. Os banhos de cheiro fazem parte obrigatória das festividades tradicionais de São João. É um hábito que vem de longe, cuja época se torna difícil localizar, sendo pròvàvelmente uma mistura de influências culturais do negro, índio e o português. O certo é que êsses banhos têm um valor tal, que inúmeras pessoas, de tôdas as camadas sociais, costumam preparar garrafadas, isto é, infusões, a fim de prolongarem o máximo possível de tempo os efeitos fluídicos, na crença de que serão afugentados os maus espíritos, os maus olhados, a inveja, o quebranto, etc. Enfim, êsses banhos garantem a felicidade até o São João seguinte. Daí se chamarem **banhos da felicidade**.

A escritora paraense, Eneida, nos dá uma idéia bem elucidativa de tais ba-

nhos. Diz ela: "No meu tempo de menina, desde o momento em que me entendi como gente, vi amanhecer festiva a minha cidade, em 23 de junho. Homens corriam, carregando à cabeça tabuleiros cheios de ervas próprias para o banho da felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizam as praças e as ruas de Belém, caindo como promessas ao coração das curibocas".

Êsses banhos são preparados, geralmente, de maneira idêntica, salvo raras variações, pois obedecem a uma longa tradição entre famílias, desde a classe social mais elevada até as humildes. Na sua composição entram principalmente cipós e raízes, paus diversos, com perfumes **sui generis**, que costumam ser ralados; ervas e trevos — tudo isso é depositado, de véspera ou pela manhã bem cêdo, do dia de São João, em bacias ou em tinas com água. Alguns galhos e fôlhas não são fervidos, mas sim misturados, socados, macerados. Costuma-se ainda separar, numa cuia, uma **poção** especial, mais grossa, para ser despejada sôbre a cabeça, sem que a pessoa se enxugue, a fim de garantir melhor as suas qualidades benéficas, permanecendo com o cheiro por mais tempo. Tal banho deve ser processado à meia-noite em ponto — hora em que os **espíritos maus** agem, e assim, com essa garantia, a pessoa fica imunizada longamente. A galharia ou é comprada na porta, aos vendedores ambulantes que a trazem em tabuleiros, ou na feira do Ver-O-Pêso.

3. BEBIDAS

São inúmeras as bebidas tradicionais da Amazônia, que fazem parte até da alimentação diária, ou como complemento ou como refeição, especialmente da classe pobre, como é o caso do açaí; ou ainda as que se preparam em determinada época do ano, por ocasião de festividades típicas — o **aluá**, por exemplo, no período de São João; e também as que são feitas de frutas, em tempo de colheita — cupuaçu, etc.

Açaí. (Euterpe precatoria, Mart.). Da família das **Palmaceas,** é a denominação dada tanto ao fruto, espécie de coquinho com pôlpa, como ao sumo. O açaìzeiro é uma palmeira alta e delgada, com fôlhas bastante longas, tendo logo abaixo os cachos com o açaí. No preparo, procede-se da seguinte maneira: os caroços são colocados numa grande bacia ou tina, com água morna, após lavados, a fim de que a pôlpa amacie; depois, macerados pela **amassadeira**. Extraído o caldo, é êste servido gelado, em cuia ou tigela, com açúcar, farinha dágua ou de tapióca, camarão sêco ou pirarucu salgado. As amassadeiras costumam colocar, à frente da casa, uma bandeira vermelha, num pau, para avisarem que têm açaí à venda. Isto pela manhã, por volta das onze horas ou meio-dia. E assim, o pobre, o remediado e o rico bebem o **vinho** tradicional da Amazônia há, pelo menos, três séculos. Famosos naturalistas, nacionais e estrangeiros, têm estudado e classificado o açaí — o que evidencia a sua importância, não apenas para o folclore, mas também para a ciência. E ainda hoje, devido as suas propriedades alimentícias, êle serve a tôdas as classes sociais do Pará e do Amazonas. A sua tradição inspirou os populares versos:

Quem vai ao Pará, parou;
Bebeu açaí, ficou.

Louis Agassiz, naturalista suíço do século passado, em sua passagem pela Amazônia, registrou no seu livro **Voyage au Brésil** (Paris, 1869), os citados versos, que transcrevo em francês:

Qui visite Pará
A regert s'en ira;
Mais qui l'assahy boira
Jamais ne partira.

Aluá. Escreve Alfredo Augusto da Mata, no seu **Vocabulário Amazonense:** "Aluá, bebida que resulta da fermentação do milho, do arroz, do ananás e outros frutos". Embora seja uma bebida de caráter primitivo, não parece ser originária da Amazônia, mas sim uma mistura de cultura árabe, africana e indígena. A própria palavra **aluá** tem sua origem no árabe — **heluon,** que significa dôce, segundo os filólogos. É êle usado no Oriente, e na sua composição entra farinha, manteiga e jagra, "que é o mesmo que o açúcar da palmeira" (Apud Câmara Cascudo, **Dic. Folcl. Brar.**).

O aluá foi muito usado no tempo de D. Pedro I, a ponto de ser vendido na

rua, ao ar livre. Entretanto, o aluá da Amazônia, especialmente o do Pará, tem característícas próprias, não só no preparo como também na época em que é servido: São João. Nesses festejos é bebida obrigatória, acompanhada de comidas típicas e quitandas regionais: pé de moleque, tapióca, cuscus, canjicão, etc. Prepara-se assim: água, pão, casca de abacaxi (ananás), fermento, milho socado no pilão. Deixa-se alguns dias fermentando, até atingir o ponto exato para ser bebido. Depois, coa-se numa toalha, passando tudo para outra vasilha. Como os festejos juninos se prolongam por alguns dias — e os convidados costumam ser muitos —, faz-se a bebida num grande barril, com uma tampa para evitar que caia sujo ou mosquitos; dentro está também uma espécie de pá, feita de madeira, para mexer, de vez em quando, a fim de misturar tudo e assim não se deposite no fundo, bem como para que a fermentação seja total.

Cupuaçu (Theodroma bicolor, Humb. e Bompl.) — É o fruto de uma pequena árvore, medindo em média 3 a 6 metros. Tem a casca oval e lisa, côr marrom, com 15 a 20 cms. de comprimento por 15 de largura. Para ser partido, costuma-se atirá-lo ao chão, sendo necessário repetir o gesto algumas vêzes mais, tão resistente ela é. Produz semente mais ou menos do tamanho do caroço de jaca e a pôlpa é carnuda, branca, de cheiro bastante ativo. Serve para fazer dôce, que, hoje, é industrializado. Mas o vinho é talvez mais tradicional e faz parte do folclore amazônico, sendo indispensável, nas casas de família, para ser oferecido às visitas, como o cafèzinho no Sul. O hábito é tão arraigado que, ao despedir-se uma visita, o dono (ou dona) da casa sempre diz: — "Não vá ainda. Espere pelo vinho do **cupu**!" É uma forma de amabilidade, demonstrada pelo paraense, que deseja **prender** um pouco mais a pessoa, continuando a conversa.

Do cupuaçu faz-se também o licor, em geral, colocando no guarda-louças (aparador), para ser oferecido às visitas de cerimônia. É o **licor de cupu**.

Jinjibirra. É outra bebida obrigatória nos festejos de São João. Usada em todo o Brasil, tem contudo, na Amazônia, suas pecualiaridades. Trata-se da fermentação do gengibre, açúcar, fermento, água e, segundo alguns, cremor de tártaro. Constitui uma espécie de substitutivo da cerveja, introduzido entre nós pelos inglêses, em Pernambuco, lá pelos idos de 1810, época em que a Carta Régia, a 18 de janeiro, franqueou os portos do Brasil à Inglaterra e às nações amigas de Portugal (Câmara Cascudo). Assim, de Pernambuco se espalhou para os outros Estados, sofrendo, em cada um, alterações na fórmula, conforme seus usos e costumes. No Ceará, por exemplo, é preparada com jenipapo, o que contraria a própria etimologia da palavra: jinjibirra — do inglês **ginger beer**, isto é, cerveja de gingibre.

Chibé. Diz o **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa**, revisto por A. Buarque de Hollanda: "(Brasil, Pará e Maranhão), mistura refrigerante de farinha com água e açúcar". No Pará, entretanto, o **chibé** leva mais um ingrediente, por sinal, o mais importante: o limão. Trata-se de um refrêsco típico, especial, aliás, para o clima quente lá do Norte. Por outro lado, não é qualquer farinha que serve, mas sim **farinha dágua**. O uso do chibé, por aquelas bandas é arraigado demais, tanto que há um ditado que diz: **Paraense é papa chibé...**

BIBLIOGRAFIA

Eduardo Campos, MEDICINA POPULAR, 2.ª ed., Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1955, Rio.

Gastão de Bittencourt, OS TRÊS SANTOS DE JUNHO NO FOLCLORE BRASÍLICO, 1947, Liv. Agir, Rio.

Eneida, BANHO DE CHEIRO, 1962, Ed. Civ. Brasileira, Rio.

Félix Molina - Téllez, EL MITO, LA LEYENDA Y EL HOMBRE (Usos y Costumbres del Folclore), 1947, Ed. Claridad, B. Aires.

Josué de Castro, FISIOLOGIA DOS TABUS, 1954, Ed Nestlé, Rio.

Luís da Câmara Cascudo, DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO, 2.ª Ed., 1962, Inst. Nac. do Livro, Rio.

M. Pio Corrêa, DICIONÁRIO DE PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL, 3 Vols., s/d., Min. da Agricultura, Rio.

BÊBADO QUE NEM GAMBÁ

Vicente Salles

A expressão comparativa "bêbado que nem gambá" ou "bêbado como um gambá" corre na bôca do povo de várias regiões do País e se refere ao indivíduo beberrão, porrista inveterado.

Dessa expressão comparativa derivam inúmeras motivações para o estudo do folclore amazônico, região que nos ocupa habitualmente. Pode-se-lhe adicionar essas motivações e desta forma enriquecer a "sociologia da expressão brasileira", como ainda recentemente o fêz o escritor pernambucano Mauro Mota com seu livro *Os bichos na fala da gente* (Recife, 1969), editado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e que reúne uma série de adágios e ditos populares referentes aos nossos animais.

E, de fato, salienta Mauro Mota, freqüentes na expressão coloquial, nos ditos populares, nos prolóquios e frases feitas, nas comparações empregadas tanto para traduzir o que queremos como o que não queremos dizer, os diálogos do cotidiano, as esquivanças, as ironias, as advertências, a aceitação, a repulsa, as desconfianças, as cortesias, os confrontos, os impulsos agressivos, as ternuras, enfim a filosofia doméstica, tão sugestiva que é quase como se existisse um dialeto faunístico, sem o qual os homens não pudessem comunicar-se, quer falando, quer escrevendo, e, através dêle, expressar os seus entendimentos e desentendimentos.

Dêsses ditos populares, os animais verdadeiros ou míticos partem para servirem a outros comportamentos humanos numa zoofilia contagiante. Mostra Mauro Mota suas imensas motivações. Elas podem situar-se nas artes plásticas e dramáticas, na música, na dança, na religião, nas crendices, no artesanato, na literatura, nos espetáculos populares, com domínio, às vêzes, sôbre as temáticas, levando-lhe ou delas trazendo novos elementos significantes, que se anexam à lexicologia num arranjo todo especial do linguajar de nosso povo, refletindo as influências da própria riqueza da nossa fauna e revelando heranças indígenas,

européias ou africanas, recolhidas autônomas ou procedentes da aculturação.

Na Amazônia, êsse estudo também resultará fecundo não apenas quanto à linguaguem, mas também quanto a outros aspectos da cultura do caboclo. Envolverá largamente a lúdica, por exemplo, pois há uma série imensa de danças imitativas concernentes a animais, como a dança do Camaleão, do Jacaré, do Gambá, do Bagre, do Macaco, do Peru, do Jacundá, etc.

Todo um vasto folclore a ser visto e a ser analisado, no qual pode-se incluir ainda a série imensa de *pássaros* e *bichos,* o bumbá, cordões juninos que dão vida e esplendor às festas populares em tôda a região.

Na Amazônia há a crendice generalizada de que o gambá, mamífero *Didelphis,* também conhecido pelos nomes de mucura, micura, sariguê, sariguéia, timbu, bebe tanto que fica completamente embriagado. É um animalzinho muito curioso, dotado de bôlsas, como o canguru, onde agasalha os filhotes. Mucura, entretanto, parece ser o nome mais generalizado, pelo menos na região oriental, no Pará. E, a propósito, Nunes Pereira registra na faixa compreendida pelo atual Território Federal do Amapá, em tôrno de Mazagão e Amapá, algo mais que um simples apelativo do animalzinho pitoresco e malandro, grande devastador de galinheiros, notável também pelo cheiro desagradável que exala de suas glândulas: mucura, ensina Nunes Pereira em *O Sairé e o Marabaixo* (Rio, ... 1956:97), é bebida feita de cachaça com ôvo batido, lasquinhas de casca de limão e açúcar, que se distribui generosamente durante a dança do marbaixo. Essa bebida está largamente difundida na região, conhecida também no Pará, podendo ser considerada um dos bons aperitivos do caboclo, mais forte e mais substancioso que o simples *traçado* ou o *rabo-de-galo,* de consumo talvez mais freqüênte, fora o *trago* da *caninha* no seu estado natural ou ainda dosado com frutas, *batidas* de limão, maracujá, jenipapo. A *gengibirra* ou *jinjibirra,* de gengibre ou mangarataia (*Zingiber zingiber,* (L.) Karst ou *Zingiber officinalis,* Rose), é outro aperitivo entre os muitos que fazem gôsto ao paladar do caboclo. Mas a *mucura* tem mais sustância e parece ser invenção dêle próprio.

A mucura ou gambá, animal, entra no folclore, através do fabulário, do anedotário e até mesmo da lúdica regional, por seu grande poder evocador de acontecimentos. Há quem afirme que penetra nos depósitos dos engenhos, abre as torneiras das pipas ou dos tonéis de aguardente e bebe a fartar-se, podendo ser fàcilmente capturada nesse estado de embriaguês. Por isso também há o costume de deixar junto aos galinheiros, uma cuia com cachaça: atraída pela bebida, a mucura deixa em paz as penosas. Bêbada, pode ser apanhada e o caboclo sabe transformar sua carne num gostoso pitéu que, dizem, "tem gôsto de galinha". A respeito da predileção do paraense pela carne da mucura, há um refrão pejorativo, muito antigo, que diz:

Tucupi no tacacá
E cabeça de mucura
Come o povo do Pará.

Essa estória de animais bebedores é vulgar na Amazônia, onde não apenas a mucura ou gambá nutre a imaginação do caboclo com inúmeros causos. No folclore regional aparece também como incontentável bebedor de cachaça o bôto *malino,* que tem a faculdade de se transformar num belo rapaz, introduzir-se nas festas e pagodes, seduzir as mulheres. Câmara Cascudo lembra os vários autores que registraram causos de boto, alguns dos quais anotaram por igual a predileção pela cachaça dêste cetáceo fluvial nada adepto do malthusianismo. Na Amazônia, pode-se alertar, ao invés de se esterilizar as mulheres, para evitar a explosão demográfica, deve-se acabar, quanto antes, com a raça dos botos, com vantagens para ambos, homens e mulheres, dado os podêres especiais dos olhos e as propriedades afrodisíacas das partes genitais (Cascudo explica), vide *Dicionário do Folclore Brasileiro,* verbête respectivo, na 2.ª edição, 1 vol., pp. 131-134). Entre êsses autores, citados por Câmara Cascudo, Ermano Stradelli informa no verbête sôbre o Tucuxi, no seu *Vocabulário Nheengatu-Português e Português Nheengatu* (Rio, 1926:603), que se lhe atribui: "a facilidade de virar-se em homem para seduzir as môças novas, que gosta

de cachaça e de bailes como qualquer Tapuio e nêles aparece para levantar desordens". O nordestino José de Carvalho, no seu livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará,* publicado em Belém, 1930, também documentou essa predileção do bôto sedutor pela cachaça e quando os caboclos mataram dois dêsses *malinos,* por vingança às suas estrepolias amorosas, "partiram as cabeças dos mesmos, donde exalou o cheiro da pura cachaça!". Ainda recentemente, Pedro Tupinambá (*Mosaico folclórico,* Belém, 1969: 91) informa que o bôto "ingressa nos bailes, onde dança e namora com as môças mais bonitas e faceiras do lugar, bebe cachaça até de madrugada, quando desaparece misteriosamente".

Mas ficamos na mucura ou gambá, que as estórias de bôto, na Amazônia, constituem sòzinhas um largo capítulo do folclore regional.

Embora corrente o nome de mucura, gambá possui entretanto largo uso e designa também uma série de fenômenos folclóricos da maior importância, quase sempre de caráter lúdico. Dá, inclusive, nome a instrumento musical, espécie de tambor, tapado de um só lado, coberto de couro cru, em que se bate com as mãos espalmadas. O mesmo instrumento que Henry Walter Bates (*O Naturalista no Rio Amazonas,* vol. I, 1944:336) descreveu, por volta de 1851, num baile de negros em Serpa, território pertencente ao atual Estado do Amazonas:

"Os negros que têm um santo de sua côr, São Benedito, faziam sua festa em separado, passando a noite inteira cantando e dançando com a música de um comprido tambor, o gambá, e do caracaxá. O tambor era um tronco ôco, com uma das extremidades coberta de pele, e era tocado pelo músico que ficava escanchado em cima dêle e batia na pele com os nós dos dedos. O caracaxá é um tubo de bambu, cheio de dentes, que produz som rascante, quando se esfrega uma vara dura sôbre os dentes. Nada podia exceder em triste monotonia esta música, bem como o canto e a música que se prolongavam sem esmorecimento pela noite a dentro".

José Veríssimo, em 1882 (*Estudos brazileiros,* Pará, 1889:66-67) conheceu e descreveu o *gambá,* dança dos índios Maué, da aldeia situada na margem esquerda do rio Uariaú, afluente do Andirá, na então província do Amazonas:

"O *gambá* tira o nome do instrumento que nele serve: um cilindro de um metro de comprimento, feito de madeira ôca, em geral de molongó ou jutaí, com uma pele de boi esticada em uma das extremidades à guisa de tambor, ficando a outra aberta. Tocam-no assentados em cima, batendo com as mãos abertas sôbre a pele. A orquestra compunha-se de dois dêsses instrumentos e mais duas caixas a que chamam tamborins, fazia um grande barulho pouco melódico que parecia ser muito apreciado por êles".

A coreografia dêsse *gambá,* ou da dança designada pelo instrumento, tinha parecenças com a do lundum de origem africano e vastamente documentado na Amazônia no século passado, inclusive entre os indígenas, como testemunhou, entre outros, Bates, em 1851 e o casal Agassiz, em 1865. Veríssimo faz ligeira descrição dessa coreografia do gambá e no final reproduz alguns versos, associando-o ao lundum, que também viu e descreveu algures:

"A parte dançante do *gambá* consiste em uma espécie de lundum em que o cavalheiro estalando castanholas com os dedos e *sapateando* com os pés gira em retorcidas posições em tôrno da dama que pelo seu lado roda também, como a fugir-lhe a um amplexo, enquanto os músicos tocam e cantam, repetindo-se enfadonhamente:

Capitão barateiro,
  Zona do má | ondas do mar
Prometeu mas não deu
  Zonda do má
Sete saia de chita
  Zonda do má
Para o dia de ano,
  Zonda do má.
etc. etc."

É notável o tom satírico dêsses versos, cantados no *poracê* ou baile organizado pelos índios Maué em honra do presidente da província, e assistido também por José Veríssimo, que o anotou fielmente. O lundum, conforme o escritor paraense, "é uma dança que ad-

mite tôdas as outras", isto é, na variedade tem sua unidade, porém conserva "o seu tanto de africano".

Pouco depois de Veríssimo, Ermano Stradelli assistiu, em 1888, em Airão, Amazonas, durante uma festa de Santo Elias, a outra manifestação do gambá. No Pará, a dança foi registrada em tôrno de Oriximiná e Óbidos pelo folclorista cearense José de Carvalho. As referências mais recentes foram dadas por Mário Ypiranga Monteiro, no seu Estado, no *Roteiro do Folclore Amazônico.*

Embora Mauro Mota não registre em *Os bichos na fala da gente* a expressão comparativa "bêbado como um gambá", dá-nos entretanto outras correspondentes a outros bichos: "bêbado como uma cabra" (pp. 96), "bêbado como uma esponja" (pp. 134), encachaçado, e também "beber como uma rapôsa" (pp. 206), alusiva ao ato de beber em demasia. Anota porém o nominativo *gambá* (pp. 146), com o significado de "cachaceiro", no vocabulário popular pernambucano. E mais o dito: "um gambá cheira a outro", explicativo das semelhanças. Todavia, Luís da Câmara Cascudo, no verbête *gambá* do seu citado *Dicionário do Folclore Brasileiro* (vol. I, 1962:340-341), transcreve a informação de Pereira da Costa, também pernambucano, e que é a que todos sabem na Amazônia:

"O gambá dá caça às galinhas e tem grande predileção pela aguardente; e bebe tanto, que fica completamente embriagado. *Bebe como um gambá.* Diz-se de um indivíduo beberrão...".

A VOZ DO CANTADOR

ALOYSIO DE ALENCAR PINTO

Será o cantador um bom cantor?

Na falta de outro *mote,* aqui segue à guisa de *glosa,* uma apreciação de caráter especìficamente musical sôbre as qualidades da voz do cantador.

Nada mais que uma pequena parte das pesquisas que há tempos venho realizando sôbre a "Música na cantoria sertaneja" e cujo material já tive oportunidade de apresentar em público, numa conferência ilustrada realizada em 1962 na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Naquela época, foram abordados vários tópicos referentes à música de cantoria, destacando-se entre outros os que dizem respeito à voz do cantador, às toadas de cantoria (melodia e escalas do nordeste), os instrumentos acompanhantes (violas e rabecas), o gênero de música (baião de viola) e vários aspectos característicos inerentes à música dos cantadores.

Neste trabalho, para o número especial sôbre folclore da revista BRASIL AÇUCAREIRO, tratarei apenas daquele referente à voz do cantador.

Registrando as características da voz dos "trovadores do nordeste" Luís da Câmara Cascudo (*Vaqueiros e Cantadores* — Ed. Livraria do Globo — Pôrto Alegre, 1939) informa:

> ... Curiosamente é raro o cantador que tem boa voz. Ouvindo-os, em desafio acelerado e glorioso, tem-se a mesma impressão que Jacquemont registrou dos Vetálicas do Hindustão.
>
> Ouvimos apenas *des sons glapissants ou nasillards.* Nenhuma sonoridade. Nenhuma delicadeza. Nenhuma nuança. Ausência de tons graves. O cantador, como o rapsodo, canta acima do tom em que seu instrumento está afinado.
>
> ... Cantam soltamente, quase gritando, as veias entumecidas pelo esfôrço, a face congesta, os olhos fixos para não perder o compasso, não o compasso musical que para êles é quase sem valor, mas a cadência do verso, o ritmo, que é tudo.
>
> Nenhuma preocupação de desenho melódico, de música — bonita.

Interpretando trechos desta citação observamos que a tendência de cantar acima da afinação do instrumento certamente é motivada pela necessidade que êles sentem de se fazer ouvir, de se fazer entender, outras vêzes provém de uma articulação exagerada, quando procuram dar ênfase às imagens poéticas dos versos improvisados.

No que se refere à expressão *"compasso"* e suas qualificações de *"não musical"* e *"musical"*, queremos esclarecer

que: o primeiro, diz respeito à *estrutura rítmica do verso*; o segundo, que jamais poderá estar dissociado do primeiro — se refere ao *compasso da toada escolhida no início da cantoria e sua conseqüente adequação à cadência dos versos.*

Acontece que no decorrer do "desafio", muitas vêzes a melodia (toada) não se entrosa devidamente com a estrutura rítmica do verso (versos improvisados) ocasionando alterações no compasso musical.

Isto entretanto não significa que para os cantadores o compasso musical seja de menor valia, pois intuitivamente êles quase sempre acertam quando procuram encaixar melodia e texto na batida do baião.

Verifica-se também que, sendo a expressão poética o elemento mais importante para o cantador, às vêzes a música, ou antes a toada, passa de modo absoluto para o segundo plano.

A propósito, mestre Cascudo informa:

> ... Não se guarda a música de "colcheias", "martelos" e "ligeiras". A única obrigação é respeitar o ritmo do verso. Casa-se êste com qualquer música, tudo o mais estará bem. O sertanejo não nota o desafinado. Nota o arritimismo.

Podemos observar que o desequilíbrio entre música e verso não é devido apenas à prevalência do verso improvisado sôbre a música. Êste aspecto da *toada cantada quase falada* (sons musicais mal articulados) é motivado também por vários fatôres, entre êles:

a) ritmo do verso improvisado;
b) movimento acelerado do gênero de cantoria;
c) coordenação imperfeita de quem acompanha o próprio canto.

Convenhamos que deve constituir um "tour de force" a solução de tão complexo problema apresentado em certas passagens da cantoria. Nessas ocasiões a toada vai perdendo sua importância como significado musical e o canto passa a ser quase um recitativo apoiado por alguns acordes das violas.

Concluindo estas observações sôbre as características da voz do cantador, passo a analisar o trecho que diz respeito às "*desafinações*" ou seja uma intencional falta de afinação que está relacionada com o estilo interpretativo da cantoria.

Está comprovado que a afinação de um indivíduo está sempre condicionada às qualidades de suas aptidões musicais. Outrossim sabemos que o cantador não nota o desafinado porque é um instintivo, não tem conhecimentos de música, não possui voz educada, não aprimora seus dons auditivos. Isto todavia, não quer dizer que êle habitualmente cante sons desafinados.

Conheci cantadores que possuem ótimas qualidades musicais, como seja, um bom ouvido, boa percepção do som, bom ritmo, etc.

Tive mesmo a oportunidade de tocar em companhia dêles, observando-os examinando-os, fazendo pequenos "testes" de musicalidade, e verifiquei que existem alguns muito bem dotados para a música.

Ora, todos sabemos que estas qualidades são as condições indispensáveis para que um cantor possua o que se convencionou chamar uma afinação natural, uma afinação espontânea.

Pois no cantador se observa um fato curioso: possuindo estas aptidões, sendo um músico capaz de cantar uma solfa com certa exatidão, se compraz êle, de vez em quando, em entoar sons desafinados.

Aqui gostaria de indagar: Quais seriam as razões que, sob o aspecto musical, determinam as suas desafinações vocais?

Cheguei a conclusão de que se trata de um problema de "estilo". Obedecendo a uma forma, a uma estrutura prédeterminada, as toadas de cantoria possuem um estilo que as caracteriza.

A maneira de interpretá-las está condicionada a uma tradição, que é aprendida, imitada, respeitada e difundida por transmissão oral.

Existe, pois, na arte da cantoria, uma "desafinação funcional", uma espécie de "dinâmica expressiva", que consiste em ajustar ou desafinar determinados sons da melodia (1/4 de tom, portamentos, etc.). É um processo de interpretação curioso, caprichoso, "ad libitum", difícil de ser esquematizado ou estereotipado.

Como vemos, há um complexo de qualidades negativas na voz do cantador,

que, na arte da cantoria, adquirem o nível de qualidades positivas.

São aspectos que comprovam um "estilo próprio", na realização da parte vocal (cantada), — uma estilística que é tradicionalmente conservada e que serve de modêlo aos trovadores que se iniciam.

O cantador pode, inclusive, mudar o tipo de voz, mudar as características de timbre e som (empostação) quando interpretar outro gênero de música. É o caso do cantador Domingos Fonseca, quando cantava seus bonitos sambas à maneira de Sílvio Caldas, cantor que êle admirava e teve oportunidade de conhecer pessoalmente no Jangada Club, em Fortaleza.

Em conclusão, podemos afirmar que os cantadores nem sempre cantam desafinado, podendo inclusive, alguns dêles, possuir afinação notável. Isto comprova que uma boa afinação independe da formação artística, pois podemos verificar que tanto existe cantadores que desafinam como cantores que por falta de aptidões inatas, jamais conseguem uma afinação justa.

NOTA: — Em adendo, uma pequena observação:

Como não poderia deixar de acontecer, a *cachaça* quase sempre serve de "intróito" às pelejas de um desafio. De início é tomada em pequenas doses — apenas algumas "chamadas" — para despertar a imaginação.

No decorrer da cantoria é usada como um *tônico dinamogênico,* à vontade, de acôrdo com o calor da contenda poética, pois, como dizem os trovadores — "não existe nada melhor para lubrificar uma goela sêca".

Da esquerda para a direita: os famosos cantadores Domingos Fonseca (já falecido) e Siqueira de Amorim ("o maior violeiro do nordeste") sendo entrevistados (1952) pelo pianista Aloysio de Alencar Pinto em Fortaleza, Ceará.

FOLCLORE, HISTÓRIA, REGIÃO E POESIA

JAYME GRIZ

FALAR em Folclore é falar de um tema que abrange tôda a humanidade, no tempo e no espaço. No tempo porque temos que partir do Mito, da Fábula, e da Lenda. Isto é, de uma história antes da História pròpriamente dita, e ao lado desta, muitas vêzes animando-a, chegarmos até os nossos dias. E no espaço, porque o Folclore, que é um imenso e animado painel do mundo, abrangendo terra, povo e tempo, pode revelar a humanidade através de suas múltiplas atividades ligadas aos continentes, países, regiões, sub-regiões, onde ela, de modo fixo ou flutuante, se localiza, habita, vive e convive.

O Folclore inclui, no seu bôjo, a um só tempo, o maravilhoso e o real. O Mito, que diz do fabuloso da criação e das origens. Em que tudo se apresenta num quadro de realidade, de ficção, ou magia. A Fábula, em que as coisas, os sêres inanimados e os animais se nos apresentam como que possuídos de sentimentos humanos, numa atmosfera que remonta àquele mundo mágico em que o bichos falavam que nos referem as fascinantes estórias de nossa meninice de ontem. O Conto, cuja urdidura, animada por vêzes pelo maravilhoso, já inclui uma narrativa, uma trama, um enrêdo, e até um romanesco. E finalmente, a Lenda, em que o irreal está muitas vêzes, ao lado do real. Onde atua a imaginação do povo em consonância com acontecimentos da própria História. E nessa associação de Lenda, Mito, Estória e História, surgem os heróis que ultrapassam o real, tomando sentido de Símbolos. Heróis de que nos falam não sòmente as estórias do povo, na sua inata sabedoria que Deus lhe deu, mas também a História do homem num plano de erudição e cultura: a Mitologia, que, segundo James Frazer, talvez possa ser definida como sendo "a filosofia do homem primitivo". O que nos leva a admitir as origens mágicas do saber humano.

Refletindo as atividades do povo, ou dos povos, nas suas facêtas construtivas de ontem e de hoje, nos vários setores do mundo, é o Folclore, como tema de pesquisa, um largo campo de estudos do homem.

Não é sem razão que Henri Rivière definiu o Folclore como sendo um assunto aberto e complexo, com estreitas relações com a Etnografia, Sociologia, Novelística, Psicologia experimental, Antropologia cultural, e outras ciências do homem.

Inclui, assim, como se vê, uma humanística.

Nessa altura, quando se sabe que o Folclore, pelo seu caráter dinâmico, não abrange apenas o passado, mas o presente também, pois que sua matéria-prima é o Povo em sua vivência de ontem e de hoje, o que inclui projeções para o futuro, face ao espírito mágico-adivinhatório-popular.

E aqui, a propósito da amplitude do Folclore, no tempo e no espaço, convém citar Saintyves, que o classificou no quadro geral dos conhecimentos do homem como "uma ciência da vida popular no seio das sociedades civilizadas".

Estão aí, implicitas, as projeções do Folclore como ciência social, e como tal animadora e estrutoradora de civilizações no âmbito do mundo de ontem, de hoje, e de amanhã, incluindo-se êsse ontem de que falamos, como passado do homem, na própria pré-história (períodos paleolíticos e neolíticos), pelo que se pode ver e saber hoje das pesquisas feitas nas remanescentes cavernas de tal era, verdadeiros museus de atividades e vivências dêsses nossos longínquos antepassados, abrangendo criações ligadas não só às suas necessidades comuns, mas também (vejam-se os estudos das artes nos séculos) de naturezas artísticas, ou mágico-artístitica.

No que diz respeito aos começos e limites do Folclore, no tempo e no âmbito das ciências do homem, precisou bem o fenômeno de sua presença, e de sua dinâmica, A. Marinus, dizendo: "Il ne faut pas s'inquiéter de savoir ou commence ou s'arrète le folclore."

Na verdade é um tema de vivência relacionado com as origens humanas e segue, no tempo, o homem, sem têrmos nem limites no seu evolver histórico.

Saindo agora do Folclore apreciado dentro de um ponto de vista geral ou de certo modo universal, relacionado com o ontem, e o hoje, e do que resulta dêsse ontem e dêsse hoje para o amanhã, tudo, é certo, feito em leves pinceladas e não em profundidade que estas notas não comportariam pela magnitude do problema, passemos então, na ordem ou sequência destas mesmas notas, ao plano do

REGIONAL

No caso, um dos ângulos mais sofridos, angustiados e dramáticos de nosso País: o Nordeste. E no Nordeste, o Sertão. Chão em que estão plantadas as nossas mais fundas raízes de fé e de brasilidade. Terra do Chapéu-de-Couro e do Gibão, — símbolos da resistência da Raça.

Chão de sofrimento e desespêro, mas também de Poesia.

Poesia popular, regional, que brotando da terra tem aromas do Céu. Poesia telúrica que nasce e viceja no coração do povo, dos poetas, como a flor silvestre nasce no vale, no campo, no monte, como um milagre de Deus.

Depois dos poetas da sanfona e do chapéu-de-couro, falaremos de outra poesia. A dos poetas cultos, mas que emana das mesmas fontes onde se abebera o povo. Fontes que nunca se exaurem nem secam pelo milagre do maravilhoso e da magia da Vida.

Com a palavra os poetas do povo. Ouçamo-los através de seus ditos, cantos e trovas.

Lirismo de violeiro:

"A visinha se mudou-se,
Levando todos os terém,
No meio da catrevagem
Meu coração foi também".

Louvação a uns cabelos negros:

"Eu vi as fulô das cabocas
Se adisfoiando num samba,
Os cabelos dela, Siá Dona,
Era tão prêto, tão prêto,
Tão prêto pro chão caiam
Que tôda fulô que ela botava
A fulô logo murchava
Pensando que anoitecia."

Água para as terras sêcas:

"Eu rogo a Nossa Senhora,
A Virgem da Conceição,
Para levar uma nuvem,
Na palma de sua mão,
E derramar suas águas
Nas terras do meu sertão

A tristeza do ceguinho que perdeu sua mãe e guia:

"Já tive muito prazer,
Hoje só tenho agonia.
Não choro porque sou cégo,
Mas sim por falta da guia,
Quando mamãe era viva
Eu era um cego que via."

A virgindade de Maria:

"Peguei-te, Zé Niculau,
Peguei-te na esparrela:
Como é que a Virgem Maria
Deu à luz, ficou donzela?"

Resposta:

"Como a luz numa vidraça
Entra e sai sem bater nela,
Assim a Virgem Maria
Deu à luz, ficou donzela."

Variante:

"No seio da Virgem pura
Encarnou divina graça,
Entrou por ela e saiu,
Como o sol numa vidraça."

Sátira de repentista a um doutor barbudo das antigas obras contra as sêcas (1922):

"Debaixo do tuas baiba
Eu durmo num bom sombrio,
Que as baiba dêsse doutô
Qui nem oiticica no rio,
Dá rancho pra comboieiro,
Coito pra cabra vadio..."

Filosofia de velho:

"Fabião nós semos velhos
E velho não vale nada.
Só tem valor quem é môço
Que traz a alma enganada."

Fabião:

"A minha alma de velho
vive agora remoçada,
Que a paixão é como um sonho,
Chega sem ser esperada..."

Sabedoria de Silvino (*o cangaceiro*) *que cercado, sòzinho, por muitos, abandonou a luta*:

"Um homem é pra outro.
Dois, vamos ver...
Três é tropa,
Podemos correr.

Sêca de 77:

"Em 1877,
Foi exato,
A chuva não quiz chover.
Meu mestre me diga o que vem a ser:

Ai, só se vê a sina de verão,
E aquêle nevoêro,
E antonce o sequidão...

Meu mestre avalie a sêde
Do pessoal do Sertão!"

CANAVIAL

Um pouco de DOCE frente a tanta amargura, através de original (filosofia de cortador de cana):

A caiana é cana doce,
Cana fita é mais bonita;
É mió ficá no doce
Do que se enganá c'a vista...

Passemos agora aos poetas de letras, cuja poesia, no fundo, é tocada pela magia de sua terra e de seu mundo, irmã, por êsses liames ocultos ou visíveis daquela outra poesia ingênua e comovente, do povo:

MADORNA DE IAIÁ
(Fragmentos)

Jorge de Lima

"Iaiá está deitada na rêde de tucum.
A mucama de Iaiá tange os piuns,
Balança a rêde,

"Canta um lundum
Tão bambo, tão molengo, tão dengoso,
Que Iaiá tem vontade de dormir...

Com quem?

MÃE PRETA
(Fragmentos)

Bruno de Menezes

No acalanto africano de tuas cantigas,
Nos suspiros gementes das guitarras,
Veio o doce langor
De nossa voz,
A quentura carinhosa de nosso sangue.
....
Quanto Sinhô e Sinhá-Môça
Chupou teu sangue, Mãe Preta?!
....
Abençôa-nos, pois, aquêles que não se
[envergonham de Ti,
Que sugamos com avidez teus seios fartos
— bebendo a vida! —
Que nos honramos com o teu amor!

TUA BÊNÇÃO, MÃE PRETA!

IRENE NO CÉU

Manuel Bandeira

Irene preta
Irene boa
Irene sempre
de bom humor.

Imagine Irene
entrando no Céu:

— "Licença, meu branco?"
E São Pedro bonachão:
— "Entra, Irene.
Você não precisa pedir licença."

O MARQUÊS DE OLINDA, SENHOR-DE-ENGENHO

FERNANDO DA CRUZ GOUVÊA

A passagem da data do centenário da morte do Marquês de Olinda (*) — título nobiliárquico com que se tornaria mais conhecido Pedro de Araújo Lima, um pernambucano nascido numa antiga família dos canaviais, descendente dos Barbosa Corrêa de Araújo, fidalgos minhotos que entre outros acompanharam o donatário Duarte Coelho —, é um pretexto válido para trazer à memória nacional a figura dêsse estadista dos mais notáveis do Império. Nascido em 1793, no Engenho Antas, situado na freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila Formosa de Serinhaém, cujo distrito era comandado pelo seu pai, Manuel de Araújo Lima, o futuro titular espalhou "seus anos de alegria e de fôrça expontânea", como afirma Câmara Cascudo no livro *O Marquês de Olinda e seu Tempo* naquela bela região da "mata" úmida, entrecortada de rios e coberta de canaviais, que o jovem sizudo deixaria para realizar, inicialmente, no Recife, os estudos que o levariam a Coimbra, onde se formaria como Doutor em Cânones, conforme carta passada em 27 de agôsto de 1819. Pertenceu, portanto, aos derradeiros grupos de moços brasileiros diplomados no reino, mais tarde de grande projeção no Brasil, como foi o caso de Paranaguá, de Sepetiba, Abrantes, Paraná e outros, até que os cursos jurídicos fundados em Olinda e São Paulo passaram a preparar os estadistas que o nôvo Império reclamava para a grande tarefa de construção de um país tornado independente em meio a um contexto pleno de sobrevivências coloniais.

Formado, o antigo menino do Engenho Antas voltou a Pernambuco ansioso, decerto, para rever a família e a propriedade onde passara os dias de menino-moço, mas, já em 1821 tornaria a Lisboa, agora como deputado às Côrtes portuguêsas, eleito juntamente com o monsenhor Muniz Tavares, o historiador da revolução de 1817 — movimento que não contou com a participação dos Araújos Lima —, devendo, talvez, sua escolha às ligações estabelecidas com Luís do Rêgo, no Recife, amizade que bem poderá ter influido ao lado de uma formação coimbrã, para sedimentar no jovem doutor, as tendências legalistas que definiriam, posteriormente, sua conduta na vida pública brasileira. Libertado o Brasil do jugo colonial, Araújo Lima elegeu-se deputado, à Assembléia Constituinte como representante de Pernambuco, onde já se tornara mais conhecido, embora sua conduta nas agitadas sessões de Lisboa fôsse sempre a do homem calado, pausado, que de resto, continuaria mantendo durante tôda sua longa vida parlamentar. Nunca mais voltaria êle a residir no velho engenho Antas, e dos verdes canaviais constituir-se-ia, com o desaparecimento do pai, um rendeiro distante, vivendo exclusivamente para a política — serviria ao Estado, no melhor sentido, como era tradição entre

(*) Ocorrida a 7 de junho de 1870.

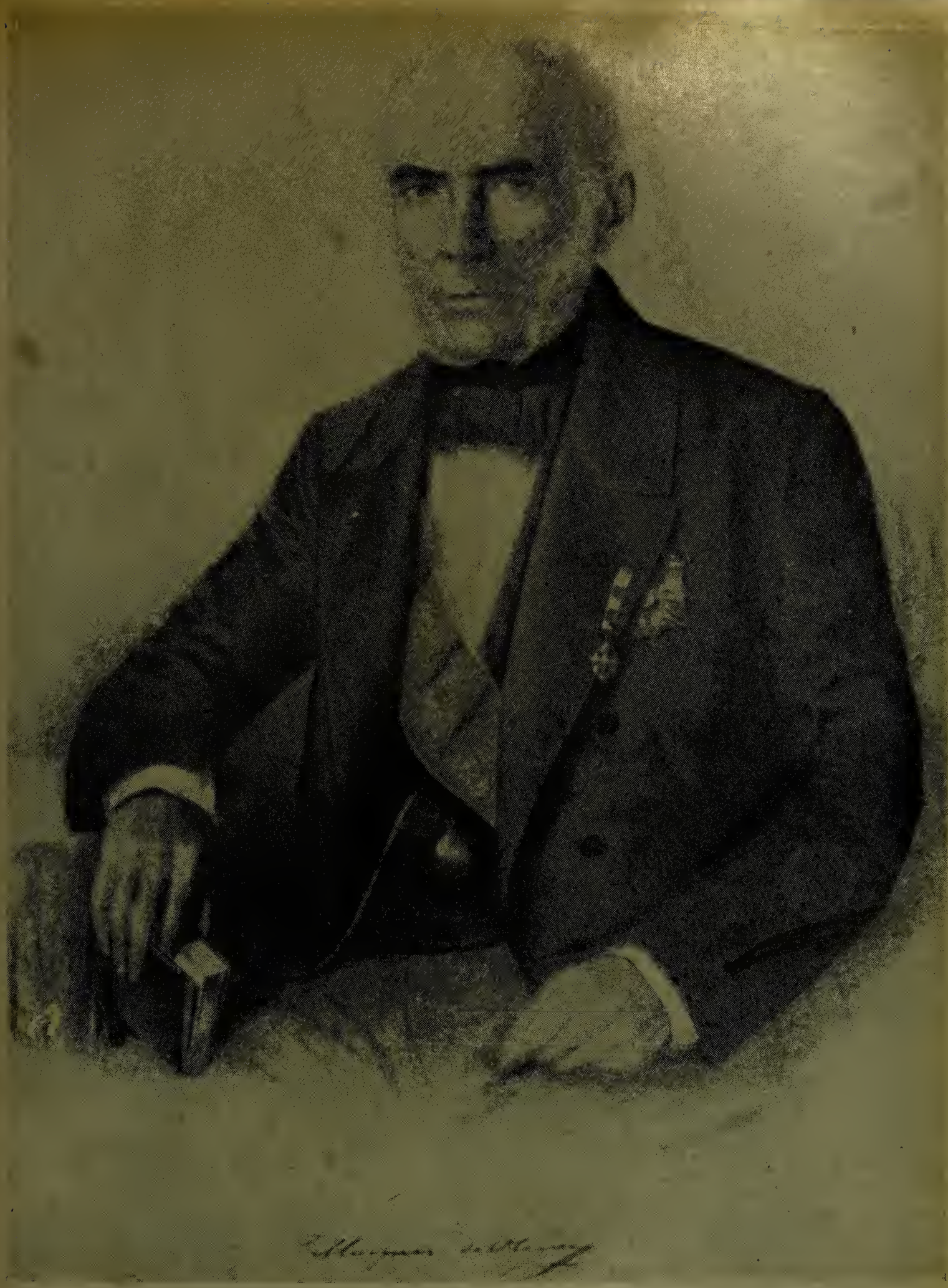
a chamada aristocracia brasileira dos tempos de Pedro II —, atividade que o tornaria uma das maiores figuras do 2.º Reinado, e seria sua porta de entrada para a História.

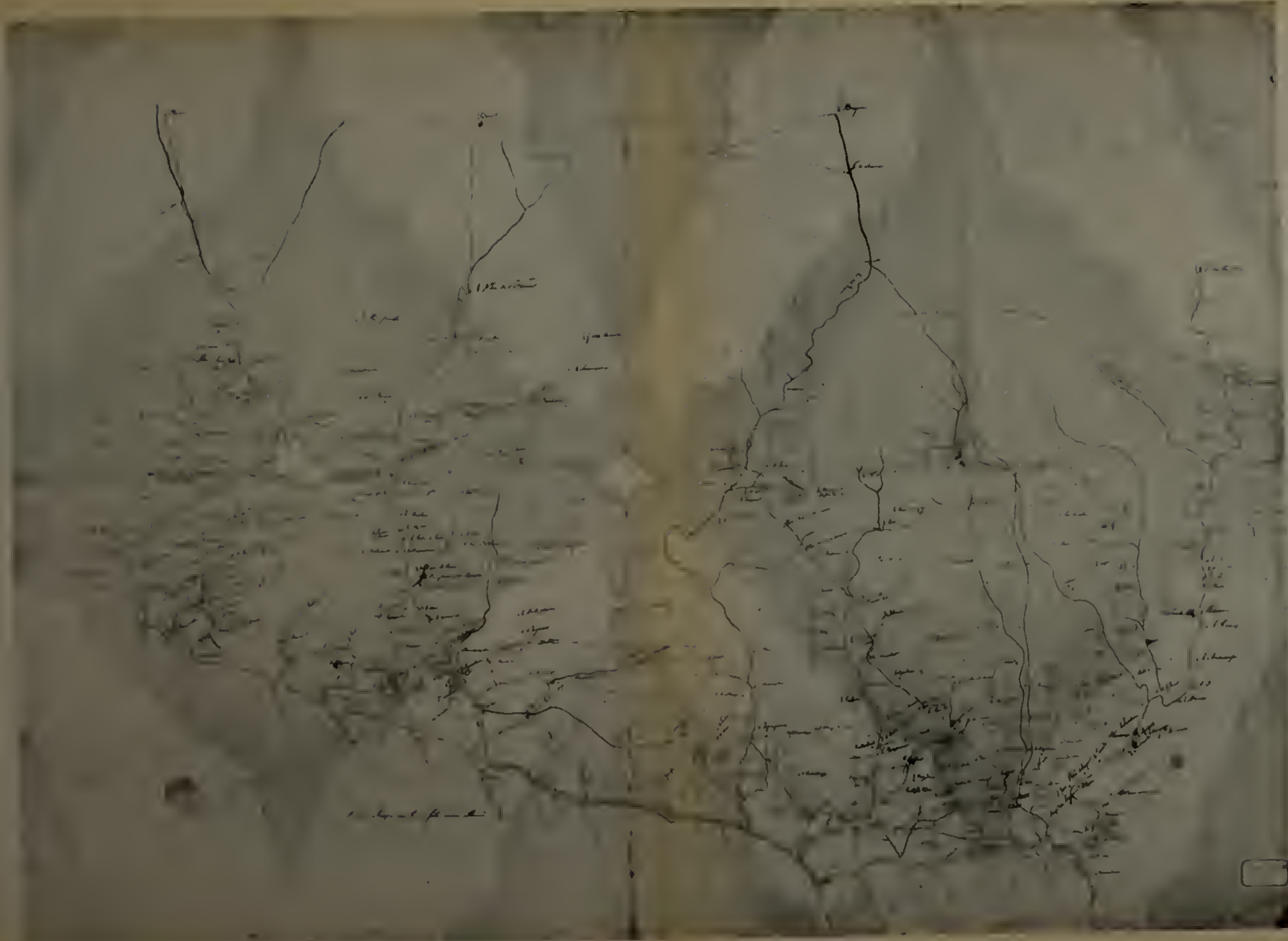
Diretor do Curso Jurídico de Olinda, deputado à Assembléia Geral, Senador, Regente do Império, por eleição, Presidente do Conselho e Ministro mais de uma vez — chamado de "Vice-Rei" pelos políticos da época que não desconheciam outra figura mais prestigiosa abaixo do Imperador, renunciou à Regência Una por não se sentir com vocação para "rei constitucional" —, ficou-lhe o Império a dever grandes serviços como restaurador da paz e da ordem nos períodos agitados que se seguiram à Independência e sòmente terminariam com a eclosão da Praieira, em Pernambuco, em 1849.

"Olinda era um solitário de gabinete, que a surdês mais isolava e concentrava", diria Nabuco[1] daquele conterrâneo que, sendo um espírito essencialmente conservador, jamais usaria, entretanto, o poder para exteriorizar uma autoridade despótica, aliás, uma das grandes lições dos políticos do 2.º Reinado. Afastado da província desde muito moço, Olinda não perderia, todavia, certos traços característicos da gente dos canaviais, circunstância que poderá explicar algumas atitudes por êle assumidas nas várias vêzes em que teve nas mãos as decisões ministeriais. Seu estilo de proceder seria o daqueles senhores-de-engenhos que sabiam demonstrar vontade com calma e superioridade, conscientes do poder que representavam como classe secularmente dominante, sem apelos, contudo, a violências e arbitrariedades como era procedimento de inúmeros dêsses grandes latifundiários que justificavam assim a imagem negativa criada pela classe, e confirmavam tôdas as críticas formuladas nas sátiras de um Lopes Gama, o "Padre Carapuceiro", na crítica social e de idéias de um Antônio Pedro de Figueiredo, o "Cousin fusco", ou de Borges da Fonseca e outros panfletários da Praia.

Portador, portanto, do estilo dos proprietários de engenho mais pacíficos, sem que isso implicasse em prejuízo de uma energia provada com sucesso e sem quebra das normas constitucionais tôdas as vêzes que as agitações ameaçavam as instituições imperiais, Araújo Lima não seria um estadista portador de ânimo imperialista no que tange às relações do Brasil com os países platinos. Por outro lado, a serenidade dos seus pareceres no Conselho de Estado comprovam que êle não se deixou levar para posições extremadas nas questões que ao seu tempo turvaram as relações entre os poderes espiritual e temporal.

A surdez de Olinda "que competia com Beethoven nesta qualidade menos musical do que política", segundo diria Machado de Assis, não chegaria a comprometer sua atividade parlamentar — é o que se conclui das palavras do mestre —, função exercida com segurança e seriedade no "Velho Senado", onde o então redator do *Diário do Rio,* recordava-se de tê-lo visto circulando gravemente entre seus pares, o patriciado do Império: "Quando tinha de responder a alguém, ia sentar-se ao pé do orador, e escutava atento, cara de mármore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E a resposta vinha logo, tão depressa o adversário acabava, como êle principiava, e, ao que me ficou, lúcido e completo", acrescentaria Machado[2].

Senhor-de-engenho na densidade do seu subconsciente, como diria o poeta Manuel Bandeira definindo o seu próprio sentimento com relação à província natal, Olinda era daqueles, repita-se, que não se

O desenho do Marquês de Olinda (clichê acima) tem a sua autoria atribuída a L. A. Boulanger, segundo A. de Pinho. Impresso na Litografia de Rensburg, Rio, s.d. (gentileza da Biblioteca Nacional)

Casa-Grande do Engenho Antas, Município de Gameleira. Pertencera a Manoel de Araújo Lima, pai de Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda). Ali nasceu o Marquês de Olinda. O Engenho Antas fôra adquirido por Manoel de Araújo Lima em 6 de dezembro de 1782. (A foto, da qual reproduzimos o clichê acima, é de autoria do Dr. Artur de Siqueira Cavalcanti).

Engenhos de açúcar de Pernambuco, assinalados, ao que se supõe, pelo Marquês de Olinda (Reprodução de mapa original existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

excediam em demonstrações de poder, no seu caso, tanto político como econômico, de classe, embora abrigasse idéias pessoais e cultivasse seus preconceitos. "Pòlìticamente era de uma ductilidade extrema", como queria Nabuco, conduta essa que levaria Paulino de Souza em carta a Penedo, a classificá-lo de "ravenant político", irritado, decerto o político fluminense com a aceitação dada pelo antigo regente ao apêlo do Imperador para que constituisse um nôvo Gabinete. Na verdade, Olinda nunca se apegou ríìgidamente a princípios partidários, e ainda Regente afirmaria que "em política não há princípio justo ou injusto. Tudo depende da modalidade das circunstâncias. A transação é a única lei da moral política", explicação realista de atitudes adotadas na época ou futuramente, como foi o caso de sua transigência com a Conciliação, com a sua "tradicional convicção conservadora", segundo Sonnleithur, citado por Heitor Lyra[3], ou quando aceitou suceder Paraná. Outras vêzes, porém, resistiria com um orgulho de senhor-de-engenho, a deixar o poder, como aconteceu em 1849: inclinando-se, então, por uma solução pacífica no Rio da Prata, pois "não via com prazer uma intervenção de resultado incerto e que, se fôsse infeliz, podia abalar o trono", segundo depoimento de Nabuco[4] que, nesse episódio, considerava-o entibiado pela lembrança da desastrada campanha do Primeiro Reinado. Olinda talvez exagerando-se na sua fidelidade monárquica, cometeu um êrro de avaliação ao enfrentar a disposição do Imperador que, aos seus olhos parecia ainda o mesmo menino que êle conhecera quando Regente. Sua resistência aí foi além do que seria legítimo esperar de um homem experimentado no jôgo político: não era possível desconhecer que Pedro II amadurecido e dono de sua vontade, mostrava-se francamente partidário de uma intervenção naquela zona de influência brasileira, e para isso não hesitaria em provocar o afastamento do Ministro que o contrariava.

Dêsse titular que foi tudo no Império, que agiu condicionado pela severa doutrina centralizadora tão oposta às aspirações regionais, não se pode dizer que teria sido, pròpriamente, um pernambucano dos mais extremosos e fiéis às suas raízes provincianas. A presença de conterrâneos nos gabinetes por êle presididos, não seriam necessàriamente demonstrações de pernambucanidade ou mesmo de um regionalismo que seu tempo e principalmente sua formação não pareciam reclamar: todos aqueles grandes proprietários alongados como êle mesmo em políticos, eram antes grandes expressões dos dois grandes partidos, integrantes de uma elite que representava a seu modo um Pernambuco ainda atuante como um dos centros fabricantes de história do Brasil, daí participarem invariàvelmente dos diversos govêrnos chefiados ou não pelo senhor de Antas. Esta condição, é que na verdade parece tê-lo mantido prêso às origens: mais do que pròpriamente as relações de parentesco, as ocasionais combinações partidárias, cêdo, aliás, dispensadas de contatos com o eleitorado um tanto livre do Recife, ou com chefes sertanejos que, então nada representavam, mas com personagens de cúpula como Vila Bela, Camaragibe e outros homens da zona da mata, da sua classe, dependentes quase todos dos favores do poder central, enquanto o velho senador vitalício não precisava de cortejar conterrâneos mesmo influentes, para conservar sua participação no cenário nacional em que sempre figurou como personagem de primeira grandeza, ou como salienta Heitor Lyra, "onde estivesse Olinda êste tinha de ser, por direito, o chefe". Preservando até quase o final de uma longa existência bens de raíz representados pelos engenhos e mais alguns prédios do Recife, Araújo Lima não poderia, evidentemente, esquecer a província natal que lhe propor-

cionava homenagens e também os recursos indispensáveis à sua condigna sobrevivência na Côrte. Homem da Regência, época histórica "inspirada por um patriotismo que tem alguma coisa do sôpro puritano", como salientou Nabuco, a vida do Marquês de Olinda pautar-se-ia sempre nos limites daquela integridade e de absoluto desprendimento que levaria o autor de *Um Estadista do Império* a reiterar que os políticos daquela fase "tinham outro caráter, outra solidez, outra têmpera".

De suas ligações com a economia açucareira, dá boa notícia a documentação sôbre a matéria existente no Arquivo do Marquês de Olinda, recolhido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelos seus descendentes. O trabalho ainda em curso de desdobramento dos assuntos em lugar da antiga arrumação sob o título de "Notas", bem como de catalogação, já permite a consulta pública a uma grande parte dêsse acervo que contitui fonte essencial para o conhecimento da vida pública e privada de Araújo Lima. Num país desinteressado com a preservação do seu patrimônio histórico e artístico, é sempre uma surprêsa para o estudioso poder manusear um arquivo particular dessa proporção, preservado em boas condições até os dias atuais tanto pelo titular, como pelos seus descendentes, o que já é caso para espanto, pois não se trata de objetos materialmente valiosos, mas do que todos chamam de papéis velhos, de interêsse apenas histórico. Embora não fôsse homem de letras, Olinda não desconhecia, decerto, que os papéis de homens de Estado, participantes como êle, de acontecimentos decisivos na vida do país, devem ser preservados para a compreensão posterior dos fatos, e não poderia ignorar, também, a importância concedida às pesquisas e aos estudos históricos pelo próprio Imperador, que comparecia assìduamente às reuniões do Instituto Histórico e estimulava de várias formas, todos aqueles que se dedicavam a essas atividades. Tudo isso terá contribuido para o que o ex-Regente guardasse cuidadosamente documentos datados do século XVIII referentes à constituição do patrimônio familiar, e quando chegou a sua vez de administrar os bens recebidos dos antepassados, êle acrescentou os papéis relativos à sua vida pública e de cidadão comum. Com isso reuniu um conjunto de informações indispensáveis à reconstituição da verdadeira imagem do político e do senhor de Antas — tarefa a ser feita por quem se propuzer escrever uma nova biografia do Marquês, ou antes, ao historiador que proceder à revisão da história não só política, mas social e econômica do Brasil imperial —, a figura mais importante do clã dos Limas, donos de numerosos engenhos-de-açúcar em Rio Formoso.

O ementário que se segue é uma tentativa de apresentar uma visão tão completa quanto possível da documentação açucareira do Arquivo do Marquês de Olinda, ainda em fase de desdobramento e que uma vez concluido, facilitará muito o trabalho dos pesquisadores e aliviará enormemente o esfôrço das dedicadas funcionárias do venerando Instituto. Compreende certidões de posse de terras de engenhos, escrituras de compra, venda e de quitação de pagamentos e de partilhas, assentos dos antepassados e do velho Manoel de Araújo Lima, de suas contas com senhores de engenho como — Bento José da Costa, notas do próprio Marquês — sôbre questões de engenhos e "lembranças" familiares, documentação a que se juntou algumas ementas de correspondência ativa e passiva do Marquês de Olinda com familiares ou com correligionários políticos, abordando nesse caso, assuntos direta ou indiretamente atinentes à economia açucareira, como por exemplo, as vantagens do cultivo da cana da China, um manuscrito incompleto que trata da espécie S. sinense Roxb., que se-

gundo Bento Dantas, teria sido introduzida no Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro, antes de 1858, acrescentando aquêle técnico que a cana Ubá, nome dado à variedade, em Pernambuco seria chamada de cana Taboca, revelando-se ali imune à gomose[5], — motivo suficiente para despertar a atenção de qualquer senhor-de-engenho —, e o Marquês decerto examinou a possibilidade de introduzir a Ubá também nos seus canaviais de Serinhaém. Ainda com relação a sua correspondência, parece que Araújo Lima embora distante de sua propriedade, não era indiferente ao que de nôvo aparecia para melhorar os rotineiros processos de fabricação: seria o caso do acolhimento dispensado à carta de Caetano Dias da Silva, dirigida ao que tudo indica ao Marquês e na qual dizia que "na primeira ocasião que tive a honra de conversar com V. Excia. e que fui questionado a respeito do modo por que me havia no fabrico do açúcar, eu tive a honra de apresentar a V. Excia. um modêlo de um aparelho destilatório de fácil compreensão aos nossos grosseiros operários e de grande economia..." Como não está mais anexo à carta, terá o Marquês enviado êsse desenho ao fabricante que o correspondente indicara, na rua das Violas, n.º 132, ou será que a Pernambuco remeteu para conhecimento dos parentes que administravam Antas e demais engenhos?

Nota-se, também, da parte do ex-Regente certa preocupação com os melhoramentos do pôrto do Recife e com a implantação de estradas de ferro na zona da mata pernambucana: modernizações que representariam sensíveis benefícios para os produtores de açúcar, particularmente no que tange às comunicações entre os engenhos e a praça do Recife, e um mais rápido escoamento da produção para os mercados consumidores.

Por outro lado, há nessa documentação elementos suficientes para se concluir que o Marquês de Olinda era, realmente, um daqueles senhores-de-engenho que não se apegavam cegamente ao escravismo, como faziam outros titulares de nomeada, também grandes proprietários rurais. Se na qualidade de homem público, responsável pela manutenção das instituições monárquicas, acreditava que a libertação do braço escravo deveria acontecer, lembra Câmara Cascudo, "quando a massa estivesse reduzida pelas mortes e alforrias", prática demorada, porém, no seu entender, a mais prudente pois impediria que a questão tomasse o caráter político de que afinal viria a se revestir com fatal prejuízo para a monarquia, como senhor-de-engenho a conduta de Araújo Lima diante da escravatura não desmentiu a característica benemerência familiar. Segundo se lê no testamento de sua irmã, dona Maria dos Anjos da Porciúncula Cavalcanti (cópia dêsse documento foi cedida ao autor pelo Dr. Artur Siqueira Cavalcanti), a libertação dos escravos do Engenho Antas, de que Olinda era herdeiro encabeçado, já fôra estabelecida desde o dia 9 de julho de 1849, data do referido testamento, mediante indenizações parciais visìvelmente abaixo do preço médio de escravos em Pernambuco naquela época. Essa disposição era muito diversa do que exigia a maioria dos proprietários, isto é, indenizações totais de acôrdo com o valor real dos escravos e serem alforriados, condição que êles dificilmente abriam mão, recorrendo quando necessário até mesmo à justiça para assegurar o seu cumprimento.

Assim, quando se deu a abertura do testamento de dona Maria dos Anjos, em 5 de março de 1867, Araújo Lima na qualidade de primeiro herdeiro encontrou livres, face ao cumprimento dos curtos prazos fixados há mais de 15 anos, os escravos relacionados por sua irmã. De sua parte, vivendo longe no Rio de Janeiro, e sem ter, talvez, a quem entregar a administração das propriedades agora inteiramente

suas verificou Olinda àquela altura da vida que seria conveniente vendê-las, como já fizera com os prédios que possuia no Recife. Sua decisão de conceder antes de tudo, alforria aos escravos restantes, em 1868, seria bem recebida em Pernambuco, não faltando, inclusive, registro elogioso por parte do *Diário de Pernambuco*. A atitude do velho senador, de resto, confirmava a justiça da homenagem que, em 1852, prestara-lhe o Institut d'Afrique, de Paris, ao oferecer-lhe a Presidência de Honra daquela Sociedade "que se propõe à obra cristã da abolição da escravatura e à civilização da África".

DOCUMENTAÇÃO AÇUCAREIRA NO ARQUIVO DO MARQUÊS DE OLINDA

LATA 207

Documento 27 — Carta do Barão da Boa Vista sôbre política pernambucana. Recife — 20-8-1849.

Documento 30 — Cartas diversas (21) datadas de 1854-1864, entre elas, uma do Barão de Penedo aludindo a revolução de negros na Jamaica.

Documento 44 — Carta do Barão de Camaragibe ao Marquês de Olinda sôbre vantagens que advirão de uma linha férrea entre Recife, Páu d'Alho, Nazaré e Pedras de Fogo, sem atravessar o rio Capibaribe. Recife, 19 de fevereiro de 1858.

Documento 52 — Cartas e notas de Albuquerque (Antônio Coelho de Sá) ao Marquês de Olinda sôbre assuntos pernambucanos, inclusive questão do engenho Aratangy.

Documento 56 — Cartas de A. Pires Ferreira ao Marquês de Olinda sôbre a derrota sofrida pelo Conselheiro Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, na eleição para deputado geral pelo 3.º distrito da província de Pernambuco, quando foi eleito o Dep. Álvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti. Refere-se, também, ao procedimento do Visconde de Camaragibe e do Barão de Vera Cruz. Pernambuco, 12-7-1862.

Documento 72 — 16 cartas de Domingos de Souza Leão ao Marquês de Olinda: faz comentários sôbre a retirada do ministério de 15 de janeiro; do seu desejo de deixar a Presidência da província; sôbre eleições; apresenta e recomenda pessoas para vários cargos. Com relação à guerra do Paraguai, descreve as atividades do Presidente Paranaguá e o procedimento dos proprietários rurais em relação ao conflito. Recife, 1866-70.

Documento 84 — 9 cartas do 2.º Barão de Vila Bela (Domingos de Souza Leão) tratando de vários assuntos, entre êles ao movimento de Luiz Maranhão, em Pau d'Alho; De Mornay e o negócio das docas e melhoramento do pôrto — Recife, 1866-1870.

Documento 2 — Carta (minuta) do Marquês de Olinda a Joaquim Antão Fernandes, Ministro da Agricultura, sôbre os melhoramentos para o pôrto do Recife. s/d.

LATA 208

Documento 5 — Certidão passada a pedido do Sargento Mor Antônio Casado Lima a propósito da posse de terras do Engenho da Palma — Santo Antônio do Recife, 10-11-1767.

Documento 6 — Certidão de escritura de venda e quitação de pagamento que fazem Manoel Félix da Silva e sua mulher, ao Alferes Martinho Teixeira Cabral, do Engenho dos Cucahuz, situado na Vila de Serinhaém, Capitania de Pernambuco. Vila Formosa de Serinhaém, 20-4-1777.

LATA 209

Documento 36 — Cartas de Edward de Mornay — sôbre a administração da Estrada de Ferro de Pernambuco, com sugestões para seu melhoramento. Rio de Janeiro, 18-6 e 2-7-1857.

LATA 210

Documento 4 — Caderno manuscrito intitulado "Lembranças", reunindo datas familiares de nascimentos, batizados, casamentos, falecimentos, etc. entre 1745/1847.

Documento 5 — Escritura (certidão) da partilha amigável de terras do Engenho Burarema que fazem entre si os irmãos Manoel e Francisco, herdeiros de Manoel Félix da Silva; certidão feita a pedido do Capitão Manuel de Araújo Lima. Anexo, detalhes da divisão das ditas terras, em fôlha separada. — Serinhaém, 8-5-1771 (2 docs.)

Documento 11 — Escritura de venda do engenho de fazer açúcar intitulado Engenho Antas, que fazem Manoel Félix da Silva e sua mulher ao Capitão Manoel de Araújo Lima. Serinhaém, 6-12-1782.

Documento 13 — Escritura de um sítio de terras defronte do Engenho Antas, Serinhaém, Pernambuco, que fazem Manoel Félix da Silva, seu irmão e cunhada, ao Capitão Manuel de Araújo Lima. — Engenho Antas, 19 de dezembro de 1789.

Documento 14 — Escritura de quitação de pagamento que faz Manoel Félix da Silva ao Capitão Manuel de Araújo Lima, referente à compra do Engenho Antas. — Engenho Antas, 19-12-1789.

Documento 16 — Escritura de venda de uma porção de terras do Engenho Mato Grosso, na Ribeira do Rio Serinhaém, defronte do Engenho das Antas, que fazem o Mestre de Campo Francisco de Gouvêa Souza e sua mulher ao Capitão Comandante Manuel de Araújo Lima. Vila Formosa de Serinhaém, 29-11-1779.

Documento 17 — Notas relativas às escrituras dos Engenhos Bom Sucesso, Antas, Lôbo e Poços. 1780/1827.

Documento 19 — Escritura de divisão de terras do Engenho das Antas e do Engenho Lôbo, com anexação de outras, que fazem o Comandante Manuel de Araújo Lima e sua mulher, Dona Ana Teixeira Cavalcanti. Serinhaém, 8-2-1903.

Documento 43 — Procuração passada pela Viscondessa de Olinda ao Visconde, seu marido, para em Pernambuco fazer partilha amigável dos bens deixados pelos pais de Araújo Lima. Rio de Janeiro, 18-1-1844.

Documento 44 — Inventário dos bens do casal Manuel de Araújo Lima e sua mulher Dona Ana Teixeira Cavalcanti. Engenho Antas, 8-6-1844.

Documento 46 — Cartas de José Columbino de Araújo Lima, afilhado do Marquês de Olinda, a seu padrinho, tratando das transações com os engenhos das Antas e das Onças; instrumento particular de contrato de arrendamento feito com Dona Maria dos Anjos da Porciúncula Cavalcanti, irmã do Marquês. Engenho Antas e Recife, 1844/1847.

Documento 65 — Cartas do Marquês de Olinda ao Barão de Mauá comunicando ter deixado de ser acionista da Estrada de Ferro de Pernambuco. Petrópolis, 21-1 e 4-4-1861.

Documento 76 — Carta de Luiz Antônio Vieira ao Marquês de Olinda enviando as primeiras vias de saques em favor dêsse titular, produto da venda de prédios de sua propriedade no Recife. Recife, 2-9-1865.

LATA 211

Documento 4 — Papéis referentes à vida de Pedro de Araújo Lima; anotações de seu pai, Manuel de Araújo Lima, desde a data de nascimento às despesas feitas com seus estudos e formatura em Coimbra; certidões, contas, cartas, etc. Recife, Lisboa, Coimbra, 1794/1826.

Documento 7 — Carta (rascunho) do Marquês de Olinda a destinatário não especificado sôbre a parte que lhe tocou na partilha do Engenho Boa Vista; nota referente a pagamentos procedidos para regularizar a mencionada partilha. S/L S/d.

Documento 22 — Cartas do Visconde de Olinda a sua afilhada Maria Cavalcanti de Lima aconselhando moderação e boa vontade nas transações de família; estão incluídas duas cartas dessa senhora sôbre o mesmo assunto. Engenho Antas, fevereiro de 1854.

Documento 35 — Cópia da escritura de venda aos irmãos Dr. Sebastião e Capitão Presciliano Accioly Lins, da parte de terras que os Marquêses de Olinda possuem no Engenho Boa Vista (Serinhaém); carta do Marquês a Sebastião de Accioly Lins fornecendo dados sôbre a referida porção de terras. Rio de Janeiro, 4-10-1864 e Recife, 11-6-1856.

Documento 48 — Ofício das Câmaras de Goiana, Igarassu, Ipojuca e Olinda, convidando o Marquês de Olinda para integrar a comissão que apresentaria cumprimentos aos Condes d'Eu, em Pernambuco; rascunho do Marquês agradecendo as homenagens de várias comarcas de sua Província. Recife, 1864/1865.

Documento 49 — Mensagens de cumprimentos de várias Câmaras Municipais de Pernambuco, enviadas ao Marquês de Olinda quando de sua estada no Recife. Recife, 25-3-1865.

LATA 212

Documento 12 — Exposição e projeto sôbre colonização estrangeira e sesmarias visando antes promover a imigração de braços para o trabalho, face à cessação do tráfico, do que atrair capitais. Documento assinado por Bernardo Pereira de Vasconcelos e J. Cesário de Miranda Ribeiro; aviso ao então Visconde de Olinda pedindo seu parecer sôbre a importação de colonos, projeto do qual era relator. Rio de Janeiro, 1842/43 (3 docs.).

LATA 213

Documento 1 — Relativo à fazenda modêlo a ser estabelecida na Aldeia de Escada (Pernambuco) s/d.

Documento 4 — Plano de organização de uma colônia de imigrantes suiços na povoação de Cotucá (Pernambuco).

LATA 214

Documento 19 — Notas sôbre vantagens e métodos da cultura da cana da China no Brasil. — (Incompletos). S/L. S/D. Sem nome de autor (5 fls. manuscritas).

Documento 84 — Explicação de Caetano Dias da Silva a destinatário não especificado (Marquês de Olinda?) dos processos que utiliza em sua fábrica de açúcar, e descrição de um aparelho de sua invenção (de destilação) empregado pela primeira vez no município de Itapemirim, em 1850; faz referências ao desenho (retirado do texto original) do aludido aparelho. Rio de Janeiro, 24-11-1857.

LATA 215

Documento 24 — Ofício do Instituto d'Afrique (Paris) informando ao então Visconde de Olinda que o seu nome fôra proposto para Presidente de Honra dessa Sociedade que tinha por finalidade realizar a obra cristã da abolição da escravatura e a civilização da África; acrescentava o ofício que os membros da Sociedade contavam com o seu sufrágio. Paris, 20-3-1852.

LATA 217

Documento 6363 — Consulta sôbre os limites do meu engenho (notas do Marquês de Olinda). 1812/1844.

BIBLIOGRAFIA

(1) — *UM ESTADISTA DO IMPÉRIO*, H. Garnier, Livreiro-Editor, Paris, 1900, Vol. I, pág. 116.

(2) — *O VELHO SENADO*, publicado em "Páginas Escolhidas", e incluído em "Obra Completa", Editôra José Aguilar Ltda., Rio de Janeiro, 1959, pag. 618.

(3) — *HISTÓRIA DE DOM PEDRO II*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1938, "Coleção Brasiliana", Vol. 133, pág. 353.

(4) — Ibidem.

(5) — "A Situação das variedades na zona canavieira de Pernambuco (1954/55 a 1957/58) e uma nota histórica sôbre as variedades antigas", *in BOLETIM TÉCNICO*, n.º 11, Instituto Agronômico do Nordeste, Recife, outubro de 1960, pág. 38.

FEIRA DE CARUARU

NELSON BARBALHO

DA BAIXINHA À BAIXINHA
INDO PRÔ NORTE E PRÔ SU
SE ESPAIA POR TÔDA PARTE
A FEIRA DE CARUARU.

A PRIMEIRA *Baixinha,* antigamente, era mais conhecida como sendo "de Gregorinho" (homenagem ao velho escrivão Gregório Francisco de Torres Vasconcelos, que, depois de viver durante mais de meio século no mesmo chalé, situado numa das partes baixas da cidade, morreria feito menino nôvo, se alimentando de mamadeira, pelas mãos dos outros, com 101 anos de idade) e, atualmente, é a "Baixinha do Colégio das Freiras"; a segunda, perto do bairro do Riachão, era e ainda é a "Baixinha do Capitão Iôiô" (outra homenagem do povo a um de seus moradores, o delegado João Coriolano, o homem mais brabo do lugar... quando estava de cima na política de Neco Porto). De uma até a outra, um quilômetro ou mais de rua, a mais larga de Caruaru, a célebre *Rua da Feira,* também chamada "Rua da Frente", "Rua do Comércio", "Rua Quinze", etc. Hoje em dia é estreita e apertada para, dentro de si, caber tôdas as feiras que constituem a internacionalmente famosa feira de Caruaru, em tôrno da qual, com sua voz poderosa, canta e espalha o sanfoneiro Luiz Gonzaga:

A feira de Caruaru
Tem tudo o que a gente quer...

E tem mesmo, até arame esticado reproduzindo som de violino, coisa tão estrambótica que, não faz muito, deixou um turista *made in USA* entre maravilhado e de queixo caído, a mirar a geringonça. Fato possuía algo de pitoresco, dando em desfecho meio singular:

O gringo — alto, louro, esportivo —, braço dado a uma rebolativa mulata de minissaia apanhada nos inferninhos da Boa Viagem e do Recife trazida para acompanhá-lo na excursão, dia de sábado, à Capital do Agreste — divertia-se à larga com tudo quanto ia vendo e descobrindo, sempre fazendo perguntas à companheira a servir-lhe de cicerone *ad hoc*, embora ela própria jamais houvesse viajado pelo interior de Pernambuco. O galego, porém, satisfazia-se com qualquer tipo de informação. Queria era apreciar tudo, fotografar tudo, deliciar-se com tudo. De súbito, pumba, estacava, quase entalado de emoção, ao ouvir *Caravana* numa execução ao som de estradivário, mas avistando o que? Um pobre cego pedidor de esmolas a tocar "violino" numa catrevage formada por um arame esticado entre duas cabaças. Da mulatinha espevitada indagava o *made in USA*:

— *Darling, what ser isto?*

Entendendo e traçando, já, alguma besteira em língua de *bife*, a cicerone recifense caprichava no informe, prestado alto e bom som:

— *Ôxe, boy, it's Nordeste!*

De fato, no Nordeste há de tudo, as coisas mais incríveis do mundo. E a feira de Caruaru vale como um resumo formidável, um postal colorido, vibrante e movimentado, do Nordeste inteiro do Brasil. Nela existe fartura quase em excesso — de frutas, de verduras, de carnes (verde e sêca, de boi, de carneiro, de bode, de porco e outros bichos), de farinha-de-mandioca, de feijão, de matutos caricaturais, de cachaceiros, de doidos mansos, de bolos-de-goma, de alfenins, de ervas medicinais, de passarinhos engaiolados, do diabo a quatro, pois não.

Na feira das frutas, o vendedor atrai as freguêsas cantando com voz de tacho rachado:

Mei dia, dona Maria!
Panela no fogo, barriga vazia,
Macaco torrado, que vem da Bahia!
Quem te come não espia
Mas quem não come vigia!
Mei dia, dona Maria!
É hora da melancia!

Vai querer? Vai querer?
Quem não comprar vai morrer!

Na feira dos cestos, um diálogo entre maroto e ingênuo:

— *A cuma tá dando o balaio, dona?*

— *Oxém, meu senhor: tou dando inhôr não, tou vendendo!*

— *A cuma?*

— *O balaio grande dou por um conto, o médio por oitocentos, o mais pequeno por quinhentos.*

— *Levando os três, dá por setecentos um pelo outro?*

— *Tou de esmola não, meu senhor, oxém! Como o senhor leva os três, tiro cem mil réis em cada um, quer?*

Na feira das roupas feitas, freguêsa e vendedor discutem mercadoria e preço:

— *Tem vestido pra mulher de barriga de sete meses?*
— *Tem até pra barriga de elefante, minha dona. Que côr quer?*
— *Côr de burro quando foge com fulores brancas, tem?*
— *Oxente, minha dona, que não tem é êsse? Flores brancas é o que mais se vende aqui. Olhe êsse vestido aqui, veja a lindeza do estampado, tá do agrado?*
— *Depende do preço!*
— *O preço quem dá é o freguês!*
— *Ah! sendo assim, dou cem mil réis pelo vestido, tá feito?*
— *Cem mil réis, minha dona, não paga nem a cuspida da costureira, quanto mais o trabalho, o pano, a linha, os botões, os enfeites. Quer dar cinco contos?*
— *Por cinco contos eu mesma ia costurar o vestido, meu senhor. Tou buchuda mas não tou morta não! Dou dois contos, se quiser!*
— *Sabe duma coisa? Leve o peste do vestido! É o primeiro negócio do dia e não vou deixá-lo passar. Tome o gôta e dá cá as pelêgas!*

Dúvida quanto a isto não pode existir: o melhor da feira de Caruaru é a matutada que a compõe e movimenta. Vem, semanalmente, de todos os rincões rurais do município — do Azevém, das Pitombeiras, de Lajêdo do Cedro, do Jacaré, da Malhada de Pedra, do Brejo Nôvo, do Brejo da Mulata, da Serra dos Cavalos, do Pé da Serra do Mendes, da Terra Vermelha, do Pau Santo, do Brejo Vertentes, da Preguiça, das Contendas, do Capim, ali do Alto do Moura. Êpa, *stop, boy!* O Alto do Moura, o Alto do Moura — isto me lembra algo de incomum.

— *Algo de incomum? Que há de incomum no pobre Alto do Moura. Aquilo é o lugar mais besta, mais vulgar dêste mundo, é a terra dos matutos "loiceiros" de Caruaru, a...*

Ah! "Loiceiros"? Agora me recordo: Alto do Moura é a terra onde nasceu, viveu e morreu o matuto que deu projeção internacional à feira de Caruaru e à própria "cidade dos avelozes esmeraldinos" — Mestre Vitalino.

Vitalino Pereira dos Santos, quando moço, tinha um sonho — sentar praça na polícia, ser milico. Coitado, sentir-se-ia frustrado, pelo resto da vida, por jamais ter tido a oportunidade de efetivá-lo. Achava lindo o vestir uma farda, o bancar *otoridade*, falar grosso, prender gente, ser soldado-de-polícia. Era um homem singular, matuto Vitalino, *loiceiro* do Alto do Moura (como se proclamava mesmo depois de famoso), ceramista de fama mundial jamais cioso de seu valor e projeção. Singular até na morte precoce acontecida quando se falava em erradicação da variola na terra do Major Sinval — pois sim! Justo, naqueles instantes, desprezado num mísero casebre, morria à mingua, sem qualquer assistência médica, morria de *bexiga lixa* (varíola de sangue) o ingênuo *loiceiro* Vitalino, ceramista de fama internacional em plena era espacial.

Além de singular, era espontâneo e dotado de uma ingenuidade tamanha de fazer pasmar qualquer observador. Bom exemplo disso dava em maio de 1957, quando a cidade, num borborinho sem par, comemorava festiva e espalhafatosamente seu primeiro centenário de criação. Os *loiceiros* do Alto do Moura não chegavam para as encomendas — todo o mundo queria adquirir boneco-de-barro para guardá-lo como *souvenir*. Vitalino já era muito afamado e suas peças (autênticas, ainda) eram disputadíssimas.

Caruaru, naquele mês, por influência do trio Condé, estava sendo honrada com a visita de uma grande caravana de intelectuais egressos do Rio de Janeiro para conhecer as coisas e, sobretudo, as gentes da Capital do Agreste no ano de seu centenário. Um acontecimento inédito, já se vê. No centro dos escritores, num vedetismo merecido e indisfarçado, a cronista Eneida atraia a atenção dos caruaruenses em geral. Cabelos prateados, óculos de aro de tartaruga, vivacidade de menina dos fuás da *rua Dez,* — Eneida dava *show* em Caruaru, a cuja sociedade, desde os primeiros instantes, revelava o desejo não apenas de conhecer Vitalino, mas, acima de tudo, de entrevistá-lo, de divulgá-lo, de enaltecê-lo através de suas inigualáveis crônicas.

O Mestre estava na toca; acompanhamos Eneida até lá, para as apresentações preliminares, de praxe. Logo à porta do casebre no Alto do Moura, avistamos Vitalino, martelo à mão, encaixotando bonecos-de-barro. Dêle me aproximei, com naturalidade, e falei-lhe da visitante ilustre, de sua finalidade ali, de sua projeção também internacional, etc. Pois bem, absolutamente sem se alterar com o que ouvira acêrca de Eneida, Vitalino, semi-abaixado para bater uns pregos no caixão já cheio de peças, erguia os olhos meio curiosos em direção à grande cronista do Brasil e dizia-lhe, simplesmente, isto:

— *Prefessora, se veiu mode comprar calunga, diga quantos quer e vá escolher as peças ali com os meninos, que o preço eu dou adispois; mas, se veiu conversar miolo-de-pote, prefessora, me adesculpe, mas porém posso perder tempo com potoca nem besteira agora não, que o centenário tá na rua e passa logo, tenho que arranjar um dinheirinho logo, antes que o danado passe, viu, prefessora?*

Era mesmo uma criatura extraordinária. Jamais o sucesso lhe subiu à cabeça. Por muitas vezes o entrevistei, publicando as entrevistas nos jornais da terra e levando os respectivos recortes para seu conhecimento. Nunca, em vez alguma, fêz mais do que abrir um ar de riso ao tomar ciência do que era publicado a seu respeito e do que resmungar: "Sim senhor, muito obrigado, inhôr sim!" A última entrevista revela expressivamente a sua personalidade de homem simples e bom. Publiquei-a em *Vanguarda,* assim:

— Mestre Vitalino, e esta peça aqui, que quer dizer?

— *Moço, iss'aí é a raposa querendo entrar no poleiro das galinhas mode comer uma delas.*

— E êste homem com u'a arma, trepado no galinheiro, quem é?

— *Oxém, moço, né o purpiatário?*

— E aquilo, Mestre Vitalino, o que é?

— *Uma encomenda do dotor Adòrfo do dotor Sirvas dois galos de briga na rinha.*

— Mas os galos, Mestre, os galos são mais altos e mais fortes do que os homens em tôrno!

— *Tem nada não, moço: dotor Adorfo só encomendou os galos de briga; o resto eu ponhei de quebra pra êle, mode compor a peça, não sabe?*

— E porque o Mestre não pinta mais seus bonecos?

— *Por causo do preço da tinta, moço! A tinta tá danisca de cara. E mesmo, tendo o carimbo com o meu jamegão na peça, moço, o pessoal da rua compram tudo, com tinta ou sem tinta, tanto faz como tanto fêz, inhôr sim!*

— O que o Mestre acha da arte moderna?

— *Só fiz arte quand'era menino de carça curta, eu era tão arteiro, fiz cada arte!...*

— E sua obra?

— *Tá c'a gôta, moço, ando sofrendo duma prisão de ventre da brucuta, só indo no Major Sinval mode sortar.*

— Falo da obra artística, Mestre, de seus bonecos; são primitivistas?

— *Dessas enroladas entendo não, moço. Meus calungas são de barro bom, escolhido lá na rebeira do Alto do Moura, eu sei escolher o barro que dá a peça mais melhor, eu sei, nisso eu tenho bom guardado, 'nhôr sim!*

— O Mestre se inspira em que, para fazê-los?

— *Respiro e assopro, até esfriar peça por peça, quando o freguês tá avexado, na porta esperando.*

— O mestre cria suas peças?

— *Crio miunçalha sòmente: um bodinho mode dar conta do chiqueiro, umas cabrinhas pra divertir o pai-de chiqueiro, uns cabritinhos, galinhas, o peru da festa, dois ou três bacorim, miunçalha, miunçalha de gente pobre, pois dinheiro pra criação mais maior anda escasso lá em casa e eu tou tão apertado que nem peixe no jiqui.*

— O Mestre faz intercâmbio com outros artistas plásticos?

— *Sei o que o moço tá falando inhôr não; que é?*

— Conhece outros artistas?

— *Ah, sim! Conheço Sêo Dedé Pecó, que na tesoura é um artistão e tanto! Mor'ali, caminho da rua Preta, é amigo meu. Conheço muitos outros artistas também: mestre-pedreiro, caiador, Chico da Onça barbeiro, artista à bessa, tudo gente boa, pois não.*

— O Mestre estudou alguma coisa?

— *Estudo a massaranduba do tempo e sei logo se vai dar um pé dágua ou não! Passo um rabo de olho prô céu e nunca erro!*

— Mestre Vitalino, porque o senhor põe tantos furos no touro de barro? Influência espanhola da praça de touradas?

— *Não, moço! Boto os buraquinhos na peça mode o freguês ponhar palito de dente nela, não sabe? Aquilo dá um paliteiro de luxo, uma lordeza, moço, fica mesmo que um porco espinho, já viu um porco espinho?*

A matutama, presente à rua, alimenta-se nos hotéis da feira. Hotel é fôrça de expressão. Na realidade, na feira dos comes-e-bebes, hotel é *mosqueiro* — simples tolda de madeira ordinária recoberta de lona imunda, dentro da qual a mesa e os bancos para a brejeirada se servir são os mais rústicos imagináveis, as panelas de barro, os pratos de ágata ou alumínio, tudo bem velho e gasto, o fogão é improvisado em lata de querosene ajeitada com tijolos e arame grosso. A dona do *mosqueiro* sempre é uma velha cozinheira cujo mérito maior é êste: fazer a comida cheirar. É pelo cheiro da xêpa ali preparada que o brejeiro de Caruaru se sente atraído e dá vida e colorido aos hotéis da feira dos comes-e-bebes, onde são comuns conversas como as duas seguintes:

— *Que é que tu tem hoje, Balbino da Batata, que tás comendo tão pouco, tás de indiética ou com fastilho?*

— *Sei não, dona Fia! Capaz de ser olhado! Manheci com a barriga descalibrada, com aquêle sobrosso n'alma, com aquêles arrepios na pele, com aquela vontade de comer nada. Porisso vim aqui prô seu hotel e só tomei mesmo um bule de café com três ou quatro marroques mais um taco de ciará assada mais aquela cocada que expremeentei no princípio pra tomar dois côcos dágua, e mais o cuscus de mandioca que*

vós preparou pra eu na hora, só, dona Fia! Acho que tou com olhado, senão for, tou malinado, capaz de ser rêima dos dentes, pois o meu fastilho hoje é grande que nem os poder do meu padim pade Ciço!

— Peraí um tiquinho, Balbino da Batata, que vou fazer, já e já, um chá de louro com arruda pra tu; com chá de louro mais arruda e os poder do meu padim pade Ciço por riba Balbino da Batata, num instante tu vai arrotar pra burro e vai acabar com êsses enchaques cuma por encanto, peraí!

— Pronto, dona Cula, que é que se come hoje por aqui?

— Pronto, freguês, come-se tudo que se quiser, menas a dona do hotel!

— Pru mode?

— Pu tá véia!

— Isso são modéstia do orador, dona Cula!

— Qual nada, freguês! Bem, falando sério, hoje, no meu hotel, tem de um tudo: tem sarapaté nôvo novinho ainda nos cueiros mamando na mãe, tem um bodinho que tá uma beleza, chega tá se dilindo de mole, o bichinho também inda mamava na mãe...

— Lá dêle, dona Cula, lá dêle!

— ... tem uma rabada já no fogo...

— ...Rabada quente é comigo!

— ... tem uma cachacinha de primeira pra enxaguar a bôca e calibrar o bofe, coisa de cabeça que eu truve da engenhoca de cumpade Tomás lá na Grota Funda...

— Vôtes, dona Cula, vosmicê hoje tá botando pra descabaçar, vôtes!

— ... tem queijo de manteiga, de qualho e requeijão, tudo do bom e do melhor, tem café torrado em casa com pão fresquinho, fresquinho, com licença da má palavra, tem até fuba de castanha assada para dar sustança e firmeza no talo do freguês que já perdeu as engrenagens. É só dizer o que quer, meu nêgo: por onde começa?

— Aqui com a senhora, dona Cula, eu começo pela rabada, que é o meu fraco, pode ser ou tá nos tempos?

Na feira das verduras — outro quilômetro de extensão, Cafundó abaixo, até quase na beira do Ipojuca, o rio que corta a cidade — um meninote senvergonha, filho de *quenteira* (vendedora de coentro), ao notar a aproximação de freguêsa boa de corpo, indaga-lhe com muita malícia na voz:

— Quer ver dura, dona?

— O que, menino?

— Quer verdura? Tem tomate, maxixe, quiabo, quer?

— Ah, sim, pensei outra coisa! Quero não!

Na feira dos mangalhos, onde a confusão sempre é propositadamente grande e as mãos bôbas traquinam nas saliências físicas de certas freguêsas generosas e bem providas, indago do feirante Zé do Mangáio:

— Porque você não vende suas laranjas num banco alinhado, como alguns colegas seus o fazem, ao invés de retalhá-las assim, amontoadas pelo chão?

Entre risonho e cínico, dá-me o motivo:

— Ôxe, home, e sou lá algum besta? Num banco alto, ninguém se abaixa. E assim no chão, meu nêgo, tem cada mulher boa escolhendo laranja e mostrando o material dela, bichinho, que chega dar vontade de gente dar as laranjas a ela, tudo de graça, só pra a gente ficar espiando os peitos e as côxas da danada, tá morando na jogada? Então, com essa tal de minissaia, meu nêgo, o negócio melhorou cem por cento, ore se! Assim, êsse menino, na desculhambação, a gente ganha pouco mas se diverte tanto, mas tanto que não há dinheiro que pague um "cinema" bom que nem êsse, ôba!

A feira do fumo é grande, inhaquenta e bastante concorrida pelos "aviciados no tabaco". É bastante atravessá-la para qualquer vendedor ali começar a oferecer sem cerimônia:

— Quer exprementar o meu fumo, patrôa? Se quiser, venha ver! É grosso, forte e cheiroso, é um fumão que faz gôsto, Arapiraca do bom, veja a côr do bicho e o cheiro, fumo que nem o meu só quem tem é eu mesmo, exprumente-lo, patrôa!

Na feira da *ciará* (carne de charque) — mais de duzentas toldas, encostadas umas nas outras — um brejeiro debate preço, indagando:

— A "quarta" da ciará cuma tá?

— A trezentos e vinte, mô chefe, quer?

— A cuma sai o quilo?

— Bem, um quilo tem dez "quartas", quer dizer, dez por trezentos e vinte, três vez um três, dois vez um dois, nove fora nada, dois zero depois, bem, um quilo sai por três contos e duzentos.

— Irge! quero não. Isso é um castigo do céu! Carne de três contos e danou-se, tibes! O preço da ciará agora tá num entusiasmo da gôta, vôtes! Dêsse jeito pobre vai acabar com têia de aranha no fundo, vai ver!

Rente à feira das frutas, formando seção à parte, ficam alguns matutos vendedores de banana. A afluência de fregueses ali é enorme, pois o negócio se faz diretamente do produtor ao consumidor, seus preços sempre são mais razoáveis. A um bananeiro-caipira interroga-se:

— Qual o preço da banana?

— Cem mil réis e seis por quinhentos!

— E sendo um cento de bananas, a como faz?

O brejeiro cospe de lado, tira da cabeça o chapéu-de-palha ordinária, coça os cabelos e, com um ar de palerma consumado, sai-se com incrível naturalidade:

— Cento? Sendo em cento m'atrapaio, vendo não! Só anegoceio no retáio.

Dedé Mouco é pechincheiro e faz, êle próprio, a sua feirinha semanal de *pica-fumo* notório, muito perguntando e pouco ouvindo, pois é surdo feito uma porta. Na feira da manteiga descobre um esplêndido requeijão-de-fazenda, produto recém-chegado à tolda de Sêo Rodrigues, novidade que o deixa com água na bôca. Sente um fraco por duas coisas na vida — dinheiro e requeijão-de-fazenda. Precavido e ao mesmo tempo tentado, aproxima-se do banco, cheira o requeijão, aperta-o volutuosamente, examina-o com algum carinho. É excelente, não resta dúvida. Dedé Mouco fala no pé do ouvido de Sêo Rodrigues:

— Quanto pede por meio quilo do requeijão?

Em tom natural, o feirante informa:

— Dois contos.

Escutando mal, o freguês externa sua indignação, quase aos berros:

— *Doze? Doze contos de réis por meio quilo de requeijão? Tá doido, homem de Deus? Doze contos? Só se o requeijão fôsse de ouro! Faz menos?*

Paciente e honesto, Sêo Rodrigues, agora alteando a voz, esclarece:

— *Né doze contos não, Dedé, É DOIS!*

— *Ah, sim! Tá muito caro, quero não!*

Na feira dos galináceos, onde a pichilinga dá no meio da canela, os garajaus se empilham uns sôbre os outros numa desordem que não mais impressiona nem atrapalha ninguém, pois todos já estão acostumados com aquilo. Galo canta aqui, galo responde acolá, galinha d'Angola anuncia *tou fraco, tou fraco, tou fraco,* galinha da terra faz sujeira no meio da rua, o movimento é continuado e uma freguêsa inquire:

— *Tem galinha gorda?*

Cara de homem muito sério, o brejeiro dá o serviço:

— *Galinha cabou; tem frango, apriceia?*

Afastando-se devagar, a freguêsa vai dizendo:

— *Com frango eu não tenho sorte, nem quero ter!*

O matuto fica rindo, achando a piada bem gostosa.

Na feira do cheiro, um diálogo curto e típico:

— *Olh'o ólho prô cabelo! Olh'ólho prô cabelo!*

— *Êsse óleo é cheiroso?*

— *Se é cheiroso? Êle é mais cheiroso que sovaco de negro suando em sessão de xangô pelo verão, veja!*

— *... 'xô vê-lo!*

Na feira da rapadura surje um vendedor de mel de uruçu, garrafa na mão, a exibí-la para a freguesia. O vendedor tem jeito de honesto e um freguês lhe pergunta:

— *Seu mel é bom?*

— *Premêra!*

— *De abelha mesmo?*

— *Da legítima.*

— *Quem garante?*

Fazendo cara de descontente e querendo bancar o sisudo, o brejeiro, com muita ingenuidade, cai na esparrela:

— *Quem agarante o mé? Ora mais, meu senhor, quem agarantelo é eu mesmo, que fui quem fabricou-lo!*

Num oitão da igreja da Conceição, um vendedor-de-folhetos-defeira canta para a matutama a seu redor:

Meu amigo, eu vou contar
A vida de Pedro Cem,
Aquêle que o povo diz
Que já teve, hoje não tem!
Sua passagem na terra
E a chegada no Além!

Os matutos, porém, debandam para o concorrente vizinho, que começa sua função espalhafatosamente anunciando:

— *Atenção, senhores e senhoras, crianças e meninos de peito, muita atenção para o qu'eu digo! Aqui está o nôvo folheto sensacional que é o orgulho da literatura nacioná em versos populares da pátria amada idolatrada salve salve, tiribum-bumbum! Aqui está, meus amigos e inimigos, aqui, está a obra prima do Brasil e irmã da minha mãe! Aqui está o nôvo folheto que só no nome já se sabe que é bom que dói! Olhem aqui o nôvo folheto que se chama — O Homem Que Lutou Setenta e Duas Horas Dentro Dum Cabaço e Não Quebrou o Fundo Nem Arranhou as Beiras!*

Pelo título, o sucesso é garantido, junto à brejeirada.

Outro tipo notabilíssimo da feira de Caruaru — Capitão Emídio do Ouro, chefe dos bacamarteiros, "negociante de ouro, ourina e briante", político de muita influência eleitoral nos redutos do *território independente da rua Preta*. Pontifica na feira das jóias, onde mantém banco há muitos anos (mais de vinte). Dêle há estórias mui saborosas e bem características de sua personalidade forte e inconfundível. Por exemplo: nos idos do PTB e da demagogia sem freios, do capitão se aproximava, todo cheio de requififes e fazendo-se de casa, o então deputado Lamartine Távora, que, num gesto de formal delicadeza, ao despedir-se do bacamarteiro-mór de Caruaru, dizia-lhe ir, num congresso de parlamentares latino-americanos, representar o Brasil no Chile, em rápida viagem de avião. No ouvir o nome do Chile, Emídio ficava logo de orelhas em pé; e quando, ao apertar-lhe a mão, o dr. Lamartine oferecia-lhe seus préstimos nos Andes, o capitão, pegando a deixa no ar, aproveitava-se ladinamente:

— *Ah, dotor Tava, se o senhor vai prô Chile e volta logo, eu tenho uma encomendinha prô senhor trazer de lá, possa ser-se?*

Julgando tratar-se de coisa ligeira o deputado reiterava:

— *Pois não, meu capitão! Estou às suas ordens! O que deseja de mim nos Andes?*

— *Dotor Tava, como o senhor deve de saber, eu sou o chefe dos bacamarteiros daqui e bacamarte só dá tiro do papouco grande com pórva misturada com salitre do bom. A pórva da boa nós tem aqui, mas o salitre tá difícil. Por isso, dotor Tava, por isso eu quero que vosmicê me traga na mala três saquinhos de salitre do Chile do verdadeiro, três saquinhos sòmente, dotor, de cincoenta quilos cada um, possa ser-se?*

Assim era e é o extraordinário capitão Emídio do Ouro, tradicional figura do mais legítimo folclore de Caruaru, o maior tipo humano da feira das jóias, junto a quem, num sábado florido e belo, freguêsa matuta surgia para reclamar:

— *Pronto, capitão Emídio, aqui está o anel de ouro do bom que o senhor me vendeu faz uma sumana. Mariou, olhe como está!*

Como se já estivesse à espera da reclamação, o chefe dos bacamarteiros nem examinava a mercadoria, falando sério para a incauta compradora:

— *Ah, minha comadre, com certeza a senhora botou o ané nágua de sereno, tinha que mariar dêsse jeito! Eu garantí-lo mas foi no sêco, isso é ouro do bom mas não dentro dágua e água serenada ainda*

mais. Dentro dágua, minha comadre, dentro dágua só quem não mareia é peixe — ouro não! A moleza foi sua, por conseguin-tê-é-tés o prejuízo é vosso, a lei de Moisés é esta e tamos conversá-dê-ó-dó!

Sem ponto fixo na feira, mas zanzando sempre por seus quadrantes, quem nunca falta, com seus conselhos e suas mercadorias mui procuradas por todos, é o Dr. Raiz, mulato carregado na côr, do cabelo mal com Deus e de quase dois metros de altura, bicho desempenado, experiente e embromador, curandeiro de larga clientela tanto na rua quanto nos matos. De uma feita, brejeiro avançado na idade e usado no físico, com jeito de quem não quer e querendo, segredava-lhe ao ouvido: "— Qual a melhor meizinha mode fazer voltar a alegria ao homem que já tinha perdido a dita cuja?" Sem se fazer de rogado, usando da franqueza habitual e abrindo a maleta dos *preparados* (para exibir seu sortimento miraculoso), o insinuante Dr. Raiz sentenciava, profundo como um filósofo grego:

— O freguês, pra começo de conversa, deve de tomar pó de bico de papagaio macho torrado em casca de angico e misturado com cana de cabeça da verdadeira, ou então tomar chá de cipó de coati, que é também um santo remédio, e tanto um como outro eu trago já pronto aqui no malote e vendo a preço de pai pra filho. Mas porém se a desgraceira já vem de longe e faz finca-pé sem querer dar o pira, meu amigo, aí o jeito é o freguês mandar preparar uma infusão bem adubada de vêrga-têsa, um matinho da grenguena que dá aqui no Nordeste, matinho que a gente pisa nele, machuca êle, bota pêso em riba dêle e o condenado nem nem: no mesmo instante torna a desenvergar como se nada tivesse acontecido a êle. Vêrga-têsa é o cão do segundo livro de Felisberto de Carvalho, sem tirar nem pôr: faz subir tudo no mundo, até partido da oposição, que vive debaixo a vida tôda sem votação que dê jeito de mudar de posição. Leve a vêrga-têsa preparada por eu, meu amigo, e depois me conte o resultado. Se vêrga-têsa não der jeito ao seu caso, meu velho, aí só tem um remédio pra vosmicê: se assente ou se deite numa preguiçosa em lugar bem isolado, pegue um têrço, vá rezando, vá rezando, e passe a viver de recordação, que pra vosmicê nem o próprio Deus em pessoa pode mais dar jeito, arre!

Noutra ocasião, Dr. Raiz arrumava seu mostruário de "medicamentos", em plena feira, quando lhe aparecia pela frente um brejeiro conhecido — Zuca do Campo Nôvo, que lhe confessava os padecimentos: barriga inchada, com fortes dores no "pé dos tombos" refletindo "inté no osso da micula". O caso, já se vê, era sério e complicado. E Zuca dizia desconfiar de "pitomba encausada", como motivação de seu sofrer, já que comera, com caroço e tudo, quantidade excessiva daquêle "ligume da bexiga".

Examinando, prèviamente, *in-loco*, a região afetada, na qual batia, para assinalar que "mais parece o bombo da Nova Euterpe", o prático Dr. Raiz receitava com muita firmeza, passando para trás todos os médicos da cidade:

— Zuca mô fio, tome um cristé carregado dágua de sá bem forte e meia esperta. Deixe a bicha roncar nas tripas feito estrondo ali no Monte, que é para puxar de com fôrça o troço todo que tá lá. Adispois, Zuca mô fio, sente a véiaca num pinico dos reforçados e pònha reparo na desgraceira que vem em caminho. O fedor pode ser de arrebimbar o malho de grande, Zuquinha mô fio, mas o alívio que você vai sentir é muito mais maior, com os poderes de Deus, nosso pai, e de Maria Santíssima, nossa mãe poderosa, amém Jesus!

FEIRA DE CARUARU

Aspecto da feira das *loiças.*

1 — Galo de briga

2 — Capitão Emídio do Ouro, sua barraca e seus bacamartes

3 — *Mosqueiro,* o "hotel" dos matutos na Feira de Caruaru

1 — Feira dos Passarinhos

2 — Vendedor de folhetos

(*Fotos de Pissica*)

Matuto dos Brejos

Feira dos *Loiceiros*

Conjunto de Bumba-Meu-Boi (feito de barro)

A feira da quartinha

Ambos, das cabeças, retiravam os respectivos chapéus, tanto o Dr. Raiz quanto Zuca do Campo Nôvo, — tudo em sinal de profundo respeito às últimas palavras pronunciadas pelo mulatão samaritano da feira de Caruaru.

Uma coisa lembra outra e conversa puxa conversa. Dr. Raiz lembra erva e, na feira de Caruaru, seção das mais movimentadas é a das ervas medicinais.

Na feira das ervas, certo que nem bôca de bode, tem-se de graça verdadeira aula popular de farmacologia. Aqui vai, pelo preço da fatura, ou seja, também a leite-de-sapo, meia dúzia de lições dotadas de uma preciosidade modelar. Ei-las, como foram apanhadas ao vivo:

— *Fôlha de abacate* — garante Dona Maçu, a vendedora — *é uma primeira prôs rins; e o chá pode ser bebido à vontade, frio mesmo, que nem água do pote: não ofende, juro, nem a gente nem a bicho. Bebendo-la em quantidade, o freguês verte água que faz gôsto, pois o abacate lava rins, panos do figo, os tombos, lava tudo lá por dentro, lava até a alma da gente, ninguém duvide!*

Sêo Bio Mentrui aconselha:

— *Pra sife bom sem defeito é manacá com velame mais cabacinho. A gente toma os três e prepara uma garrafada bem preparada, deixa a condenada serenar três dias enturidos com três noites e quando o pó assenta no fundo da garrafa toma-se o preparado de manhã em jejum com fé em Deus e um banho frio por riba, pra não ofender. A garrafada preparada com cuidado bota tudo pra fora, o nôvo e o véio, não tem sife que resista. E pra reumatismo então é coisa milagrosa, meu senhor, o cabra pode estar entrevado de só mexer o pensamento, jeito Bengue Engraxate, e com a garrafada de manacá, velame e cabacinho, tendo fé no meu padim pade Ciço, desentrava que é um encanto e fica pulando feito bode vadio querendo fazer graça no chiqueiro mode as cabritas se divertir.*

Sá Maria Tinhorão ensina:

— *Capim santo tem duas serventias: o chá é bom pra tudo, principalmente prô mal da caixa dos tâmbicos; e o banho serve para malefício, até pra tirar olhado ou coisa feita serve.*

Zeca do Alcanfôr preconiza:

— *Bom, como ia dizendo, pra frouxidão da via o bom de fato é barbatimão na casca, pega que é uma beleza e não tem folote que ature. Se fizerem o troço bem feito, forte mesmo e carregado na dosagem, o barbatimão serve até pra donzela que não é mais môça passar por môça outra vez; e se o noivo dela não for escolado, adeus babau, engole a píula sem sentir, pensando uma coisa sendo outra bem diferente, pois a via da bichinha cola, mas cola de com fôrça, pelas onze mil virgens, garanto, pois nisso eu tenho experiência pessoal, tá legal?*

Dona Quitéria Erveira assegura:

— *Prô peito tem cumaru, tem angico, tem alho, tem cebola branca, tem arcansu na casca, tem hortelã da fôlha larga, tem sabugueiro, tem coisa como os seiscentos mile diabos. O bom sem defeito, porém, eu acho que é o mentrui pisado com leite de vaca prêta e tomado de manhã cêdo antes do sol dar as caras, em jejums alevanta até tzsico no último grau, eu juro!*

Chico Nova-Seita desfecha a lição derradeira:

— *Para môça donzela que está ficando no caritó e ainda quer casar, apesar dos pés de galinha nos cantos dos olhos, o remédio mais positivo é o chá de cravo de buquê de noiva também donzela, mas donzela positiva tanto no civil como no religioso. Dêsses cravos só quem vende garantido sou eu, cravo feito a espingarda de Jesus — é tiro e queda: a vitalina bebendo um chá assim num instante aparece cabra bêsta para tirá-la do barricão!*

E, no beco do Major Sinval, esquina com o beco da Macaca, um violeiro fanhoso mas engraçado canta para os transeuntes:

Homem que bebe aguardente
É sujeito à embriaguês,
Cachorro que pega bode
E mulher que erra uma vez,
Não há cristão nêste mundo
Que dê remédio aos três!

Fala que só o homem da cobra! — é ditado dos mais gastos na feira de Caruaru. E aqui, sem maiores delongas, está Zuzu Suçuarana, o célebre homem da cobra, a começar nova função, rodeado de matutos, perto do beco da Mijada, em pleno dia de feira:

— *Em nome do padre, do bispo e do santo delegado-de-polícia desta maravilha de cidade que é Caruaru, eu, Zuzu Suçuarana, antes de mostrar ao respeitável público o meu nôvo porduto para a cura do câncer, da diabete, da caspa, da quebradeira em casa de pobre, da sarna, das amorreimas, das dores de mulher, da prisão de ventre, da buninura, dos calos nos pés, da diarréia em menino de braço, das dores encausadas e de outros males que depois eu digo, meus senhores e minhas senhoras, eu, antes de apresentar a vocês a nova maravilha do século, quero dizer que ninguém tenha pena de gastar dinheiro e de comprar o meu produto, pois, como dizia Jesus na horta das verdureiras, a economia é a base da tuberculose e dinheiro foi feito pra circular e não para ser amufumbado num baú trancado a sete chaves como faz o avarento que não passa de um rico pobre, pois é rico de dinheiro mas é pobre de ação, e já que eu falo nisso aproveito e digo que pobreza não é defeito assim como riqueza não é qualidade e o distinto público presente preste bastante atenção porque eu vou ter a honra e a modéstia de revelar agora algumas diferenças que há entre o pobre e o rico nêste Brasil do meu padim pade Ciço, do santo frei Damião e de outros homens de valor que Deus os proteja e guarde assim como a nós todos, em nome do padre, do bispo e do santo delegado que é homem que merece respeito, coisa e tal, seu rancho, tilecetra e só.*

Percebendo que o "respeitável público" do popular auditório se comprimia atento em roda de sua figura realmente curiosa, o esperto homem da cobra metralha com muita graça as principais diferenças entre o pobre e o rico, gesticulando e falando feito um possesso:

— *Pobre que viaja é pau-de-arara, rico que viaja é turista; pobre se ajunta, rico contrai matrimônio; pobre tem beiços, rico tem lábios;*

pobre fuma bigu apanhado, rico fuma charuto importando; pobre tem nó nas tripas, rico tem apendicite; carne de pobre é cabelouro, carne de rico é filé; ancião pobre é côrno velho, ancião rico é venerando senhor; pobre sem palavra é canalha, rico sem palavra é político; filharada de pobre é mundiça, filharada de rico é prole; pobre se coçando é sarna, rico se coçando é alergia; e por falar nessas doenças, eu digo aos senhores e às senhoras que tanto para a sarna do pobre quanto para a alergia do rico o melhor remédio do mundo é êste preparado aqui que veiu das florestas da Amazonas e que eu vendo a preço de custo e que serve também para a cura ao cancer, da...

Negociando permanentemente na imensidade das múltiplas feiras integrantes da semanal, legítima, colorida e pitoresca feira de Caruaru, há, nos dias atuais, inscritos no sindicato da classe quase 4.000 feirantes (existindo outro tanto, mais ou menos clandestinamente, de não registrados), os quais dali tiram o sustento seu e de seus familiares, vendendo muito mais de 3.000 produtos diferentes entre si e genuinamente caruaruenses, tais como êstes poucos (citados por simples exemplificação ilustrativa): araçá, chapeu-de-couro, engasga-gato, manga-espada, farinha-quebradinha, doce-de-côco, abacaxi, ananás, jaca, dura, peixeira vazada dos dois lados, rapadura-batida, quicé, cachaça-de-cabeça, pinha, batata-doce, apargata, colher de pau, punhal, beira-sêca, jambo-amarelo, queijo de coalho, carne-sal-prêsa, alfenim, corda-de-caroá, midubim, tapete-de-juta, candieiro cachimbo-de barro, manga-rosa, jaca-mole, puxa-puxa, chuço, mel-de-furo, manguito, melão-caboclo, rosas, pé-de-bugari, raiz-de-ipepacuanha, bolo-de-goma, cuscus-de-mandioca, farinha-de-porco, bosta-de-boi para estrumar jardim, capim-santo, jatobá, capim-de-planta, couve-flor, pirulito, pitomba, oito-coró, coração-da-índia, morango-do-brejo, fruta-de-mandacaru, bredo-caruru, fruta-pão, tamanco, grelha, pavio-de-algodão, bredo-manjogome, jirimum, linguiça-de-porco, mangaba, cartucheira, tabaqueiro-de-chifre, garrafa-dequinina, ripa, banana-maçã, sorvete-deraspa, banana-prata, pá, banana-comprida, coentro, banana-anã, tijolinho-de-banana, banana-são-tomé, fumo de rôlo, banana-ouro, relho, banana-mangolô, suspiro, bentinhos, canacrioula, cuviteiro, cana-sete-fitas, cangalha, cana-caiana, fósco-sete-lapadas, cana-rôxa, rêde, foguetão, preá, diabinho, capão cevado, rolinha-assada, manguzá, tripa-de-boi, cocada-de-xique-xique, oração do padre Cicero, a história de Pedro Cem, panela-de-barro, pinico, jarra, feijão-macassa, baú, feijão-mulatinho, abacate, cará-inhame, fava, bolocabano, cocada-prêta, quebra-queixo, gibão-de-couro, feijão-preto, horteiã-da-fôlha larga, maxixe, óleo-de-carrapateira, algodão em rama, café-em-grão, café-torrado-em -pilão, rapa-côco, ralo, cevada, lã para travesseiro, mamona, cidreira, bate-bate-de-maracujá, gelo-ralado, gelada de vários sabores, mel-de-engenho, cama-para-casal, tamborete-de-três-pernas, pito-para-cachimbo, abano, laranja-da-terra, limão-doce, laranja-lima, limão azêdo caibro, lima, faca-de-mesa, carro-de-mão, balaio, borzeguim, perneira, tomate, ervilha-na-bagem, marroque, baleadeira, boneco-de-vitalino fabricado pelos outros, alguidar de barro, caixãozinho-de-doce-de-corte, sapoti, uva sertaneja, jaboticaba, sarapatel, rabada, pão-sovado, folheto-da-entrada-de Lampião-no-inferno, milho verde, torresmo, milho assado, doce-de-algodão, milho cozido, fubá-de-castanha, fubá, pamonha, canjica, pirão escaldado, ovos, arribação, roda-de-pau, codorniz, cenoura, patativa-golada, ponteira, galo-de-campina, renda-do-Cedro, bico, repolho, melancia, piaba, muçu, traíra, chicote-de-buranhém, goiaba, doce-de-batata-doce, bate-entope, mel-de-uruçu, banha-de-galinha, mel-de-abelha-italiana, goma sêca, tapioca

do-brejo, espora, chocalho, guarda-comida, cama-de-varas, sapato-de-três-cores, arruda, enxada-peba, pistola-fogo-tebêi, tatu-bola, guriatã

Para Pedro
Pedro para
Para Pedro
Não dispara!

Em 1957, em minha companhia, percorreu tôda a feira de Caruaru o inesquecível escritor Anibal Machado, que era mineiro muito fino e perspicaz. Falava com um, conversava com outro, examinava um boneco de barro, observava um matuto recém-chegado dos brejos, sentava num *mosqueiro*, chupava caju, deliciava-se com laranja-cravo, etc. Manhã inteira a gente passava nisso. Finda a excursão o grande autor de *João Ternura* virava-se para meu lado e dizia:

— *Menino, francamente, eu jamais assisti a espetáculo tão deslumbrante de comovente simplicidade quanto êste a que acabo de presenciar, jamais vi gente tão comunicativa, tão ordeira, tão simpática como a matutada que integra e caracteriza o grosso da feira local. Falei e dialoguei com todos não como um forasteiro, sim como se fôssemos velhos conhecidos e amigos, até cigarros chegamos a trocar e a acender um do outro. Que coisa admirável! Que lição estupenda acabo de aprender! Sabe duma coisa, meu amigo? Vocês, ao invés de Capital do Agreste, deveriam chamar Caruaru era de a Capital do Humano, pois o cognome expressaria bem melhor a realidade viva e palpitante de tudo isto que acabo de viver e de testemunhar. Eu me sinto, simplesmente, maravilhado. E faço questão de ser o padrinho do nôvo cognome desta terra tão hospitaleira — Caruaru, a Capital do Humano!*

Arre égua, parece que já enchi para mais do contrato. Vão desculpando as "mal traçadas" e lendo, como arremate, os versinhos cantados na feira pelo paudágua Baêta, tipo popular dos velhos tempos e "poeta nas horas de porre":

Mulé casada
Que duvida do marido
Leva mão no pé d'uvido
Té dexar de duvidá!

Entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto, senhor rei mandou dizer — que você conte mais cinco. Inté!

Da Baixinha à Baixinha
Indo prô Norte e prô Su
Se espaia por tôda parte
A feira de Caruaru!

LITERATURA DE CORDEL: EXPRESSÃO LITERÁRIA POPULAR

ROBERTO CÂMARA BENJAMIN

AS chuvas torrenciais caídas em março de 1969 na área do Planalto de Garanhuns e cercanias fizeram transbordar os riachos e rios que têm alí as suas nascentes. O Canhoto, o rio das Chatas, o Mundaú e outros, alguns dos quais temporários, avolumaram-se e, saindo dos seus leitos, colheram desprevenidas as populações ribeirinhas rurais e urbanas. São José da Laje (Alagoas) foi a principal cidade atingida, desaparecendo, em parte, na fúria das águas; as Usinas Serra Grande, Barra, União, Murici, Água Branca, tiveram suas instalações industriais danificadas e canaviais e residências inundadas. Grande foi o número de mortos e desabrigados.

Os fatos ocuparam por vários dias as primeiras páginas dos jornais do Recife e de Maceió, além de merecer destaque na imprensa do sul do País e reportagens das principais revistas. As emissoras de rádio da região fizeram a cobertura dos acontecimentos e campanhas de recolhimento de víveres. As emissoras de Tv deslocaram cinegrafistas para reportagens na área.

Apesar dessa cobertura, a gente do povo recebeu a informação das ocorrências, a avaliação dos danos, as causas e consequências por outra forma de comunicação. Imediatamente após os fatos, começaram a circular nas feiras folhetos editados na região relatando e opinando sôbre o ocorrido.

Os fòlhetos, expressão literária popular, em verso, do Nordeste e áreas de imigração de nordestinos, tem sido objeto de estudo e inspiração de artistas eruditos e folcloristas, e estudiosos da literatura e linguística.(1)

Em 1967, ao regressar do Centro de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina (CIESPAL), em Quito, nos propomos a estudar os folhetos e seus autores, como integrantes do processo da comunicação.

Partindo da hipótese de Lazarsfeld e Katz (2) acatada pela maioria dos estudiosos da comunicação social, encaramos os poetas populares e seus folhetos, como intermediários daquêle processo.

Malgrado as repetidas afirmações da decadência e extinção dessa forma de expressão, conseguimos reunir material, de qualidade suficiente para estabelecer uma correlação entre a comunicação pelos canais convenientes e aquela dos folhetos, ou seja constatamos um fluxo, dos meios formais para os agentes internacionais, e dêstes para o povo. Fluxo êste que não prejudica a busca de outras fontes, como a observação pessoal, a tradição oral e até a literatura erudita[3] no cumprimento do seu trabalho de levar a informação, a opinião e o entretenimento ao seu público.

Procuramos mostrar também que os folheteiros apresentam as características típicas de outros agentes intermediários — o acesso ás informações proveniente de fora do seu meio: o reflexo da opinião pública matriz do seu público receptor, vale dizer identificação cultural com o meio; e finalmente o código comum, a linguagem dos seus receptores, em alguns casos, puramente oral e sem qualquer respeito à ortografia oficial, cujas regras ignoram.

Até a ocasião em que concluímos o trabalho[4] em 1968, não foi possível localizar uma grande incidência de folhetos que focalizassem um mesmo tema de atualidade, embora reuníssemos diversos de crítica de costumes, sôbre um único tema, como o banho de mar.

Mais do que uma mudança governamental, uma calamidade é um fato que sensibiliza a opinião pública, numa região de baixo índice de alfabetização, desenvolvimento e participação na vida nacional.

A imponderabilidade, a ignorância das causas científicas dos fenômenos, a imprevisão, criam o ambiente propício ao mistério, ao fatalismo, e a busca de explicações sobrenaturais e místicas, tão próprias do meio rural e urbano imerso na ignorância e no marasmo.

A surprêsa e as proporções da tragédia animam então os comunicadores intermediários, que buscam transmitir ao seu público, justamente as coisas importantes e do seu interêsse. A poesia popular reflete intensamente o terror, a ignorância e as supertições típicas do seu auditório.

A enchente de março de 1969 foi um dêstes fatos e assim apresentou-se a chance de reunir folhetos de autores diversos, sôbre um único acontecimento.

Recolhemos 4 folhetos que se seguem. Apenas o de Olegário Fernandes (S. Caetano) e o de Joaquim Luiz Sobrinho (Belo Jardim) trazem indicações do local onde foram editados.

Segue →

OS HORRORES DA ENCHENTE E O AFRAGELO DO POVO

Autor: *Olegario Fernandes*

Com uma dor no coração
e as lagrima banhando o rosto
com os nervo agitado
pertubado de desgosto
vou escrever os horrores
da enchente do canhoto

Ainda pesso a jesus
pensamento e coragem
fortifique minha mente
com sua divina imagem
pra escrever os horrores
do canhotim ate lagem

Aqui eu vou escrever
pra queles que for cristão
e a creditar que adeus
o autor da criação venha ver ouvir
a triste situação

porque em canhotim
foi triste a calamidade
ninguem sabe da soma
das pessoa desobrigada
de gente e animas
pelas aguas carregada

apuliça e o ésesito
trabalharo fortimente
sepultano os cadave
que tirava da inchente
e alimentando os fracos
e medicando os doente

a usina agua branca
foi grande atirania
dinheiro casa animas
deseu nas agua bravia
ate as propias criança
desero na ensuria

ate mesmo aprope usina
uma parte foi derubada
prejuizo encaculave
nessa enchente pesada
quem tinha rico reposo
ficou na agua gelada

a usina serra grande
foi os maior clamou
mas da metade da usina
disem que desabou
com todo asuca que tinha
a enchente tambem levou

na usina serra grande
foi o maior sofrimento
que alem de todo clamou
ficaram sobre o relento
sem come sem beber
na corelação do vento

de morto a desabrigados
foi para mais de sem
acabou com a rodagem
arancou alinha do trem
e muitas moradas boa
foi derubado tambem

em são jose da lagem
foi amaior tirania
a enchente levava tudo
se defender não pudia
leitou qeve regular
quanto era essa agonia

oitenta e 6 foi tirado
dessa temerosa enchente
homem mulher e rapaz
ater mesmo os inosente
isto faz doer na alma
das pessoas consiente

da usina serra grande
até chegar são josé
so se ver mareceu
sem puder tumar pé
encompensasão do ditado
que eles grita ou maré

enquanto ela estava mansa
eles sempre ai passando
mas deus mandano achuva
ela foi enbrabando
depois que enbrabou
já tudo se afogando

de cainhoto agua branca
foi triste inudasão
de serra grande a são josé
murici a união
branquinha e maceio
foi triste a situação

foi quase tresentos mortos
e mil desaparecido
resem pra essas almas
os cadave enfalisido
e a qui paro o asunto
esse drama entristisido.

fim

AS CALAMIDADES DAS ENCHENTES E OS HORRORES DE SÃO JOSÉ DA LAGE

Autor: *Joaquim Luiz Sobrinho*

Deus é amor na verdade
a escritura não erra
porém também é justiça
a êle ninguém faz guerra
por isso é que sempre vemos
tanto castigo na terra

Foi não foi a mocidade
com idéias de ateus
tira do seu repertório
um ditadinho dos seus
e tem ditado que é
zombando do nosso Deus

Dia, após dia, aparece
uma gíria e um ditado
tem dêles que realmente
se acha até engraçado
Mas tem ditado que deixa
nosso Deus ameaçado

À pouco anos surgiu
um ditado que dizia
deixem as águas rolar
era grande a anarquia
do povo no carnaval
cantando assim na fulia

E depois dêsse ditado
deu grandes inudações
pelo norte e pelo sul
com enormes aflições
por desabrigos e mortes
em diversas regiões

E agora últimamente
o povo que não tem fé
que não crê nem obedece
a Jesus de Nazaré
tudo adota e tudo usa
o ditado da Maré

Um diz: a maré é fraca
já outro diz que é forte
outro diz: oh! maré bôa!
e assim, hoje é esporte
o ditado da Maré
é do sul até o norte

Porém, nosso Deus não dorme
e dêle tudo depende
vendo tão grande anarquia
do povo que não lhe atende
descarrega o seu poder
prá ver se algum se arrepende

Porisso além dos horrores
que foi, não foi se comenta
as enchentes estão sendo
de uma forma violenta
causando calamidades
muito mais que em 60

No dia 13 de março
o nosso Deus pai dos pais
mandou chuvas com fartura
pois se diz que foi de mais
porém êle é poderôso
e sabe bem o que faz

As chuvas cairam fortes
na região agresteira
e no sul de Alagôas
foi a maior bagaceira
causando grandes horrores
naquela zona suleira

As águas em Pernambuco
quase acabam canhotinho
ali a grande catástrofe
causou triste desalinho
desabrigo e orfandade
oh! Deus que quadro mesquinho

As nuvens em Canhotinho
despejaram sem medida
com enormes trombas d'água
deixando assim em seguida
muita gente sem abrigo
e alguns até sem vida

Todos os vales que banham
aquela velha cidade
jorravam sem ter limite
causando calamidade
resultando tanto estraga
que faz dó e piedade

Casa velha em Canhotinho
só alguma suportou
até mesmo casa nova
com as águas desabou
como que seja um castigo
que Deus do céu enviou

Se deu até várias mortes
nêsse dia em Canhotinho
de adultos e criancas
naquêle drama misquinho
quando as águas escoaram
era triste o desalinho

Tinha pobre que dizia
perdi a minha casinha
com tudo que tinha dentro
que triste sorte esta minha
os meus filhinhos com fome
e não se tem nem farinha

Ficaram muitas famílias
nessa tal situação
sem roupa e sem aposento
e sem alimentação
peor foi prá quem morreu
naquela grande alflição

O povo de Canhotinho
sofreu bastante, porém
lá em São José da Lage
e Serra Grande tambem
o castigo foi maior
quase não fica ninguem

O rio de Mundaú
encheu já por despedida
e desceu levando tudo
pois dessa vez em seguida
deixou São José da Lage
quase tôda destruida

Mais de 200 pessôas
ali foram liquidadas
e mais ou menos 6 mil
ficaram desabrigadas
muitas as águas levaram
e não foram encontradas

A Uzina Serra Grande
também sofreu grande dano
seu grande estoque de açúcar
desceu para o oceano
e seu estrago foi tanto
que não móe mais êste ano

A Rádio de Garanhuns
deixoù a programação
e agiu com sua equipe
arranjando remissão
para os pobres flagelados
la daquela região

E seguiu à Canhotinho
uma grande comissão
remédio, roupa e dinheiro
e muita alimentação
socorrendo os que ficaram
sem lar, sem roupa e sem pão

Depois Tenente Mendonça
o exercito brasileiro
conduziu à Alagôas
muitos gêneros e dinheiro
porvando que Garanhuns
tem um povo hospitaleiro

E alem de Garanhuns
outras cidades também
recolheram donativos
afim de fazerem o bem
ao povo flagelado
que já teve, hoje não tem

São José da Lage agora
não é mais bem aceiada
nem tambem tem mais o nome
de cidade adiantada
regressou e ficou sendo
a cidade flagelada.

Da Uzina Serra Grande
desapareceu tambem
o nome de grande uzina
pois alí hoje só tem
sofrimento e prejuiso
os inimigos do bem

Termino dando um conselho
a mocidade que é
quem mas gosta e quem mais usa
o ditado de Oh! Maré
que abondone êsse dito
por Jesus de Nazaré

A maré bôa vem sempre
dando em cabeça de gente
maré fraca e maré forte
significam sòmente
as fortes inudações
e flagelo comovente

Fim

A ENCHENTE DE ALAGOAS OU A CIDADE ACABADA

Autor: *Marinaldo Araujo*

Com os olhos rasos d'agua
Como quem está pensando
Vou empunhar minha pena
Pezaroso e lamentando
Se não sair de agrado
Mereço ser desculpado
Porque escrevi chorando

Vou contar um drama triste
Que causa lamentação
Que deu se agora próximo
Sequência de inundação
Ouvindo lêr sò não chora
Quem não tiver coração

Quem possuia dinheiro
Miudeza ou armazém
Hoje se ver na miséria
Sem possuir um vintém
Além de estar sem roupa
Nem o que comer não tem

São José da Lage é
Cidade danificada
Devido uma tromba d'água
Que chegou de madrugada
A metade da cidade
Não se aproveita nada

O vigia me falou
Meu amigo eu vou dizer
As duas horas eu vi
Que nada ia acontecer
Quando as 2 20 hs.
Corri para não morrer

A enchente foi ligeira
Não houve tempo pra nada
As pessoas que correram
Tem sua vida salvada
Quem não morreu afogada
Tá nas casas soterrada

Toda rua do comercio
A enchente devorou
Mercadorias e casas
Ninguem sabe onde parou
Pela derrota que vi
Feliz foi quem se salvou

Foi a quatorse de Março
Que a enchente se deu
Duas horas da manhã
A chuva do céu desceu
Vamos dá o seguimento
De tudo que aconteceu

Desde a ponte do Limão
De onde a água ivadiu
Até o fim da cidade
Todas casas demuliu
Não se sabe calcular
Quantas pessoas sumiu

Uns dizem que mil pessoas
Nesta enchente morreram
Eu só sei que uns 500
Foi o que apareceram
Ninguem sabe calcular
Quantas desapareceram

A rua lá do Rosário
É um pranto lamentável
O prejuizo da Lage
É um caso incomparável
O choro que lá se vê
É que é coisa lamentável

Com o rosto enlagrimado
Para contar me proponho
Uns dizem que foi castigo
São dizeres infadonho
Mas muita gente inda acha
Que tudo aquilo é um sonho

Lá na cidade Lage
É triste o alarido
É filho perdendo os pais
Mulher perdendo o marido
Muitos morreram dormindo
Sem poder ser socorrido

Quando amanheceu o dia
Que a notícia se espalhou
Eu como sou um poéta
Minha veia inspirou
Ninguém nem contar
Quantas pessoas chorou

Os homens ricos da Lage
São pobre de piedade
Riqueza não vale nada
O que vale é a bondade
Quem tiver alguma coisa
Deve fazer caridade

O vigário da Paróquia
Se uniu com o Prefeito
Para tomar as medidas
Ver se ao menos dá um geito
Na cidade não se acha
Um com sentido perfeito

O Prefeito como é
Um homem trabalhador
Aconselhava o povo
Lhes diminuindo a dor
Dizendo povo confie
No nosso pai Redentor

O Prefeito de Ibateguara
Homem de bom coração
Quando soube da notícia
Tomar logo precaução
Levando aos Flagelados
Muita alimentação

Na cidade estava o Bispo
Por nome D. Elizeu
Que vendo a calamidade
Por si se ofereceu
Dizendo ao governador
Pediu socorro vou eu

Logo imediante
O Prefeito lhe arranjou
Um transporte e disse
Um instante que eu vou
Fazer uma prece a Deus
E no meio da rua horou

Depois de sua oração
De ninguem se despediu
Com o rosto enlagrimada
Olhou para o céu e riu
Quando chegou em Colonia
A noticia transmitiu

Logo imediatamente
Um grupo de homens formaram
Juntamente com o vigario
Alimentos arrumaram
Para São José da Lage
Ligeiramente marcharam

A turma que foi a Lage
Os nomes não sei narrar
Só sei que eles mostraram
Que Colonia é popular
Quando seu próximo preciza
Estão prontos pra ajudar

Vou deixar a Lage um pouco
A sofredora cidade
Para falar na Usina
E sua calamidade
Barra. União. Murici
É de fazer piedade

A Usina foi primeiro
Que a enchente devorou
O prejuizo é enorme
Muita gente se acabou
Do hospital me contaram
Pouco doentes ficou

A Uzina Serra Grande
Como é bem organizada
Mas depois desta enchente
Esta de não valer nada
A medade das pessoas
Lá estão desabrigadas

Desapareceram tantos
Que faz pena até contar
A Uzina deu alarme
Para o povo se salvar
O prejuizo e as mortes
Ninguem sabe avaliar

Se morreu alguem em Barra
Não tenho conhecimento
Sem eu saber não escrevo
Pra não borrar meu ivento
Só sei que os prejuizos
Estão sem calculamento

Em União dos Palmares
Estava tudo avisado
Que vinha uma enchente
Todos tivesse cuidado
Que o povo se retirasse
Pra não morrer afogado

Era 10 horas do dia
Quando a enchente chegou
Em União dos Palmares
Só mesmo as casas achou
Caçamba e o Jatobá
Muita coisa devorou

Se morreu algum não sei
Não afirmo ser verdade
Sei que retiraram mortos
De outra localidade
O numero de flagelados
É de fazer piedade

Quem possuia seus lares
E vivia descansado
Hoje se vê no relento
É bem triste o seu estado
Só Jesus Cristo dá jeito
Este mundo revoltado

Daqui para chegar 70
Bem muitos poucos reage
Branquinha e Murici
De falar falta corage
Agora volto aos clamores
Da ex São José da Lage

A Sudene se uniu
Com nosso Governador
Que quando soube a noticia
Muito tristonho ficou
Para São José da Lage
Muito socorro mandou

Meus amigos o mundo está
Sofrendo grande tortura
Daqui pra chegar 70
Vamos sofrer amargura
O Povo não lembra mais
Que existe Deus nas alturas

A vaidade no mundo
Nos leva a eternidade
Hoje só se vê na terra
É orgulho e vaidade
Sò se lembra de Jesus
Quando estão na orfandade

A nossa religião
Se acha bem fracassada
O padre hoje só serve
Para aguentar charada
O povo nunca se lembra
Que a ora está chegada

Muita gente ainda se lembra
O que meu padrinho falava
Que na éra de 70
Quem nunca chorou chorava
Dizia que o que Deus Disse
Na terra nunca falhava

A vaidade é tão grande
Que se vê no meio da rua
Homens dos cabelos grandes
E mulheres simi-nua
Me disse um dos sofredores
Escreve na linha tua

Vai gente de todo canto
Olhar a calamidade
Todo país brasileiro
Tá sentindo piedade
A conversa que sai lá
E nunca mais isto é cidade

A igreja São José
A chuva a fez derrubada
Quem foi rico hoje é pobre
Dinheiro não valeu nada
Foi um exemplo ao povo
Vindo da mansão Sagrada

Chega carros de hora em hora
Trazendo alimentação
De todo estado está vindo
Bastante manuntenção
O povo do mundo sabe
Da triste situaçao

Não há vivente no mundo
Que não tenha sentimento
Chorava homem e menino
Com o acontecimento
E triste se vê o povo
Em grande padecimento

Não reina mais alegria
Ninguem mais é ideal
Ninguem não recorda mais
O prazer do Carnaval
Muitos tem porque quizeram
Para si mesmo este mal

Foi a maior que se deu
No Nordeste Brasileiro
É triste triste bem triste
Se ouvir o desespero
Ninguem sabe quantos lá
Ficaram sem paradeiro

Talvês 50 cardenos
Não dariam pra contar
O caso bem estudo
É dificil de narrar
Quem levou a vida a rir
Hoje só resta chorar

Quem pensar que é mentira
Achar que não e verdade
Pode ir pessoalmente
Ver como ta a cidade
Depois dirão o poeta
Nao contou nem a metade

Vou parar agora um pouco
Depois Talvez voltarei
Ao povo peço desculpas
Se eu me exagerei
A Deus eu peço perdão
Porque me aproveitei

O DILÚVIO DE SÃO JOSÉ DA LAGE E OS ESTRAGOS DAS CHEIAS DO RIO MANDAÚ

Autoria do poeta Severino Carlos

Oh, Deus mandai as ciencias
de Salomão e Saú
ajudar meu pensamento,
versar sem haver "lundú"
a enorme tromba d'agua
e as cheias do Mundaú.

No dia 13 de março
o sol nasceu diferente
espalhou seus raios d'ouro
parecendo ser mais quente
em torno dele se via
um sinal visivelmente.

Esse sinal demonstrava
ser muita chuva na terra
com enorme tromba d'agua
ao povo fazendo guerra
eu vi pelo pensamento
minha ciencia não erra.

E as 10 horas da noite
quem olhava de momento
no espaço ainda via
o sinal no firmamento
como quem denunciava
algo de acontecimento.

Às 11 horas da noite
chuva forte começou
com relâmpago e trovão
uma nuvem se rasgou
e enorme tromba d'agua
do espaço desabou.

Sendo em S. José da Lage
o lugar mais atingido
pela grande tromba d'agua
deixando submergido
várias pessoas e o povo
fazendo grande alarido.

E no rio Mundaú
formou-se uma grande enchente
as aguas invadiram as ruas
c'uma fôrça renitente
levando vasculho e páu
animal, mobilia e gente.

São José da Lage estava
em festa naquele instante
a filha do Senhor Vicente
era aniversariante
mas coitada foi levada
pela enchente gigante.

E quem estava dormindo
já se acordava molhado
com agua e lama podre
completamente assombrado
sem poder salvar a vida
era triste o resultado.

A agua subiu do nive
fez na cidade o que
invadiu todas as rua quiz
e derrubou a Matriz
arrancou arvore e levou-a
que não deixou nem raiz.

O açúcar da Usina
desta vez virou garapa
e em S. José da Lage
as aguas fizeram uma rapa
de maneira que a cidade
com tudo saiu do mapa.

O caso é sério e verídico
não são conversas atôas
é grande a calamidade
nas terras das Alagoas
uma catástrofe matou
mais de 200 pessoas.

Na madrugada sinistra
da quinta pra sexta-feira
foram os maiores clamores
em toda aquela ribeira
e as aguas levando gente
casa, mobilia e madeira.

E aquelas criancinhas
em camas fracas ou patentes
dormiam os últimos sonos
coitadinhas inocentes
nem se acordaram que foram
levadas pelas enchentes.

As aguas bravias levaram
camas, cadeiras, fogões,
guarda-roupas e cristaleiras
cofres, maletas, bujões,
poltronas, porta-chapéus
revolveres e relógios bons.

Em União dos Palmares
se via agua "rolá"
invadiu ligeiramente
a rua do Jatobá
quasi levava "Branquinha"
com tudo que havia lá.

Foi grande o volume d'agua
que passava por ali
quasi tirava do mapa
Branquinha e Murici
foi a enchente maior
que neste mundo eu já vi.

Pontes, vasculho e boeira
na enorme enchente vinha
jumento, gado e cavalo
cachorro, gato e galinha
açúcar, cana e bagaço
lá da Usina Laginha.

Desceu centenas de vidas
nas aguas do Mundaú
enganchados nas jaibaras
do espinheiro e "páu",
teve gente que ficou
descalço, com fome e nú,

E 1500 casas
foram todas derrubadas
pelas enchentes sinistras
naquelas horas apertadas
e essas pobres familias
se acham desabrigadas

Ninguem não sabe da conta
das vidas que se acabaram
mais de 200 pessoas
das aguas do rio tiraram
foram todos sepultados
e o resto as aguas levaram.

Os que se salvaram das cheias
ficaram desprevenidos
homens, mulheres, crianças
nos maiores alaridos
coitados todos chorando
pelos desaparecidos.

Ninguem sabe calcular
esse grande prejuízo
para aqueles habitantes
foi um dia de juizo
mas vamos pedir a Deus
para os mortos um paraizo.

Vamos rezar para as almas
dos que morreram afogados
e os vivos que ficaram
coitados desabrigados
vamos ajudar os mesmos
que estão necessitados

O Sr. Lamenha Filho
Governador do Estado
enviou ao Presidente
um telegrama apressado
comunicando a ele
das enchentes o resultado.

Que 40 mil pessoas
desabrigados estão
sem ter roupa nem comida
nem cobertor nem colchão
nem sossego de espírito
é triste a situação.

O Governo alagoano
tem muito se esforçado
está prestando socorro
com seu secretariado
roupa, remédio, alimento
para o povo flagelado.

Vamos todos brasileiros
de bondosos corações
ajudar os flagelados
que estão em aflições
coitados todos sofrendo
rigorosas privações.

Leitor aqui faço ponto
pedindo a Deus de bondade
união, paz e sossego
para toda humanidade
pra nos livrar dos castigos
de diluvio ou tempestade.

NOTAS

1 — Ariano Suassuna (*A Compadecida, A mulher Vestida de sol,* e outras peças); Dias Gomes (*O Pagador de Promessas*); Glauber Rocha (*O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade*). Câmara Cascudo, Renato Carneiro Campos, Gustavo Barroso, Theo Brandão, Luis Beltrão. Thiers Martins Moreira M. Cavalcanti Proença, Origenes Lessa, Antonio Houssain e outros.

2 — Em *The People Choice* estudo sôbre o comportamento eleitoral do povo americano Lazarsfeld formulou a hipótese de que o fluxo da comunicação seguia em duas etapas, dos meios coletivos para os líderes e dêstes para o povo. Em estudos posteriores como *Personal Influence* em coautoria com E. Ktz verificou não apenas duas etapas, mas inúmeras.

No mesmo sentido ver Elmo Roper (prefácio de *Personal Influence*), Joffre Dumazidier (*De la Sociologia de 1.ª Comunicacion a 1.ª Sociologia del Desarollo Cultural*), Stanley Bigman *Prestigio, Influencia Personal y Opinion, in Processo y Efectos de la Comunicacion Colectiva,* Lazarsfeid, *Os Meios de Comunicação Coletiva e a Influencia Pessoal, in Panorama da Comunicação.*

3 — Diversos pesquisadores encontraram estórias do *Decameron* recriadas nos folhetos populares; *Romance de um sentenciado* de Martins de Athayde é adaptação do *Conde de Monte Cristo;* referimos também a estórias e personagens da literatura tradicional da Idade Media Europeia, como Roberto Diabo, Orlando, Ferrabrás, Roldão.

4 — Folhetos Populares *Intermediários no Processo da Comunicação* — Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 1969. (mimeografado).

SATU, A MALDIÇÃO DO CANAVIAL

CLARIBALTE PASSOS

« — O mêdo é crédulo»

Padre Antônio Vieira

RA um homem rude por natureza. Gôrdo, atarracado, tipo de matuto queimado de sol da zona do *brejo,* dêsses que ainda usavam camisa sem colarinho, um tanto desleixado consigo mesmo, a ponto de raramente estar de barba feita. Visceralmente religioso, tinha lá suas superstições, crendices e santos preferidos. Analfabeto, de mentalidade tacanha, tratava como verdadeiros escravos aos empregados das terras do "Cana-de-fogo", do qual tanto se orgulhava.

O engenho rendia bem, em rapadura, melado e um regular partido de cana. A vivenda principal, a Casa-Grande, ficava num alto circundada por copadas laranjeiras, e no fundo do terreno havia pequeno açude. A dona da casa era dócil com todos, figura humana, rosto corado e cabelos castanhos claros, parecia *holandêsa.* Chamava-se Olindina e tinha um filho de criação, o "moleque" Sabino, mui-

(*) Membro do Conselho de Música Popular (MIS). e da União Brasileira de Escritores (GB).

to ativo, a "menina-dos-olhos" daquela criatura complexada e sofredora. Deus não lhe dera a graça da maternidade. Impuzera-lhe, porém, uma cruz: aturar o velho *Satu*.

Diziam por lá, que êle já estivera na cidade de Juazeiro, no Ceará, e recebera a bênção do "Padim Cirço", o legendário Padre Cícero Romão, o discutido conselheiro-taumaturgo do Sertão, a figura que "deu" *patente* ao cangaceiro mais temível daquelas bandas, Virgulino Ferreira, o "Lampião". Retratos de santos, uns tradicionais, outros desconhecidos — mas, do "peito" do senhor daquêle engenho — enchiam quartos, salas e até o próprio alpendre.

Obtuso à compreensão, animalizado em alguns momentos, não podia aceitar que a *lei* lhe negasse o direito de vida e morte sôbre os míseros empregados. Não se conformava com o fim da escravatura. Trabalhador só merecia chicote e uma cúia de feijão com farinha, um caneco d'água, isto mesmo uma vez por dia!

Assim iam correndo as coisas, nas terras úmidas e férteis do "Cana-de-fogo" onde um punhado de gente simples, despretensiosa e temente a Deus, dependia e obedecia cegamente, ao tirano Satu, misto de agricultor e pequeno capitalista, sòmente diferindo dos outros vizinhos ricos, por seu temperamento introvertido e um mundo interior selvagem.

A ambição do dinheiro, nêle, vivia associada a atitudes incompreensíveis em detrimento do rendimento de trabalho do próprio engenho e a estranheza de todos diante de uma circunstância. Satu andava de alpargatas-de-feira, de couro cru, idênticas àquelas usadas pelos cangaceiros e demais sertanejos, desprezando o paletó, e tendo na cabeça um enorme chapéu de palha.

Montava no seu cavalo branco, "Alumínio", tendo no dôrso um pedaço de cobertor bastante surrado, amarelecido pelo tempo, pois não gostava de *sela,* nem os habituais *arrêios.* Até nisto, o homem exteriorizava pequenês de gestos, miserabilidade a mais comezinha possível. Arrancava um galho sêco do arbusto mais próximo e lá se ia, numa postura de "Rei", tocando os calcanhares na barriga do animal, estrada a fora, ou por entre os estreitos caminhos do Canavial.

Não saía à noite, de forma alguma, temendo as "línguas-de-fogo" e as artimanhas das almas dos escravos, que diziam terem sido enterrados junto a um pé de frondoso cajueiro. Naquelas paragens, multiplicavam-se as estórias de maldições, de árvores, furnas, grutas e animais, cercados de lendas e crendices. Satu experimentava constantes calafrios, só de ouvir narrativas de assombrações.

Mas, entre os seus empregados, esbanjava estupidez e maldade. Não se separava de um pèzinho de "arruda" atrás da orêlha. Um infalível talismã vegetal que respeitava e via nêle a mais certa proteção fora de casa, nas andanças através as terras do velho engenho.

Quando o produto extraído da cana, particularmente a rapadura, não rendia o que desejava, Satu se enfurecia com o pessoal, castigando a todos indistintamente com o chicote de tiras de *urtiga* prêta. Supliciava-os, um a um, no pátio fronteiro à velha casa dos tachos, dando vazão à doentia brutalidade, só estacando ao vislumbrar o estrebuchar final das suas pobres vítimas.

Os conselhos e apêlos reiterados dos velhos amigos das redondezas não tinham eco dentro do coração empedernido de Antônio Satu, que adorava "dar pancadas", apesar de adepto fervoroso do catolicismo e da condição de "afilhado" do Padre Cícero do Juazeiro. Por outro lado, ficando longe das povoações, onde alguma autoridade pudesse reprimir-lhe as arbitrariedades cometidas, o engenho daquêle matuto rico possuia localização privilegiada.

Dona Olindina, com quem vivia maritalmente, nem sequer ousava arriscar um tímido olhar de reprovação às atitudes intempestivas do "marido". Compreendia, por experiência própria, a inutilidade de qualquer protesto ou pedido seu, por menor que fôsse se extinguiria sem eco, como um repentino sôpro de brisa se esbatendo contra olhos abertos, sem nenhuma reação.

A mulher vivia choramingando infelicidade, pelos cantos sombrios da Casa-Grande, rolando as contas do seu "têrço", com os dedos calejados, ásperos de tanto trabalho, numa prece íntima de tênue esperança no amanhã. Cerrava os olhos, quando espichava aquêle corpo *moído* pelas dôres da enorme fadiga diária, e via contra as pálpebras o sofrimento dos pobres cortadores de cana do engenho, o suor a inundar-lhes o rôsto marcado pela resignação.

A noite já transferira seus últimos instantes à madrugada, quando Dona Olindina resolveu tomar uma decisão: sumir daquêle lugar! Sim, não tinha mais razão de insistir. Debalde foram suas tentativas de modificar o "marido", de fazê-lo mudar, e ser bom.

Esvaindo-se, cada minuto, numa angústia avassaladora, encontrara afinal a ocasião para reagir. Estendeu um lençol sôbre a cama de madeira, de feitio antiquíssimo, juntou o necessário e foi abrindo a porta do quarto com cuidado. No cômodo ao lado, Satu dormia a sono sôlto, sob o pêso da sua brutal ignorância.

De outra parte, aos míseros trabalhadores seviciados do engenho "Cana-de-fogo" a única alternativa de salvação estava em pedir proteção e vingança ao "Prêto Velho", supliciado há anos, num valado do Canavial. Fôra surrado impiedosamente por Satu até a morte. Afirmava-se, no lugar, que à noite os gritos de dôr do pobre homem eram sempre ouvidos e isto faz'a com que muitos que por alí passavam, ficassem de cabelos completamente eriçados. Daí nascera, a maldição do Canavial.

Sim, morreria por fogo, sem apelação todos aquêles que insistissem em ser maus e indiferentes ao mínimo gesto humanitário para com o pessoal do velho engenho. Ninguém, porém, se valia do feitiço ou beberagem oriunda de candomblés e catimbós, no sentido de fazer "justiça." A coisa acontecia inesperadamente, na calada na noite, sob o impacto terrível de um temporal.

Satu dormia ainda, sem mudar sequer de posição, rindo dentro do inconsciente, ruminando a última sova aplicada num empregado, quando estremeceu ao ribombar do primeiro trovão. *Raízes de fogo* surg'am no céu escuro, em meio ao abundante aguaceiro, impedindo quem quer que fôsse de se aventurar a pôr a cabeça de fora da porta de casa.

O vento soprava forte, desfolhando arbusto e decepando galhos de árvores fazendo ruir cêrcas e assustando a *criação*. A temperatura baixara ràpidamente, embaciando os vidros já fôscos das janelas, e um friozinho enregelante penetrava fundo nos ossos. Sucederam-se novos trovões, cujo eco ia sumindo, longe, além das montanhas côr de limo nas cercanias.

Satu, descalço, de camisa listrada de azul e ceroulas, faces lívidas, as mãos geladas, se encostara perplexo junto à janela do quarto, protegida por enorme tranca de madeira. Benzia-se a cada minuto, segurando a medalha escurecida pelos anos, abençoada pelo seu "Padim" Cícero. Não conseguia ver nada. Dentro do negrume do cômodo, que lhe servia de dormitório e agora de esconderijo, distinguia muito mal apenas certas cintilações. Ou seriam faiscas? Tudo trepidava sob a ação devastadora do vendaval. Tateou na escuridão buscando encontrar o lampião de querozene. Nada. Experimentava esquisita sensação de desamparo. E os pés, porque formigavam tanto? Seria "cãimbra?"

Súbito, desmoronou parte do teto, despregando-se ripas, caibros, têlhas. Um verdadeiro pandemônio no interior do quarto. Rôlos de fumo esvoaçavam de um lado a outro, formando macabras figuras, dando a impressão que "mangavam" dêle, alí, inerte, sucumbido, aterrado, sem ação. Estalidos contínuos, semelhavam

uma conversa de almas do outro mundo, entremeiados por quedas de argamassa despregada dos tijolos mal cozidos.

Satu nem podia engolir restos de saliva. A bôca amarga, a língua grossa, entumecida, cambaleou vencido. Arquejava. Valeu-se de um ingente esfôrço tentando uma explicação para o que lhe acontecia. De nôvo, as faiscas, as gargalhadas satânicas das figuras estranhas, desdenhosas, tirânicas, avassaladoras, impiedosas.

Não tinha salvação. Era um infeliz náufrago, dentro daquêle oceano de fumo negro, de fragmentos de madeira queimada, sufocando-o. Dôres? Nem sabia. Era difícil atinar com alguma coisa. Agora tudo piorava. Escutava pouco o ruído da chuva encharcando as redondezas da Casa-Grande, nem mesmo as paredes já caídas, devido as sensações desencontradas.

Reuniu tôda a energia, já se extinguindo, os olhos esbugalhados pelo horror da cena, mas uma gaze finíssima não permitia enxergar nada. Crisparam-se-lhe os dedos grossos contra a poeira abundante, misturada à água, parecia sussurro de brazas apagadas. Enorme brecha, na testa ampla, deixava escorrer filête vermelho. A fenda produzida era grande. Estacara o coração do tirano. Umidade nos seus olhos não havia. Satu nunca soubera nada, em vida, sôbre o gôsto amargo ou reconfortante do pranto. Na sua incorrigível rudeza de sentimentos, nem mesmo na hora da agonia, voltara um único pensamento para Dona Olindina. Também nem se importava com a sorte do Sabino — que ingressara no Seminário — bem distante dali. Ambos, agora, alheios à tragédia e fora das terras do engenho.

Defronte à vivenda destruída pelo temporal, cabisbaixos, incrédulos diante do quadro tétrico os trabalhadores se entreolhavam, talvez sorrindo por dentro, entoando a uma só voz a quadrinha:

"Meu São Benedito
É santo de prêto;
Êle bebe garapa,
Êle ronca no peito!"

E repetindo algumas vêzes, a pequena cantiga, aquêles homens rudes e simples se deixaram ficar alí, cismando, debruçando ilusões sôbre novas esperanças.

A CARTA DE ALFORRIA

Hugo Paulo de Oliveira

VELHO engenho do recôncavo baiano! De fôgo morto há muitos anos, ficou ali reduzido a Patrimônio Histórico tombado pelo Estado, última honraria que lhe foi conferida como retrato petrificado de uma época. Cresce a macega nos campos circundantes, onde outrora ondulava à brisa viçoso canavial. Ao lusco-fusco da noitinha, lá estão as silhuetas carcomidas dos velhos prédios a se defrontarem pelos lustros afora, teimosos em se despojarem da dignidade antiga, da nobreza então desfrutada como trilogia nordestina: Casa Grande, Engenho e Capela. A Casa Grande se destaca nos elevados do ter-

reno, enquanto o bueiro do Engenho sobe acima das construções, mas nem Casa nem bueiro se nivelam à grandeza misteriosa e evocativa do secular cruzeiro de madeira de lei plantado em frente à Capela. Nos limites do descampado com as terras de eito onde crescera a cana, por detrás do Engenho, a senzala na sua acachapada arquitetura, escondendo-se envergonhada entre a rala vegetação nativa. O riacho que corta as terras e que ,antigamente, servia para tocar a roda d'água, não tem mais o volume líquido que ostentava naquêles tempos, resignando-se a ser o insignificante filête a que o reduziu a devastação das matas da nascente. E a noite cai sôbre aquela paisagem de abandono e solidão. Claro luar acende em azul as formas e relêvo da trilogia vetusta e acaricia o filête d'água com retoques fosforescentes. Os sons noturnos — cri-cri de grilos, coachar de sapos, canto de urutáus — embalam ninguém na tranquilidade vazia da noite que agora já vai alta.

Foi justamente aquela hora! Pelo tunel do tempo, em viagem fantástica de retrocesso até os idos de 1850, alí era o fim da festa do engenho pejado.

Aristeu Bernardino Albuquerque Roca e Tolêdo, mais conhecido por Nhô Catolê — o Senhor-do-Engenho — cochilava na rede armada no alpendre da Casa Grande. Fôra uma boa festa da "pêja", a que haviam comparecido todos os vizinhos e os parentes da Capital. Êstes, hospedados na Fazenda, já tinham se recolhido, no adiantado da hora. A vizinhança despedira-se desde o anoitecer para a viagem de volta — homens a cavalo, damas em carro-de-boi enfeitados, escravos a pé — as pequenas caravanas às quais o cansaço dos folguêdos do dia substituira pelo silêncio, na partida de retôrno, o alarido da hora da chegada.

A mucama Vidinha, dezessete anos desabrochados em carne sadia e formas ondulantes de mestiça, zela as arrumações finais da festa acabada, como bem mandada da Senhora já adormecida em seus aposentos, assim como os mais da casa. No afã, move-se de um a outro recanto do solar, ajeitando as coisas, ancas marcando o compasso do andar leve e sutil, cuidadoso de não fazer barulho para os que dormem. Chegada ao alpendre, depara-se com o senhor-de-engenho escarrapachado na rede, curtindo na madorna os vinhos e conhaques ingeridos nos festejos.

— Bença, padrim. Não quer ir dormir mais manêro no seu quarto? Já é muito tarde e a friagem da noite pode le dá uma constipação.

Nhô Catolê entreabriu os olhos e, vendo a mucama nos seus cuidados, reacendeu no pensamento as intenções recônditas e inconfessáveis que, havia algum tempo, por ela alimentava. A mulata era "pitéu", mentalizava. E a oportunidade de vê-la a sós, em momento quase terno e escondido, alí se apresentava escancarada, a desafiá-lo. Os vapores alcoólicos da bebedeira anestesiavam-lhe as últimas centelhas de dignidade e de decôro. Abriu mais os olhos, sentou-se na rede e com voz arrastada, respondeu:

— Chegue mais perto "essa menina"... Venha assuntá um pouco com seu padrinho até chegar o sono dêle. Não vê que a gente não conversa já faz tempo? Você tá que é uma bonitêsa!...

Surprêsa com aquelas intimidades a que não estava acostumada, Vidinha escusou-se acanhada:

— Posso o quê, meu padrim. Carece ainda arrumá muita coisa antes d'eu dormir.

Já de pé, o rosto congestionado, os olhos faiscando, Nhô Catolê segurou o braço roliço da mucama, puxou-a ao regaço e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Não se avéxe não, bichinha. Deixe prá lá a arrumação... Dá cá um abraço apertado no seu padrim pra ganhar uma prenda... Apaga êste calor que vai me subindo, antes d'eu poucar de uma vez!...

E já havia enlaçado Vidinha com os dois braços, apertando-a cada vez mais, convulsivamente, a boca de luxúria buscando a da mulata que se esquivava assombrada do beijo iminente daquêles lábios execrados.

— Valha-me Nossa Senhora! Me salva Oxalá! Me larga, meu padrim, pelo amor de Cristo! O senhor amalucou-se?!!! Acuda-me, Oxôssi! Meu Senhor do Bomfim!...

Vidinha sentia um vazio por dentro, a boca sêca, a garganta apertada, o

mundo sumindo a seus pés. Tinha pelo amo e padrinho um respeito medroso, até místico. Reconhecida pelos bons tratos recebidos na Fazenda, atribuía-os à magnitude de Nhô Catolê, para ela um ser etéreo, intocável no seu pedestal de poderoso senhor de tôda a redondeza. Já havia comparado sua figura com a do Cristo pregado na Cruz, na imagem da Capela: a barba sedosa, o nariz reto, os olhos azulados, o cabelo ondulado, o ar distante, sentia-o como a um personagem de outro mundo. Naquêle momento, com perdão do sacrilégio, encontrava-se em tal perplexidade como se a própria imagem do Cristo da Capela tivesse descido da cruz para tão inusitadas atitudes.

Debateu-se como poude entre os braços de Nhô Catolê, até que conseguiu desvencilhar-se do contundente abraço que a esmagava. Tentou ingressar na casa mas o padrinho barrou-lhe a entrada, os braços estendidos no vão da porta. Atônita, desceu a escadinha do alpendre e ganhou o terreiro, correndo em direção à senzala. Os restos de batuque que de lá vinham do "jongo" dançado na festa refrearam-na, porém, no ímpeto. Parou embaraçada. Não queria que os negros ainda acordados tomassem conhecimento de sua desdita, tornando-a difamada. Voltando-se para o alpendre, viu que Nhô Catolê a perseguia, caminhando tão depressa quanto lhe permitia o andar trôpego e grotesco de bêbado. Quase instintivamente, andou apressada para o Cruzeiro em frente à Capela. Diante da Cruz de Madeira de lei, ajoelhou-se e... entregou-se à própria sorte. Nhô Catolê já a alcançara. Observou que êle empunhava a chibata de couro crú com que costumava castigar pessoalmente os escravos acusados das faltas mais graves e que trazia sempre à disposição para qualquer emergência, dependurada atrás da porta principal da Casa Grande.

— Quer mangar comigo, sua pestinha? Ralhava o senhor-de-engenho ferido em seu orgulho ao se ver desprezado pela própria escrava, hipótese que nunca lhe passara pela cabeça e, por isso, o enfurecia.

Vidinha limitava-se a rezar, entrecortando padre-nossos com cantos de Oxalá, avemarias com pontos de babalorixá, procurando, enfim, reunir o auxílio de tôdas as fôrças invisíveis e superiores de que tinha notícia para tornar-se inexpugnável àquele ataque, o corpo fechado às danações da Capela ou às reinações de Exú. Cruzamento de uma negra mina (que morreu deixando-a ainda pequerrucha) com ninguém sabe quem de pele branca, foi recolhida pela Senhora, destinada aos serviços domésticos da Casa-Grande. Depois de batizada pelos amos, aprendeu catecismo com o padre-Capelão quando, no entanto, já estava familiarizada com o culto africano. Não encontrava nenhum antagonismo entre as duas crenças, dona da mesma simplicidade e pureza que presidiram a sabedoria dos filhos de Agar do Brasil-Cabôclo ao identificarem o Senhor do Bomfim como Oxalá, Santo Antonio como Ogum, Nossa Senhora como Iansã — os orixás pelos Santos.

— Repudiando teu Amo, negra malagradecida, tornava Nhô Catolê furibundo! — Ou tu tôma tenência e cede ou vou te dar uma pisa que vai quebrar essa petulância pro resto da tua vida, se tu ainda sair viva dessa coça!...

Vidinha continuava na mesma posição, orando, sem nada responder. Tal passividade indignou ainda mais o Senhor que, ao suspender o rêlho em parocismo de ira para desancar a mucama, falseou o pé e estatelou-se no massapê úmido de orvalho. O zunido da tala cortando o ar avolumou-se estranhamente, tornou-se em silvo agudo e penetrante, enquanto, aos olhos esbugalhados de pânico de Aristeu Bernardino Albuquerque Roca e Tolêdo, a chibata escapou-se-lhe das mãos e as suas três pontas de couro torcido acenderam-se em línguas de fogo, flutuando no espaço e dançando um baile macabro. Céleres, as três labaredas de cintilante brilho correram parelhas até o riacho, de lá para o canavial em tempo de raio, voltando a Nhô Catolê acima de quem, agora, rodopiavam e faziam piruêtas de fogos de artifício, o silvo ensurdecedor ecoando no sino da Capela que danou-se a tocar sòzinho em diapassão de endoidecer.

— Biatatá !!! Biatatá !!! foi o berro terrífico com que o senhor-de-engenho identificou o malassombrado que o atormentava.

Tal como há trezentos anos o Padre Anchieta dera notícia, Biatatá, o fantasma então "chamado Baetatá, que quer dizer cousa de fogo, o que é o mesmo como se dissesse — o que é todo fogo", aí estava e não se via outra coisa senão os fachos cintilantes acometendo para matar, "como os Curupiras" [1].

Linguas de "fogo azulejo", mais compridas que grossas, pareciam dançar ou pular como caninanas em fúria e andavam passeando pelo ar, como o "Fôgo de Batatá" [2], o mesmo Boi-tatá das plagas do centro e do sul.

E iam e vinham as labaredas fantasmas, do rio ao canedo, de lá ao inerme Nhô Catolê, sempre silvando estridentes, o éco no sino badalando um pandemônio!...

Às vêzes, jutavam-se as três, transformando-se em grosso madeiro aceso em brasa — o "méuan" que incendeia e que faz morrer. [3]

Então, Aristeu Bernardino Albuquerque Roca e Tolêdo admitiu aterrorizado o mito ígneo, articulado aos punitivos, alma penada exemplificadora, lembrando os castigos do incesto e das uniões sacrílegas. [4]

Recordou, num agoniado lapso, da negra mina mãe de Vidinha, a quem certa vez possuira ao acaso no acêiro do canavial, como a tantas outras — aquela que estivesse à mão, ao sabor do apetite sexual.

Procurou Vidinha com os olhos. Não estava mais lá. Aproveitara-se de sua queda para fugir a tôda pressa em direção à Casa-Grande, onde, afinal, abrigára-se (nem sequer reparou no que estava acontecendo: o mal-assombrado só aparecia para Nhô Catolê, só a êle devia lembrar os castigos do incesto).

Aquela recordação da mãe de Vidinha... porque lhe atormentava em hora tão crítica?! Será que ... Podia ser, mesmo !!! Senão, porque Biatatá viera justo na hora em que estava assediando a mucama?!...

E o senhor-de-engenho, curado de súbito do piléque, arrependeu-se sincera e amargamente de ter feito aquilo com a afilhada. Grossas lágrimas subiram-lhe aos olhos vermelhos, desatou-se o nó de sua garganta e êle pediu, contrito, perdão a Deus, não só pelo malfeito do presente, como pelos muitos pecados da carne que pontilhavam o seu passado de devasso. Em fervorosa prece, agradeceu ao Senhor ter-lhe mandado Biatatá como aviso, para não cair no grande pecado. Reparou, então, que as três linguas de fogo sôbre sua cabeça iam se desdobrando em dez, em vinte, em trinta, mas cada vez de menor tamanho, bruxoleantes, sumindo-se, até se esvaecerem por completo, enquanto o sino da Capela silenciava e emudecia, também, o silvo misterioso.

Tudo agora estava em paz! O cri-cri dos grilos, o coachar dos sapos, o canto dos urutáus, a tranquilidade da noite que já era madrugada.

Nhô Catolê levantou-se estremunhado com enorme sensação de cansaço, a boca amargando, a cabeça lesa. Recolheu a chibata do chão, desconfiado, e caminhou cambaleante para casa. Lá, entrou no quarto e deitou-se na cama de jacarandá, ao lado da Senhora que nem se apercebeu de nada, no seu profundo sono entre os lençóis de linho.

Na manhã do outro dia, à mesa do café, em meio à balburdia alegre os comentários da festa da vespera — os hóspedes e os de casa matando saudades na palestra amiga e a mucama Vidinha servindo em silêncio o cuscús de milho, a tapioca, os manuês — Aristeu Bernardino Albuquerque Roca e Tolêdo, mais conhecido por Nhô Catolê, o senhor-de-engenho, pálido e trêmulo dos acontecimentos da noite, fêz, emocionado, a solene declaração:

— Aproveito todo o mundo aquí reunido da parentela para dizer, e todos ficarem sabendo, que a mucama Vidinha, minha afilhada — por ser boa de cora-

---

1) Dicionário do folclore brasileiro — Luiz da Câmara Cascudo — Rio — 1954.
2) Waldomiro Silveira — Mixuangos — «Fogo de Batatá» — R. Janeiro — 1937.
3) Couto de Magalhães — O Selvagem — Rio — 1876.
4) Dicionário do Folclore Brasileiro — Luiz da Câmara Cascudo — Rio — 1954.

ção e bem mandada dos amos; porque, na vivência desta Casa Grande, ficou tendo o bem querer da gente, sendo limpa e educada, temente a Deus e mansa de costume — fica agora mesmo livre para sempre do Cativeiro e, lhe sendo de preferência na sua escolha, continua morando aquí, mas em vez de mucama há de morar como filha, que é como eu e a Senhora lhe queremos. Vou assinar logo a Carta de Alforria, para ficar o dito no escrito.

PARA LES CONTAR A VIDA, SACO DA MALA O BANDÔNIO...

J. ALBUQUERQUE

PUBLICADO há mais de meio século — a primeira edição é de 1915 —, o poemeto campestre "Antônio Chimango", de Amaro Juvenal, pseudônimo do Dr. Ramiro Barcellos, ressalta hoje como um dos clássicos do regionalismo gaúcho e como um livro de mérito excepcional na poesia satírica brasileira. Sátira à personalidade e à atuação do Dr. Antônio Borges de Medeiros, chefe do Partido Republicano Riograndense e Presidente do Rio Grande do Sul, sucessivamente reeleito, o livro teria muito provàvelmente sido esquecido, não fôra o valor literário evidenciado pela originalidade da sua estrutura, a riqueza da sua poética regional e, sobretudo, o seu acêrto na fixação dos costumes da campanha riograndense.

Para avaliar o mérito do trabalho é preciso situá-lo na época do aparecimento e dar as coordenadas da personalidade do autor. O Dr. Ramiro Barcellos era um destacado político do seu Estado, com prestígio nacional. Deputado provincial, representante diplomático do Brasil no Uruguai, Constituinte de 1891, senador da República, êsse médico de profissão ostentava expressiva fôlha de serviços partidários, tanto na paz como na guerra. Homem de talento multiforme,

médico sanitarista de renome, jornalista combativo, poeta inspirado, parlamentar brilhante, tinha plena consciência do próprio valor. Tendo renunciado à senatória, em 1906, pretendeu voltar ao Senado, em 1915, numa vaga que se abrira na representação do seu Estado. Não contara, porém, com a resistência do Senador Pinheiro Machado, que desejava ver eleito o Marechal Hermes da Fonseca, até pouco antes Presidente da República. Indeciso no comêço, o Presidente Borges de Medeiros não tardou a fazer pender a balança para o lado do antigo presidente. Realizadas as eleições o Dr. Ramiro Barcellos viu-se derrotado, não obstante a intensa campanha que empreendera.

A derrota não o abate. Convencido de que a causa do revés fôra o chefe do seu partido, contra êle abre fogo. Escreve uma primeira sátira em prosa, "Profissão Fúnebre", que assina Amaro Juvenal. Mas o esfôrço não compensa e o livro pouca atenção desperta. O Dr. Ramiro Barcellos não desanima. Procura outro caminho para despertar o interêsse dos coestaduanos. Alia o estro aos grandes conhecimentos dos costumes da campanha riograndense, que percorrera, como médico vêzes sem conta, ouvindo as histórias do companheiro de viagem, o índio Lautério, rapsodo gaúcho, que não se cansava de cantar a terra natal. Parte, pois, para o poemeto campestre, o "Antônio Chimango", em cuja feitura se fundem o melhor da sua inteligência e o mais forte de sua paixão. Já o título é um achado, pois chimango é a denominação popular de um falconídeo, simples comedor de bichinhos e aproveitador de carniça, que não merece ser denominado gavião. Ao escrever, em poucos dias, o poemeto o autor não lograva sopitar as gargalhadas ante um achado feliz: uma sátira mais ferina, uma estocada mais funda.

Não cabe aqui ajuizar da crítica política, que o tempo, aliás, ajudou a esbater, mas apenas destacar o mérito excepcional da poesia regional e de costumes. Na oferta do Poemeto o autor prenunciava o duplo destino:

> Velho gaúcho — *Insaciável*
> De fazer aos mandões guerra,
> Por um pendor invencível —
> Seu amor — *Incorrigível*
> Às tradições desta terra.

O poemeto se desdobra em 213 sextilhas, reunidas em cinco rondas ou cantos. A palavra ronda designa, no Rio Grande do Sul, a parada noturna das tropas de gado, para descanso dos animais que, uma vez recolhidos, liberam os peões que não estão de guarda, para reunir-se em tôrno ao fôgo chimarreando, conversando ou cantando. Cada ronda ou canto está subdividido em dois movimentos bem distintos e que formam reunidos dois poemas perfeitamente delineados: um descritivo, refere-se aos usos e costumes da terra; outro, satírico e alusivo, dá conta da história de Antônio Chimango, que nada mais é que o então Presidente do Estado.

A edição original apresenta as sextilhas de cada ronda relativas ao primeiro poema, o descritivo, compostas em itálico e as dedicadas ao segundo, o satírico em redondo. Para Augusto Meyer a originalidade dessa composição poética é realmente notável e não encontra modêlo ou exemplo na poesia gauchesca. Não há como negar a influência do "Martin Fierro", de José Hernandez: composição semelhante, coincidência de temas ou momentos poéticos. Mas, no estudo que dedicou ao "Antônio Chimango", adverte Augusto Meyer, com acuidade, que tal influência não afeta a originalidade do poemeto rio-

grandense. "Numa literatura de temas necessàriamente limitados, cuja modulação será restrita por fôrça das circunstâncias, ocorrem coincidências, fora de qualquer imperativo de imitação literária".

Abre-se a primeira ronda com a seguinte sextilha:

Antes da entrada do sol
Estava a tropa encerrada,
A porteira bem atada
Com cuidado e segurança;
Não vinha lá muito mansa
E era recém-apartada.

Assada e comida a carne, veio depois o chimarrão e começa o serão:

Um piá já bem taludo,
No ponto de assentar praça,
Disse assim, meio por graça:
"Isto é ronda relambória,
Quem quer contar uma história
Por um trago de cachaça?"

A resposta chega de pronto, por parte do tio Lautério, "mulato velho mui sério":

"Pois vá passando a botija,
Pra que lhe sinta o cheiro;
Ainda está muito terneiro
Pra bater aspa com outro;
No meio de tanto pôtro
Há de encontrar um parceiro".

Inicia, então, Lautério a sua história:

Para les contar a vida
Saco da mala o bandônio,
A vida de um tal Antônio,
Chimango — por sobrenome,
Magro como lobisome,
Mesquinho como o demônio"

E por aí afora vai Lautério, em 22 sextilhas da primeira ronda, que reunem alguns dos versos mais ferinos contra o personagem cujo destino, ainda criança, uma cigana presagiara:

"Êste, pois, que aqui se vê
C'um jeitinho de rapôsa,
Parece um Mané de Souza,
Mas isto é só na aparência;
Inda há de ter excelência,
Inda há de ser grande coisa."

Na segunda ronda diz de começo o autor:

Ninguém lamente o tropeiro
Porque leva vida ingrata,
Se na lida se maltrata,
Tem muita compensação:
Tropa mansa, bom rincão,
Ronda com luar de prata.

* * *

Assim pois que nesta noite
Foi grande o contentamento:
Tempo lindo, nenhum vento,
Mate e carne com fartura,
Lenha sêca e água pura
Não faltou no acampamento.

* * *

Em derredor do fogão
Cada qual foi se ajeitando,
Uns nas caronas deitando,
No lombilho, outros sentados.
Dois ou três acocorados,
Qu'inda estavam churrasqueando.

Volta Lautério à sua história, para dar conta do tempo de escola do Chimango:

Na Estância havia uma escola
Pr'os filhos da peonada;
Escola mui relaxada;

O mestre um velho borracho,
Que punha livros abaixo,
Mas, pouco ensinava ou nada.

E, para mostrar como era o ensino do a-b-c, Lautério descreve a lição:

Êste é o A, primeira letra,
Que conhecer muito importa;
Veja bem que não é torta;
É a primeira que se ataca,
Tem um feito de barraca
C'um pau cruzado na porta. .

* * *

Esta é B, tem dois mamulos,
E, para nunca esquecê-lo,
Lembre-se dum pessuelo,
Na garupa atravessado,
Um bôlso pra cada lado
E um travessão pra sustê-lo.

* * *

Menino preste atenção;
Não se ponha a olhar pra rua,
Que o meto já na cafua;
Entende, vossa mercê?
Est'outra letra é o C;
A forma é de meia lua.

A terceira ronda descreve a tempestade que se avisinha:

Lá pras bandas do poente
Formou-se uma barra escura;
A felicidade não dura
E é china que não se roga;
Não há maneira nem soga
Que a possa manter segura.

* * *

Se ouvia ao longo um ruído
Como de couro arrastando,
Ou de uma roda passando
No tablado de uma ponte;
E se aproximava um monte
De nuvens negras rolando.

* * *

O temporal era certo.
Quem isto sabe não erra:
Um cheirinho ansim de terra,
Que vem de lá não sei donde,
Avisa que não se ronde,
Mas que se busque uma encerra.

Obtida uma guarida em uma estância, antes que o temporal desabasse, terminados os encargos dos tropeiros, prossegue o cantador, descrevendo agora a estância de São Pedro e exalta o seu proprietário o Coronel Prates (representando o Dr. Júlio de Castilhos, que iniciara o Dr. Borges de Medeiros na política):

Era um home de respeito,
Trabalhador, camperaço;
Tinha firmeza no braço,
Na vista a mesma firmeza;
Pois, era aquela certeza
Quando sacudia o laço!

* * *

Se aparecia algum gringo
D'êsses que vem lá d'Oropa
Que não é qualquer que topa
E que entende o idioma,
Pra o coronel era broma:
O mesmo que fazer tropa.

Ali vivia o Chimango, sob a proteção do padrinho, o Coronel Prates, entregue às tarefas recebidas:

Socar quirera pros pintos,
Dar milho aos galos de rinha,
Apalpar cada galinha
Pra ver as que tinham ôvo;
Ouvir o que dizia o povo
Miúdo lá da cozinha.

A quarta ronda mostra a tropa enfrentando uma chuva forte:

Quando o tempo assim desaba
E a chuva bate de açoite,
Não há peão que se amoite
Ou se deite na macega;
Porque a tropa não sossega,
Quer de dia, quer de noite.

* * *

Arisca e redemoinhando
A tropa estava arenguêra,
Se não fôsse tão campêra
A peonada e de truz,
Tinha o dono feito cruz
Na marca e feito proquêra.

* * *

O Lautério era o ponteiro
E êste tinha caracu;
Num proviso se pôs nu,
Era como capivara,
E guasqueando o malacara
Com seu rabo de tatu.

* * *

O gado foi descambando,
Que a correnteza era forte;
Mas o dia era de sorte
E o Lautério, buenacho,
Ganhou pôrto logo abaixo
Com todo o primeiro corte.

À noite, embora grande o cansaço, Lautério recomeça a história, pois cantando é que descansa:

Esta é uma das partes mais expressivas do poemeto, pois o Coronel Prates, decidido a fazer do afilhado o capataz da estância, resolve prepará-lo para a função: pondo-lhe um retôvo:

O retôvo são conselhos
E normas de proceder,
Que tu precisas saber
E conhecer bem a fundo.
Todos vivem neste mundo,
Mas, poucos sabem viver.

Os conselhos começam a surgir, dados pelo Aureliano, "pardo velho muito antigo, espécie de relicário de família, muito amigo":

Quando um êrro cometeres
(O que bem se pode dar)
Não deves ignorar
Como se sai da rascada:
A culpa é da peonada;
O patrão não pode errar.

* * *

A regra é — cabresto curto —
Pra ter tudo nos seus eixos;
Sofrenção pelos queixos,
De vez em quando, convém...
Mesmo aos que procedem bem,
Queixa-te dos seus desleixos.

* * *

Cada qual tem seu fraco
E também sua pereva,
É por aí que se os leva,
Mas, sem dar a perceber;
Está tudo em se meter
Com jeito o porco na ceva.

* * *

Não percas isto de vista:
C'os cotubas ter paciência,
C'os fracos muita insolência,
Com milicos muito jeito;
Não ter amigos — do peito;
Nisto está tôda a ciência.

Na quinta ronda a parte descritiva dá conta do estouro da boiada: "amigos é coisa feia quando uma tropa dispara":

Era só aspa batendo
No meio da escuridão,
Tropel das patas no chão,
Os gritos de — volta! volta!
Como um raio que se solta
Do ribombo de um trovão.

* * *

Nas trevas negras da noite
O gaúcho destemido
Corre, seguindo o ruído,
Sem mêdo ou temor da morte;
E vai, sem rumo e sem norte,
Guiado só pelo ouvido.

* * *

Não tem que esperar socorro
Naquele imenso perigo;
No cavalo tem o amigo
Em quem se póde fiar
E, no mais, é atropelar,
Contando apenas consigo.

Dominado o estouro, reunidos os animais, "tudo ficou arranjado para uma noite de sossêgo", com o dono de uma invernada:

O tal dono da invernada
Tinha também um boliche,
Negocinho muito miche,
Fumo, cachaça e mais nada;
E, de noite, a peonada
Veiu ali, de ponto fixe.

Lautério canta, então, pela última vez para terminar a "história do tal Chimango". Morreu o Coronel Prates e o afilhado acabou apossando-se da estância:

Pobre Estância de S. Pedro
Que tanta fama gozaste!
Como assim te transformaste
Dentro de tão poucos anos,
De destinos tão tiranos
Não há ninguém que te afaste!

Lautério descreve o quadro de desolação a que ficou reduzida a propriedade e, através do seu canto, o autor do poemeto lança uma derradeira farpa: ao adversário "que tem outra religião, na qual anda enfeitiçado"

E n'essa tal bruxaria,
Em vez de Nossa Senhora
Uma outra mulher adora
Que tem um nome estrangeiro;
(Em português é — perneiro —,
Segundo ouvi cá por fora).

E assim, o cantador fecha a sua história:

E aqui le ponho o arremate
Na presilha desta história.
Que um outro tenha a vitória
De cantar n'algum fandango
O mais que fêz o Chimango
Pra levar S. Pedro à Glória.

Mesmo descontando a paixão que inspirou a sátira e até negando a validade da crítica político-administrativa que nela se inscreve, não há como deixar de admirar a beleza, o vigor e o ardente amor ao Rio Grande que os versos do Dr. Ramiro Barcellos encerram. E num tal grau que os anos, cujo passar tende a esbater o vigor da sátira, só tem contribuído para mais elevar a fôrça da parte descritiva dos usos e costumes dos gaúchos, tão bem expressos no poemeto campestre.

A RESSURREIÇÃO DO AÇÚCAR

TOBIAS PINHEIRO

EM junho de 1967, esta Revista — já habituada a levar aos cinco Continentes as novidades sôbre o açúcar no Brasil — chegou ao Maranhão levando um trabalho dêste seu colaborador, assim intitulado: "Lei Áurea Liquidou com os Engenhos de Minha Terra". A pretensão foi demonstrar a falta de braços para o trabalho, então rudimentar, mas nem por isso inválido. O açúcar era exportado até para a Inglaterra. O Maranhão desfraldava a bandeira como Província respeitada graças a seu comércio e sua indústria. Em conseqüência de tal progresso, quase orgulho, vinha a projeção de seus filhos nas letras e na política.

Aquêle trabalho era um retrospecto histórico, sem pretensões de pesquisa mais profunda, mas tão sòmente uma demonstração do que representava a indústria canavieira da velha Província, até que chegasse a libertação dos escravos. E nunca contra essa alforria. Até me bateria por ela, se voltasse ao tempo. Ainda no 13 de maio, êste ano, quando recebi, na Academia Guanabarina de Letras, o Escritor Diomedes Santos, lembrei que, a partir de 1888, o branco que nos legou a civilização, o índio — primeiro dono da terra, e o prêto, com o trabalho forçado, tornaram-se os três no mesmo brasileiro, com iguais dotes de liberdade, porque a Pátria não admitiria mais, dali em diante, nem servilismo, nem servidão.

Preconizei, então, e lá se vão três anos, a ressurreição do produto, porque "120 anos depois de Franco de Sá dar estímulo (e até prêmios) ao cultivo da cana-de-açúcar, surge um nôvo Governador no Maranhão — o Sr. José Sarney —, abrindo linhas-de-frente para atrair capitais e estimular a agricultura ao lado

da indústria". Falei, também, sôbre a Barragem de Boa Esperança, no rio Parnaíba, que iria produzir fôrça energética para a revitalização do progresso. E a hidrelétrica já está funcionando.

O maranhense, distanciado há um quarto de século de sua cidade natal — o Brejo —, agora festejando centenário, desconhecia que ali perto, no antigo Garapa, em verdadeira correlação com seu destino, a garapa (caldo de cana) iria restaurar a produção de açúcar no Maranhão, graças ao trabalho dinâmico da família Bacelar, que se tornou, com a nova mentalidade de grandeza, em fôrça propulsora do desenvolvimento, na longínqua margem esquerda do Parnaíba.

É ali, nos municípios de Coelho Neto, terra do Escritor Pedro Novais, e de Duque Bacelar, que vamos encontrar a Usina Itapirema, coisa de causar, a um tempo, espanto e orgulho a quem considere o Norte, sobretudo o Maranhão, um imenso vazio, com terras férteis, mas abandonadas. Essa usina é a mais categorizada do médio ao extremo Norte, certamente a única aparelhada eficientemente na região.

À frente do grupo que está fabricando açúcar, colocando de lado os engenhos rudimentares, só úteis para a produção de rapadura e aguardente, está o Sr. Raimundo Emerson Machado Bacelar, homem que se impôs, como Deputado, na Assembléia Legislativa do Estado, bem antes de completar 30 anos de idade, e se tornou, depois, como empresário, sempre bafejado pelo êxito, em pioneiro, levando a televisão para a Capital e a indústria de base para o Interior do Estado.

Datam de 1943 os primeiros contatos que mantive com Raimundo Bacelar. Era êle, na época, o jovem de 16 anos, que concluía o primeiro ciclo do curso médio, no Ginásio Leão XIII, em Teresina, ao lado de Wilson do Egito Coelho, José de Ribamar Pacheco, Bernardino Viana, José Luís Melo Forte e outros, destacando-se, é claro, Maria Osita. Naquele tempo, foi por ela que minha inspiração de ex-seminarista surgiu, em forma de rimas, e foi com ela, agora em julho, que festejei bôdas-de-prata, já com o primogênito Pastor Adventista, casado, a enfrentar a vida nos Estados Unidos, tendo sòmente a Bíblia como ferramenta.

Concluído o curso ginasial, Raimundo Bacelar publicou uns versos na "Voz do Estudante", revista de seu colégio, e deu adeus aos bancos escolares, passando a ser o professor de si mesmo. Voltou para Coelho Neto, ou melhor, para o Garapa, a fim de trabalhar ao lado do pai, o Coronel Duque Bacelar, cujo nome seria dado, mais tarde, ao nôvo município, criado graças ao trabalho do filho, como parlamentar, através da Lei Estadual n.º 1.294, de 7 de dezembro de 1954. Os irmãos, depois, seriam doutôres. Êle, não. Êle continuaria sendo, também, professor dos irmãos.

Foi com muitas festas que, no dia 1.º de janeiro de 1955, foi instalado o nôvo município de Duque Bacelar. Agora, restava ao filho, após a vitória na homenagem ao pai, projetar a cidade aos olhos do Brasil. Não seria fácil, dada sua constante presença na Capital. Raimundo Bacelar adota, porém, princípios de La Blanche: "O difícil pode ser realizado hoje e o impossível será realizado amanhã". Abandonou a política partidária e adotou a política universal, onde se trabalha, por todos, indistintamente.

As terras estavam lá, quase abandonadas. O babaçu apodrecia aos pés das bonitas palmeiras. E cresciam novas palmeiras, cujos palmitos eram dados aos animais, quando são hoje exportados para a Europa. As mulheres quebrando côco a machado, não davam conta do aproveitamento das amêndoas. A cana, caiana ou rôxa, servia apenas para aguardente e rapadura. Era preciso ir à terra, pôr as mãos na terra, aproveitar a terra.

Os homens estavam lá, quase abandonados. À falta de trabalho, comiam rapadura com farinha e bebiam aguardente para esquecer os tormentos da vida. Aos 30 anos de idade, já pareciam sexagenários. As doenças comuns, mazelas que à falta de sanitarismo proliferavam, tornavam-se crônicas. Era preciso ir aos homens, salvar os homens, aproveitar os homens.

Foi o que Raimundo Bacelar fêz. Chamou técnicos, elaborou planos e criou, em 1965, a Usina Itapirema em Duque Bacelar. A princípio, quase todos duvidavam que aquilo fôsse dar certo. —

"Isso é coisa de louco" — diziam uns. Outros asseguravam: — "Está gastando dinheiro à-toa". Alguns comentavam que a terra era fraca e a cana, ali, sòmente servia para aguardente e rapadura... Mal sabiam que, com a usina, vinham sementes especiais, adubagem para a terra e técnica para o trabalho.

Sob o mesmo céu azul, como diziam os românticos, apareceu um nôvo tapete verde no solo maranhense, pondo em descrédito os que afirmavam que as terras eram mais cansadas do que o próprio caboclo. Êste, por sua vez, com assistência social e médico-farmacêntica, com escolas para os filhos, com o pão para o lar, arremeteu-se ao trabalho, revitalizado não com a esperança da promessa, mas com a certeza da realização. Hoje, a Usina Itapirema está cercada por um grupo de indústrias. Carros tanques dali saem, diàriamente, distribuindo álcool anidro puro, de 96 graus, por todo o Maranhão e Piauí. De igual forma, frotas de caminhões distribuem açúcar cristal em tôdas cidades do Norte, onde permitem as rodovias. A região tornou-se próspera. O Banco Nacional de Habitação está financiando, ali, a construção de 300 unidades residenciais. Um hotel de alta categoria está sendo construído para receber técnicos, contratados até no Exterior, e empresários que pretendam conhecer o que se vem fazendo pelo aproveitamento da terra e pelo engrandecimento da região. Não apenas conhecer, sobretudo inverter capital numa emprêsa que dê lucro.

A Usina Itapirema, com apenas cinco anos de atividades, já tem condições de produzir 500 mil sacos de açúcar por safra e cêrca de 10 mil litros de álcool por dia. O bagaço da cana, outrora atirado ao lixo, encontra seu natural aproveitamento na Cepalma, outra emprêsa do grupo, para a fabricação de celulose, papel e papelão. E não fica aí: há um projeto com o objetivo de ser aproveitado o melaço e a vinhaça na produção de farinha de proteína, de consumo garantido na região, onde o gado ainda se ressente de tal alimento.

Justamente quando a produção de açúcar, no Brasil, estava quase em fase estacionária e após se registrar, na história, a morte de sua fase áurea no Maranhão, apareceu o Grupo Bacelar trabalhando em silêncio e conseguindo sua ressurreição. De 1967 para cá, tôdas as vêzes que me escreve, ou sempre que se encontra comigo, como aconteceu na viagem do Presidente Médici ao Piauí, a Jornalista Genu de Morais Corrêa, colunista dos "Diários Associados" do Maranhão e com programa na televisão do Grupo Bacelar, em São Luís, insiste para que eu visite Itapirema. Na verdade, minhas atividades na imprensa carioca, preterem-me até de ir ver meu Brejo centenário, onde se ouviu por último o Grito do Ipiranga e onde Benedito Leite, em 1882, criou o primeiro Clube Abolicionista do Maranhão.

Daí, êste reencontro com minha terra e minha gente, apenas através de BRASIL AÇUCAREIRO. Daí, êste reencontro com Raimundo Bacelar, que regressa do Japão, onde foi ver a EXPO-70 e tomar conhecimento de novas máquinas e de novas técnicas para ampliar seu parque industrial. Daí, êste trabalho escrito à revelia do Diretor-Presidente do Grupo Bacelar, que jamais o autorizaria, tanto pelas imprecisões nêle existentes, quanto por ter sido elaborado mais com o coração.

Raimundo Bacelar jamais autorizaria a publicação dêste trabalho numa revista por excelência especializada, porque uma das características do empresário é não querer sobressair-se entre os demais membros da diretoria que preside. Faz até lembrar o Grupo Artex, indústria textil de Santa Catarina, já agora com uma filial moderníssima no Paraná, porque ali não há diretor-presidente. Todos têm igual voz de comando, igual fôrça em suas iniciativas. Todos por um e um por todos. Pelo menos foi isto que vi, quando fui, a convite, assistir à inauguração de sua indústria, em março dêste ano, em São José dos Pinhais, a 60 quilômetros de Curitiba. Talvez por isso a Artex seja a maior exportadora de toalhas e roupas de uso doméstico na América Latina, absorvendo o mercado de tal forma que assombra os empresários norte-americanos.

Pois bem. Raimundo Bacelar destaca a racional equipe administrativa da Usina Itapirema, "com a permanente presença de três engenheiros agrônomos e outros elementos de alto gabarito, atin-

gindo elevado índice de racionalização agrícola e resultados industriais do mais alto rendimento".

— "A adubagem do solo e a escolha de sementes especiais, de espécies nobres, de canas-de-açúcar plantadas em todo o mundo — diz êle — têm sido nossa constante preocupação". E, da maneira como cresce a produção de açúcar, na Usina Itapirema, concluo que, em dia não distante, Raimundo Bacelar pode muito bem distribuir êste anúncio: "Onde a vida não é amarga, o açúcar do Maranhão está presente".

bibliografia

FOLCLORE DA CANA-DE-AÇÚCAR

ALENCAR, Edigar de — Bebida destra-va-língua. *O Dia,* Rio de Janeiro, 10 jul. 1969. I Cad. 13.

ALMEIDA, Renato — Folclore dos vegetais. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 68 (3): 17-18, set. 1966.

ANDRADE, Mário — Os eufemimos da cachaça. *Hoje,* São Paulo. 75: 1, ab. 1944.

ARAUJO, Alceu — Maynard — Os chupadores de cana do nordeste. *Diário da Noite,* São Paulo, 9 set. 1953. 2.º cad. 2, 2. ed.

BARRETO, Luiz Antônio — Cachaça; mais que um verbete. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74 (2): 32-5, agô. 1969.

BASTIDE, Roger — Présence de l'Afrique; rencontre des races et des civilisations. In: ——*Brésil, terre des contrastes* |Paris| Hanchette, 1967. Cap. 4 p. 84-107.

BASTOS, Júlio de Miranda — No pau-brasil e na cana-de-açúcar as raízes do folclore brasileiro. In: —— *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74 (2): 130-36. agô. 1969.

BELLO, Júlio — Festas e funções de engenho no meu tempo de menino. Bumba-meu-boi. Mamulengo. Pastoril. São João, início da safra. In: —— *Memórias de um senhor de engenho.* Rio de Janeiro, José Olímpio, 1938. Cap. 7. p. 222-25 (Coleção documentos brasileiros, v. 2).

BRANDÃO, Adelino — Diabo, mulher e cachaça. *Jornal do folclore,* São Paulo. 1 (4): 8, ab. 1960.

BRANDÃO, Theo — Condenação da cachaça. *O Jornal,* Rio de Janeiro, 2 maio 1951. Rev. 1.

BRANDÃO, Theo — A vingança da cachaça. *Brasil açucareiro.* Rio de Janeiro, 72 (2): agô. 1968.

BUNSE, Heinrich A. W. — A cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul (notas lingüísticas-etnográficas). *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74: 18. agô. 1969.

BUNSE, Heinrich A. W. — A terminologia da cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul. *Revista brasileira de filologia,* Rio de Janeiro. 2(3) dez. 1957.

CALASANS, José — Aspectos folclóricos da cachaça. *Revista de Aracaju,* Sergipe. 1 (1): 86, 1915.

CÂMARA CASCUDO, Luís da — Cana caiana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70 (2): 18-20, agô. 1967.

CÂMARA CASCUDO, Luís da — *Tradições populares da pecuária nordestina.* Rio de Janeiro, I.A.A., 1956. 78 p. il. 26 cm. (Brasil. Serviço de informações agrícolas. Documentário da vida rural. n. 9).

COSTA FILHO, Miguel — *Cana-de-açúcar em Minas Gerais,* Rio de Janeiro, I.A.A., 1963. p. 188.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel — Aspectos lingüísticos da economia açucareira. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 28 (4): 396-8, out. 1946.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel — O banguê e o folclore. In: —— *Banguê nas Alagoas.* Rio de Janeiro, I.A.A., 1949. Cap. 6, p. 246-74.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel — Motivos de açúcar no folclore. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro, 30 (4): 452-54, out. (5): 586-88, nov., 1947.

DUARTE, Celma Áurea — O folclore da cana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro, 74 (2): 23-31, agô. 1969.

ELY, Roland — La alta sociedad. In: —— *Cuando reinaba sua majestad el azucar.* Buenos Aires, Sulamericana |c. 1963| Cap. 29, p. 743-66.

ESTALA, Raimundo — Pequena contribuição ao folclore da cana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 26 (5): 532-33, nov. 1945.

FERNANDES, Aníbal — Catende, município. In: — *Um senhor de engenho pernambucano* | Rio de Janeiro, O Cruzeiro | 1959. Cap. 13, p. 93-9.

FREYRE, Gilberto — A cana e os animais. In: —— *Nordeste, aspectos da influência da cana sôbre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. (Coleção documentos brasileiros, n. 4).

GRIZ, Jayme — Assombração na mata-virgem. *Brasil açucareiro.* 72 (2): 60-2, agô. 1968.

GRIZ, Jayme — *O cara de fogo (contos).* Recife, Museu do Açúcar, 1969. 170 p. 22,5 cm.

MOTA, Mauro — Santos nos engenhos de Pernambuco. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70 (6): 16-8, dez. 1967.

NEVES, Guilherme Santos — *A Chula da cachaça* — versões capixabas. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 51-4, agô. 1968.

ORNELLAS, Manoelito de — O delírio de eldorado. In: —— *Um bandeirante da Toscana (Pedro Morganti na lavoura e na indústria de São Paulo).* São Paulo, Edart, 1967. Cap. 9. p. 841 101.

PASSOS, Claribalte — A cana-de-açúcar no folclore. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 68 (2): 10-11, agô. 1966.

PINHEIRO, Tobias — Os fantasmas de minha terra. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 97-9. agô. 1968.

PINHO, Wanderley — A fábrica. In: —— *História de um engenho do recôncavo. Matoim. Novo. Caboto. Freguezia. 1552-1944,* Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946. p. 133-149.

RABELLO, Maurício — Devoção e superstição do nordeste. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70 (2): 50-3, agô. 1967.

RABELLO, Sylvio — Doenças e meizinhas de povoado canavieiro. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 70 (2): 24-6, agô. 1967.

RABELLO, Sylvio — Estórias contadas por negras de cozinha. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74 (2): 36-40, agô. 1969.

RABELLO, Sylvio — O jumento e os engenhos sertanejos. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 44-7, agô. 1968.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges — Corpo sêco, bebedor de cachaça. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 96-8, agô. 1968.

RODRIGUES, An'Augusta — Poesia do trabalho na agroindústria do açúcar; Campos — S. João da Barra. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74 (2): 12-17, agô. 1969.

SALLES, Vicente — Cachaça, pena e maracá — *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 74 (2): 46-55, agô. 1969.

SALLES, Vicente — Folclore da região canavieira do Pará. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 9-15, agô. 1968.

SETE, Mário — Mensageiros fiéis dos engenhos. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 30 (2): 208-9, agô. 1947.

SIQUEIRA, Baptista — Engenho de pau. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 72 (2): 73-6, agô. 1968.

SIQUEIRA, José — A música brasileira no ciclo da cana-de-açúcar. *Brasil açucareiro.* 65 (3): 79-89, 1965.

SODRÉ VIANA, — Breves considerações sôbre um velho tema. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 23 (6): 541-2, jun. 1944.

SODRÉ VIANA, — Moreira Cesar no folclore da cana. *Brasil açucareiro,* Rio de Janeiro. 25 (2): 152, agô. 1945.

SOUTO MAIOR, Mário — A propósito de cachaça: o "tira-gôsto" e suas variações. *Brasil açucareiro.* Rio de Janeiro. 71 (4): 15-7, abr. 1968.

DELEGACIAS REGIONAIS DO I. A. A.

RIO GRANDE DO NORTE:

Av. Duque de Caxias n.º 158 — Ribeira — Natal.

PARAÍBA:

Praça Antenor Navarro, 36/50 — 2º andar — João Pessoa

PERNAMBUCO:

Avenida Dantas Barreto, 324 — 8º andar — Recife

SERGIPE:

Pr. General Valadão — Galeria Hotel Palace — Aracaju

ALAGOAS:

Rua do Comércio, ns. 115/121 - 8º e 9º andares — Edifício do Banco da Produção — Maceió

BAHIA:

Av. Estados Unidos, 340 - 10º andar - Ed. Cidade de Salvador — Salvador

MINAS GERAIS:

Av. Afonso Pena, 726 — 21.º andar — Caixa Postal 16 — Belo Horizonte

ESTADO DO RIO:

Praça São Salvador, 64 — Caixa Postal 119 — Campos

SÃO PAULO:

R. Formosa, 367 - 21º — São Paulo

PARANÁ:

Rua Voluntários da Pátria, 475 — 20º andar — C. Postal, 1344 — Curitiba

DESTILARIAS DO I. A. A.

PERNAMBUCO:

Central Presidente Vargas — Caixa Postal 97 — Recife

ALAGOAS:

Central de Alagoas — Caixa Postal 35 — Maceió

BAHIA:

Central Santo Amaro — Caixa Postal 7 — Santo Amaro

MINAS GERAIS:

Central Leonardo Truda — Caixa Postal 60 — Ponte Nova

ESTADO DO RIO:

Central do Estado do Rio — Caixa Postal 102 — Campos

SÃO PAULO:

Central Ubirama — Lençóis Paulista

RIO GRANDE DO SUL:

Desidratadora de Ozório — Caixa Postal 20 — Ozório

MUSEU DO AÇÚCAR

Av. 17 de Agôsto, 2.223 — RECIFE — PE

LIVROS À VENDA NO I.A.A.

— ANUÁRIO AÇUCAREIRO — Safras 1953/54, 1954/55, 1955/56; Safras 1956/57 a 1959/60 e 1960/61 a 1965/66. — Cada volume NCr$ 5.00

— DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO AÇÚCAR — Vol. I (ESGOTADO — Legislação; Vol. II — Engenho Sergipe do Conde; Vol. III — Espólio de Mem de Sá — Cada Volume .... NCr$ 8.00

— LEGISLAÇÃO AÇUCAREIRA E ALCOOLEIRA — Lycurgo Velloso — 2 vols. — c/vol. .... NCr$ 4.00

— MISSÃO AGROAÇUCAREIRA DO BRASIL — João Soares Palmeira .... NCr$ 2.00

— TRANSPORTES NOS ENGENHOS DE AÇÚCAR — José Alipio Goulart .... NCr$ 4.00

— O MELAÇO, sua importância com especial referência à fermentação e à fabricação de levedura — Hubert Olbrich (trad do Dr. Alcides Serzedello) Volume .... NCr$ 4.00

— PRELÚDIO DA CACHAÇA — Luís da Câmara Cascudo .... NCr$ 5.00

— PRINCIPAIS VARIEDADES C. B. — (Separata) .... NCr$ 1.00

— AÇÚCAR — Gilberto Freyre .... NCr$ 12.00

Com açúcar e com amor.

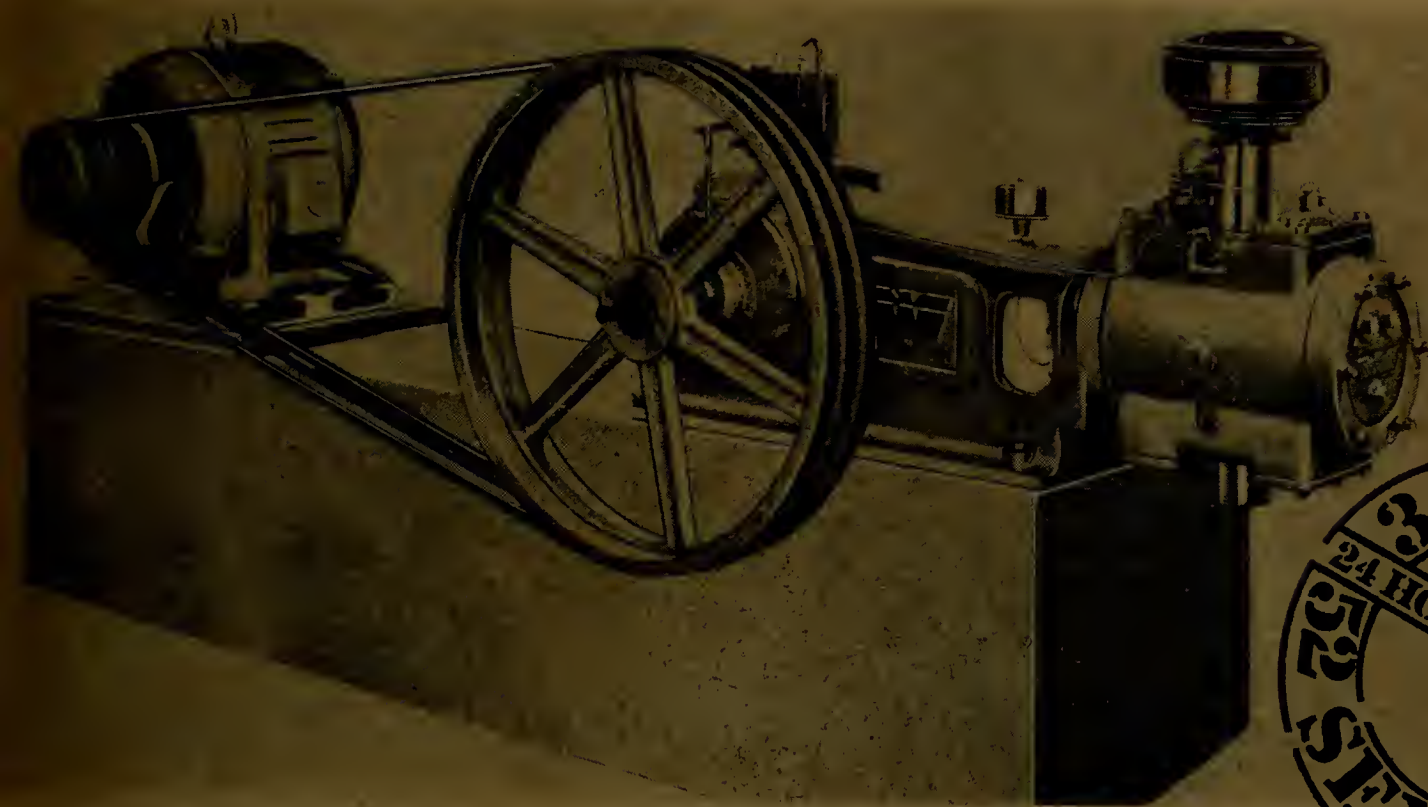
Amor que não discrimina nem gordos, nem magros. Amor que está ligado à personalidade, ao jeito-de-ser de cada pessoa. E que depende, isso sim, de se estar de-bem com a vida. Nesse ponto, o açúcar é importante. Porque é o energético mais natural que existe.

Além disso, açúcar ajuda você a controlar o seu apetite (não é por isso que as mães não deixam que as crianças comam doces antes das refeições?). Com açúcar, você fica alimentado e pode até controlar melhor o seu pêso – se isso é importante para você.

O fato é que você necessita de energia, e açúcar é energia. Quanto ao amor, só uma coisa é verdadeira: um homem cansado e sem ânimo nem pensa em amar, não é certo?

Açúcar é mais alegria!
Açúcar é mais energia!

Colaboração da Cooperativa Central dos Produtores de Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo

A Worthington fabrica o 1º compressor brasileiro com mentalidade de patrão.

Garantia todo compressor tem. Resta saber por quanto tempo e em que condições.
Feliz de quem compra um HB da Worthington. Sabe que vai ter tranquilidade. Nossa garantia continua valendo, mesmo que você ponha o HB trabalhando 24 horas por dia...
O compressor industrial HB é atualmente fabricado na faixa de 25 a 60 HP. Trabalhando como o HB trabalha, sua garantia equivale a pelo menos três vêzes mais a das outras marcas.

São ideais para indústrias médias e até mesmo para grandes indústrias. O HB fùnciona em baixa rotação e é refrigerado a água.
Êle será seu sócio, sem exigir participação nos lucros.

WORTHINGTON S.A. (MÁQUINAS)

Rio de Janeiro - Rua Araújo Pôrto Alegre, 36 - 10.º andar - Tel.: 232-4394 • **São Paulo** - Av. Angelica, 1968 - Tel.: 256-0011 • **Pôrto Alegre** - Rua Câncio Gomes, 244 Tel.: 22-2227 • **Salvador** - Rua da Grécia, 8 - 4.º andar - Tel.: 2-2374 • **Recife** - Avenida Dantas Barreto, 576 - 10.º andar - Edifício AIP - Conjunto 1002/1003 - Tel.: 4-2276.

Êle trabalha dia e noite sem parar.